

Élisée Reclus



HISTÓRIA DE UM RIACHO



Élisée Reclus

HISTÓRIA DE UM RIACHO

1869

ÍNDICE

CAPÍTULO I - A NASCENTE	4
CAPÍTULO II - A ÁGUA DO DESERTO.....	12
CAPÍTULO III - O TORRENTE DA MONTANHA.....	21
CAPÍTULO IV - A CAVERNA	25
CAPÍTULO V - O ABISMO	31
CAPÍTULO VI - A RAVINA	36
CAPÍTULO VII - AS FONTES DO VALE.....	41
CAPÍTULO VIII - AS CORRENTES E AS CASCATAS	48
CAPÍTULO IX - AS SINUOSIDADES E OS REDEMOINHOS	53
CAPÍTULO X - A INUNDAÇÃO	60
CAPÍTULO XI - AS MARGENS E AS ILHAS.....	66
CAPÍTULO XII - O PASSEIO	72
CAPÍTULO XIII - O BANHO.....	78
CAPÍTULO XIV - A PESCA	83
CAPÍTULO XV - A IRRIGAÇÃO	90
CAPÍTULO XVI - O MOINHO E A FÁBRICA	96
CAPÍTULO XVII - A BARCA E O COMBOIO DE MADEIRA	102
CAPÍTULO XVIII - A ÁGUA NA CIDADE	109
CAPÍTULO XIX - O RIO	114
CAPÍTULO XX - O CICLO DAS ÁGUAS.....	118

CAPÍTULO I - A NASCENTE

A história de um riacho, mesmo daquele que nasce e se perde na espuma, é a história do infinito. Essas gotículas cintilantes atravessaram o granito, o calcário e a argila; foram neve na montanha fria, moléculas de vapor na nuvem, espuma branca na crista das ondas; o sol, em sua trajetória diária, fez com que brilhassem com os reflexos mais intensos; a pálida luz da lua as tornou vagamente iridescentes; o raio as transformou em hidrogênio e oxigênio e, em seguida, com um novo choque, fez com que esses elementos primitivos se transformassem em água. Todos os agentes da atmosfera e do espaço, todas as forças cósmicas trabalharam em conjunto para modificar incessantemente a aparência e a posição da gotícula imperceptível; ela também é um mundo como os enormes astros que rolam nos céus, e sua órbita se desenvolve de ciclo em ciclo por um movimento sem descanso.

No entanto, nosso olhar não é vasto o suficiente para abarcar em sua totalidade o circuito da gota, e nos limitamos a acompanhá-la em seus desvios e quedas desde seu aparecimento na fonte até sua mistura com a água do grande rio ou do oceano.

Fracos como somos, tentamos medir a natureza à nossa escala; cada um dos seus fenômenos resume-se para nós a um pequeno número de impressões que sentimos. O que é o riacho, senão o local gracioso onde vimos a sua água correr sob a sombra dos álamos, onde vimos balançar as suas ervas sinuosas e tremular os juncos das suas ilhotas? A margem florida onde gostávamos de nos deitar ao sol sonhando com a liberdade, o caminho sinuoso que margeia o rio e que seguíamos com passos lentos olhando para o fio da água, o ângulo da rocha de onde a massa unida mergulha em cascata e se quebra em espuma, a fonte borbulhante, eis o que em nossa memória é quase todo o riacho. O resto se perde em uma névoa indistinta.

A fonte, sobretudo, o lugar onde o fio de água, até então escondido, se mostra de repente, eis o lugar encantador para o qual nos sentimos irresistivelmente atraídos. Que a fonte pareça dormir numa pradaria como uma simples poça entre os juncos, que borbulhe na areia brincando com os flocos de quartzo ou mica, que sobem, descem e ricocheteiam em um turbilhão sem fim,

que ela jorra modestamente entre duas pedras, à sombra discreta de grandes árvores, ou que ela se eleve com barulho de uma fenda na rocha, como não se sentir fascinado por essa água que acaba de escapar da escuridão e reflete tão alegremente a luz? Ao desfrutarmos nós mesmos do quadro encantador da natureza, é fácil compreender por que os árabes, os espanhóis, os montanheseiros dos Pirenéus e tantos outros homens de todas as raças e climas viram nas fontes os “olhos” através dos quais os seres encerrados nas rochas tenebrosas vêm por um momento contemplar o espaço e a vegetação. Libertada de sua prisão, a ninfa alegre olha para o céu azul, as árvores, os fios de grama, os juncos que balançam; ela reflete a grande natureza no azul claro de suas águas, e sob esse olhar límpido nos sentimos penetrados por uma ternura misteriosa.

Desde sempre, a transparência da fonte foi o símbolo da pureza moral; na poesia de todos os povos, a inocência é comparada ao olhar claro das fontes e a lembrança dessa imagem, transmitida de século em século, tornou-se para nós mais um atrativo.

Sem dúvida, essa água ficará mais poluída mais adiante; passará por rochas em ruínas e vegetais em decomposição; diluirá terras argilosas e se carregará com os resíduos impuros despejados por animais e homens; mas aqui, em sua bacia de pedra ou em seu leito de juncos, ela é tão pura, tão luminosa, que parece ar condensado: os reflexos mutáveis da superfície, as borbulhas repentinas, os círculos concêntricos das ondulações, os contornos indecisos e flutuantes dos seixos submersos revelam que esse fluido tão claro é realmente água, tal como os nossos grandes rios lamacentos. Ao nos inclinarmos sobre a fonte, ao vermos nossos rostos cansados e muitas vezes maus refletidos nessa onda tão límpida, não há nenhum de nós que não repita instintivamente, mesmo sem ter aprendido, a velha canção que os zoroastrianos ensinavam a seus filhos:

Aproxime-se da flor, mas não a quebre!

Olhe e diga baixinho: Ah! Se eu fosse tão bonito!

Na fonte de cristal, não atires pedras!

Olhe e pense baixinho: Ah! Se eu fosse tão puro!

Que encantadoras são essas cabeças de náiades, com cabelos coroados de folhas e flores, que os artistas helênicos esculpiram em suas medalhas, essas

estátuas de ninfas que eles ergueram sob as colunatas de seus templos! Quão agradáveis são essas imagens leves e vaporosas que Goujon soube, no entanto, fixar para os séculos no mármore de suas fontes! Que graciosa é também de se ver essa fonte que o velho Ingres capturou e quase esculpiu com seu pincel! Nada, ao que parece, é mais fugaz, mais indeciso do que a água jorrando sob os juncos; perguntamo-nos como uma mão humana pode ousar representar a fonte com traços precisos no mármore ou na tela; mas, seja escultor ou pintor, o artista só precisa olhar para essa água transparente, e, basta deixar-se penetrar pelo sentimento puro que o invade para ver aparecer diante de si a imagem mais graciosa e ao mesmo tempo mais firme em seus contornos. Lá está ela, bela e nua, sorrindo para a vida, fresca como a onda onde seus pés ainda se banham; ela é jovem e não pode envelhecer; mesmo que as gerações passem diante dela, suas formas serão sempre tão suaves, seu olhar sempre tão límpido, a água que jorra em pérolas de sua urna brilhará sempre com o mesmo esplendor sob o sol. Que importa se a ninfa inocente, que não conheceu as misérias da vida, não parece ter uma torrente de pensamentos na cabeça! Ela mesma, feliz, pensa pouco; mas sob seu olhar doce, pensamos ainda mais, prometemos ser sinceros e verdadeiros como ela e fortalecemos nossa virtude contra o mundo hediondo do vício e da calúnia.

Numa Pompílio, segundo nos conta a lenda romana, tinha como conselheira a ninfa Égeria. Sozinho, ele penetrava nas profundezas da floresta, sob a sombra misteriosa dos carvalhos; aproximava-se com confiança da gruta sagrada e, aos seus olhos, a água pura da cachoeira, com sua saia bordada de espuma e seu véu flutuante de vapores iridescentes, assumia a aparência de uma mulher belíssima e sorridente de amor. Ele falava com ela como um igual, ele, o frágil mortal, e a ninfa respondia com uma voz cristalina, à qual o murmúrio das folhas e todos os sons da floresta se misturavam como um coro distante. Foi assim que o legislador aprendeu a sabedoria. Nenhum ancião de barba branca saberia pronunciar palavras semelhantes às que saíam dos lábios da ninfa, imortal e sempre jovem.

O que nos diz essa lenda, senão que somente a natureza, e não o tumulto das multidões, pode nos iniciar na verdade; que para escrutinar os mistérios da ciência é bom retirar-se para a solidão e desenvolver a inteligência pela reflexão? Numa Pompílio e Égeria são apenas nomes simbólicos que resumem todo um período da história do povo romano, bem como de cada sociedade nascente; foi às ninfas, ou melhor, às fontes, às florestas, às montanhas, que, na

origem de toda civilização, os homens deveram seus costumes e suas leis. E mesmo que fosse verdade que a natureza discreta pudesse ter dado conselhos aos legisladores, que logo se transformaram em opressores da humanidade, quanto mais ela fez em favor dos sofredores da terra, para lhes devolver a coragem, consolá-los em seus momentos de amargura, dar-lhes uma nova força na grande batalha da vida. Se os oprimidos não tivessem podido renovar sua energia e reconstruir sua alma através da contemplação da terra e de suas grandes paisagens, há muito tempo a iniciativa e a audácia teriam sido completamente sufocadas. Todas as cabeças se curvavam sob a mão de alguns déspotas, todas as inteligências ficariam presas em uma rede indestrutível de sutilezas e mentiras.

Em nossas escolas e colégios, muitos professores, sem saber muito bem e mesmo acreditando estar fazendo o certo, procuram diminuir o valor dos jovens, tirando a força e a originalidade de seus pensamentos, dando a todos a mesma disciplina e a mesma mediocridade! Há uma tribo de índios americanos em que as mães tentam fazer de seus filhos homens de conselho ou guerreiros, empurrando suas cabeças para frente ou para trás com sólidas estruturas de madeira e fortes tiras; da mesma forma, os pedagogos se dedicam à tarefa fatal de moldar as cabeças de funcionários e súditos e, infelizmente, muitas vezes conseguem. Mas, após dez meses de cadeia, chegam os dias felizes das férias; as crianças recuperam sua liberdade; elas reveem o campo, os álamos da pradaria, os grandes bosques, a fonte já salpicada pelas folhas amareladas do outono; elas respiram o ar puro dos campos, renovam suas energias e os aborrecimentos da escola serão impotentes para fazer desaparecer de seus cérebros as lembranças da natureza livre. Que o colegial que saiu da prisão, cético e blasé, aprenda a seguir a margem dos riachos, que contemple os redemoinhos, que afaste as folhas ou levante as pedras para ver jorrar a água das pequenas fontes, e logo ele voltará a ser simples de coração, jovial e cândido.

O que é verdade para as crianças e os jovens não o é menos para todas as nações, ainda em sua adolescência. Por milhares e milhões, os “pastores dos povos”, traiçoeiros ou cheios de boas intenções, armaram-se com o chicote e o cetro ou, mais habilmente, repetiram, século após século, fórmulas de obediência para amolecer as vontades e embotar os espíritos; mas, felizmente, todos esses mestres que queriam escravizar os outros homens pelo terror, pela ignorância ou pela rotina impiedosa não conseguiram criar um mundo à sua

imagem, não souberam fazer da natureza um grande jardim de tangerinas chinesas com árvores torturadas em forma de monstros e anões, lagos esculpidos em figuras geométricas e rochedos ao último gosto; a terra, pela magnificência de seus horizontes, pelo frescor de suas florestas, pela limpidez de suas fontes, continuou sendo a grande educadora e nunca deixou de lembrar às nações a harmonia e a busca pela liberdade. Tal montanha cujas neves ou gelos se mostram no céu acima das nuvens, tal grande floresta na qual o vento rugiu, tal riacho que corre nas pradarias muitas vezes fizeram mais do que exércitos pela salvação de um povo. Foi isso que sentiram os bascos, esses nobres descendentes dos iberos, nossos antepassados: para permanecerem livres e orgulhosos, sempre construíram suas casas à beira de fontes, à sombra de grandes árvores, e mais do que sua coragem, seu amor pela natureza preservou por muito tempo sua independência.

Nossos outros ancestrais, os arianos da Ásia, também apreciavam as águas correntes e as veneravam desde o início dos tempos históricos. Vivendo no final dos belos vales que descem do Pamir, o “telhado do mundo”, eles sabiam usar todos os torrentes de água clara para dividi-los em inúmeros canais e transformar assim o campo em jardins; mas se invocavam as fontes, se lhes ofereciam sacrifícios, não era apenas porque a água faz crescer a relva e as árvores, dá de beber aos povos e aos rebanhos, era também, diziam eles, porque torna os homens puros, porque equilibra as paixões e acalma os “desejos desordenados”. Era a água que os fazia evitar o ódio e a ira insensata de seus vizinhos, os semitas do deserto, era ela que os salvava da vida errante, fertilizando seus campos e alimentando suas colheitas; foi ela que lhes permitiu, primeiro, colocar a pedra do lar, depois a muralha da cidade e, assim, ampliar o círculo de seus sentimentos e ideias. Seus filhos, os helenos, compreendiam qual tinha sido, na origem das sociedades, o papel iniciador da água, quando mais tarde construíram um templo e ergueram a estátua de um deus à beira de cada uma de suas fontes.

Mesmo entre nós, descendentes dos arianos, ainda subsistem aqui e ali vestígios da antiga adoração das fontes. Após a fuga dos antigos deuses e a destruição de seus templos, as populações cristãs continuaram em muitos lugares a venerar as águas que brotavam: assim, nas nascentes do Céfiso, na Beócia, vemos lado a lado as ruínas de dois ninfeus gregos com colunas elegantes e as pesadas construções de uma capela medieval. Na Europa Ocidental também igrejas e conventos foram construídos à beira de algumas

fontes; mas, em muitos outros lugares, os locais encantadores onde as primeiras águas brotam alegremente do solo foram amaldiçoados como lugares assombrados por demônios. Durante os dolorosos séculos da Idade Média, o medo transformou os homens; fazia-os ver figuras grotescas onde os antepassados tinham surpreendido o sorriso dos deuses; tinha transformado em antecâmara do inferno esta terra alegre que para os helenos era a base do Olimpo. Os magos negros, compreendendo instintivamente que a liberdade poderia renascer do amor pela natureza, tinham consagrado a terra aos gênios infernais; entregaram aos demônios e fantasmas os carvalhos onde antes habitavam as dríades e as fontes onde se banhavam as ninfas. Era à beira das águas jorantes que os espectros dos mortos voltavam para misturar seus soluços ao murmúrio queixoso das árvores e ao sussurro abafado da água contra as pedras; era ali que os animais selvagens se reuniam à noite e que o sinistro lobisomem ficava à espreita atrás de um arbusto para saltar sobre as costas de um transeunte e fazer dele sua montaria. Na França, quantas “fontes do diabo” e “gargantas do inferno”, evitadas pelos camponeses supersticiosos, e, no entanto, o que eles achavam infernal nessas fontes temidas era apenas a majestade selvagem de um local ou a profundidade sombria das águas.

Agora cabe a todos os homens que amam tanto a poesia quanto a ciência, a todos aqueles que desejam trabalhar em conjunto pela felicidade comum, levantar o feitiço lançado sobre as fontes pelo padre ignorante da Idade Média. É verdade que não adoraremos mais, como nossos ancestrais arianos, semitas ou ibéricos, a água que brota borbulhando do solo; para agradecer-lhe pela vida e pelas riquezas que ela dispensa às sociedades, não construiremos ninféios nem faremos libações solenes; mas faremos mais em honra da fonte. A estudaremos em seu fluxo, em suas ondulações, na areia que ela rola e na terra que ela dissolve; apesar das trevas, remontaremos seu curso subterrâneo até a primeira gota que escorre através da rocha; à luz do dia, a seguiremos de cascata em cascata, de meandro em meandro, até o imenso reservatório do mar onde ela se precipita; conheceremos o imenso papel que, por seu trabalho incessante, ela desempenha na história do planeta. Ao mesmo tempo, aprenderemos a utilizá-la de forma completa para a irrigação de nossas campinas e para a exploração de nossas riquezas, saberemos fazê-la trabalhar para o serviço comum da humanidade, em vez de deixá-la devastar as culturas e se perder em pântanos pestilentos. Quando finalmente compreendermos totalmente a fonte e ela se tornar nossa fiel parceira na obra de embelezamento do globo, então

apreciaremos ainda mais seu encanto e sua beleza; nossos olhares não serão mais os de uma admiração infantil. A água, assim como a terra que ela anima, deve nos parecer cada dia mais bela, desde que a natureza se recuperou, não sem dificuldade, de sua longa maldição. As tradições de nossos precursores, os cidadãos helenos que contemplavam com tanto amor o perfil das montanhas, o jorrar das águas, o contorno das margens, foram retomadas pelos artistas para toda a terra, assim como para a fonte, e graças a esse retorno à natureza, a humanidade floresce novamente em sua juventude e alegria.

Quando o renascimento dos povos europeus começou, um estranho mito se espalhou entre os homens. Contava-se que, longe, muito longe, além dos limites do mundo conhecido, existia uma fonte maravilhosa, que reunia todas as virtudes das outras fontes; não só curava, mas também rejuvenescida e tornava imortal. Multidões acreditaram nessa fábula e partiram em busca da água pura da Juventude, esperando encontrá-la, não na entrada do submundo, como as águas negras do rio Styx, mas, ao contrário, em um paraíso terrestre, entre flores e vegetação, sob uma eterna primavera. Após a descoberta do Novo Mundo, soldados espanhóis, às centenas e aos milhares, aventuravam-se com uma coragem inédita em meio a terras desconhecidas, através de florestas, pântanos, rios e montanhas, através de desertos sem recursos e regiões povoadas por inimigos; eles marchavam, e cada uma de suas etapas era marcada pela queda de vários deles; mas aqueles que permaneciam e avançavam, contando encontrar finalmente, como recompensa por seus esforços, aquela água maravilhosa cujo contato lhes permitiria vencer a morte. Ainda hoje, dizem, pescadores descendentes dos primeiros conquistadores espanhóis rondam as ilhas do estreito das Bahamas, na esperança de ver a água maravilhosa borbulhar em alguma praia.

E por que razão homens, dotados de todo o bom senso e força de alma, procuravam com tanta paixão a fonte divina que renovaria os seus corpos, expondo-se alegremente a todos os perigos na esperança de a encontrar? Porque nada parecia impossível àqueles que tinham visto realizar-se as maravilhas do Renascimento. Na Itália, os sábios souberam ressuscitar o mundo grego com seus pensadores e artistas; na nebulosa Alemanha, os magos encontraram o meio de fazer escrever a madeira e o metal; os livros imprimiam-se sozinhos, e o domínio infinito das ciências abria-se assim à massa do povo, outrora condenada às trevas; finalmente, os navegadores genoveses, venezianos, espanhóis e portugueses fizeram surgir, como um segundo planeta ligado ao

nosso, um novo continente com suas plantas, seus animais, seus povos e seus deuses. A imensa renovação das coisas embriagou os espíritos; apenas o possível parecia quimérico. A Idade Média fugia para o abismo dos séculos passados e, para os homens, começava uma nova era, mais feliz e mais livre. Aqueles entre eles que foram libertados pelo estudo compreenderam que a ciência, o trabalho e a união fraternal são os únicos que podem aumentar o poder da humanidade e fazê-la triunfar sobre o tempo; mas os soldados grosseiros, heróis contraditórios, buscavam no passado lendário essa grande era de renovação que se abria precisamente pelas conquistas da observação e pela negação do prodígio; eles precisavam de um símbolo material para acreditar no progresso, e esse símbolo era o da fonte onde os membros do ancião recuperavam a força e a beleza. A imagem que se apresentava naturalmente em suas mentes era a da fonte jorrando livremente do fundo do solo tenebroso e fazendo nascer imediatamente em suas margens as folhas, as flores e a juventude.

CAPÍTULO II - A ÁGUA DO DESERTO

Para compreender bem a importância das fontes e dos riachos na vida das sociedades, é preciso transportar-se mentalmente para os países onde a terra avara só deixa brotar raras fontes. Deitados suavemente na grama da pradaria, à beira da água que escorre borbulhando, seria fácil nos abandonarmos ao prazer de viver e nos contentarmos com os encantadores horizontes de nossos climas; mas deixemos nossa mente vagar muito além dos limites onde a vista se detém. Viajemos à vontade além dos tufo de grama que balançam ao nosso lado, além dos largos troncos das amieiros que sombreiam a fonte e dos sulcos que riscam a encosta da colina, além das ondulações vaporosas dos cumes que marcam as fronteiras do vale e dos flocos brancos das nuvens que franzem o horizonte. Sigamos em seu voo além das montanhas e dos mares o pássaro que foge para outro continente. A fonte reflete por um instante sua imagem rápida, mas logo ele desaparece no espaço.

Aqui, em nossos ricos vales da Europa Ocidental, a água corre em abundância; as plantas, bem regadas, desenvolvem-se em toda a sua beleza; os troncos das árvores, com casca lisa e esticada, estão cheios de seiva; o ar morno está repleto de vapores. Pelo contraste, é natural pensar nas regiões menos afortunadas, onde a atmosfera não deixa cair chuvas, onde o solo, muito árido, alimenta apenas uma vegetação escassa. É aí que as populações sabem apreciar a água em seu justo valor. No interior da Ásia, na Península Arábica, nos desertos do Saara e da África Central, nos planaltos do Novo Mundo, mesmo em certas regiões da Espanha, cada fonte é mais do que o símbolo da vida, é a própria vida: quando essa água se torna mais abundante, a prosperidade do país aumenta ao mesmo tempo; que o jato diminua ou seque completamente e as populações empobrecem ou morram: sua história é a do pequeno fio de água perto do qual constroem suas cabanas.

Os orientais, quando sonham com a felicidade, sempre se veem à beira de águas corrente, e suas canções celebram principalmente a beleza das fontes. Enquanto na nossa Europa bem regada, as pessoas se cumprimentam de forma burguesa, perguntando-se sobre a saúde ou os negócios, os Gallas da África Oriental se cumprimentam inclinando-se e dizendo: “Você encontrou água?”

No Hindustão, o servo encarregado de refrescar as casas borrifando o chão é chamado de “paradisiaco”.

Nas costas do Peru e da Bolívia, onde a água pura é também mais rara, é com uma espécie de desespero que se olha frequentemente para a extensão infinita das ondas salgadas. A terra é árida e amarela, o céu é azul ou da cor do aço. Às vezes, uma nuvem se forma na atmosfera: imediatamente, a população se reúne para acompanhar com os olhos a graciosa névoa que se dissipa prematuramente no espaço sem se condensar em chuva. No entanto, após meses e anos de espera, uma feliz turbulência dos ventos finalmente faz com que a nuvem se rompa sobre a costa. Que alegria ver essa chuva cair! As crianças saem correndo das casas para receber a chuva nas costas nuas e se banham nas poças com gritos de alegria; os pais esperam apenas o fim da tempestade para sair também e desfrutar do contato com as moléculas úmidas que ainda flutuam na atmosfera. A chuva que acaba de cair vai brotar por toda parte, não em fontes, mas pela maravilhosa química do solo, em vegetação e flores deslumbrantes: durante alguns dias, o deserto se transforma em pradaria. Infelizmente, essas ervas secam em poucas semanas, a terra volta a calcinar e os habitantes sedentos são obrigados a enviar pessoas para buscar a água necessária nos planaltos distantes cobertos de eflorescências salinas. A água é colocada em grandes jarros, e gostamos de nos espelhar neles, assim como em nossos climas felizes olhamos nossa imagem no cristal das fontes.

O estrangeiro que se perde em certas aldeias de Aragão, empoleiradas como cumes de rochas em ruínas nos contrafortes dos Pirenéus, fica surpreendido ao ver o argamassa vermelha que cimenta as pedras brutas das cabanas. A princípio, pensa que essa argamassa é feita de areia vermelha; mas não, os construtores, avarentos com a água, preferiram usar vinho. A colheita do ano anterior foi boa, as adegas estão cheias e, se se quiser fazer espaço para a nova vindima, basta esvaziá-las parcialmente. Para ir buscar água, bem longe, no vale ao pé das colinas, seria necessário perder dias inteiros e carregar caravanas de mulas. Quanto a usar a água da fonte que escorre em raras gotas das encostas da rocha vizinha, isso seria um sacrilégio que ninguém poderia imaginar. Essa água, que as mulheres vão buscar para encher seus jarros para a refeição diária, é recolhida gota a gota com um amor religioso.

Quão mais viva deve ser a admiração pela água transparente e límpida do viajante que atravessa os desertos de rochas ou areia e não sabe se terá a sorte

de encontrar um pouco de umidade em algum poço, cujas paredes são formadas por ossos de camelos! Ele chega ao local indicado, mas a última gota foi bebida pelo sol, e em vão ele cava o solo com sua lança, pois a fonte que ele procurava só voltará durante a estação das chuvas. Como se surpreender, então, que seus pensamentos, sempre obcecados pela visão das fontes, sempre voltados para a imagem das águas, as façam aparecer de repente? A miragem não é apenas um, como diz a física moderna, uma ilusão da visão produzida pela retração dos raios do sol através de um meio aquecido de forma desigual, mas também, muitas vezes, uma alucinação do viajante sedento. Para ele, o cúmulo da felicidade seria ver diante de si um lago de água fresca no qual pudesse mergulhar e beber ao mesmo tempo, e tal é a intensidade de seu desejo que transforma seu sonho em uma imagem visível. O belo lago que sua mente lhe retrata incessantemente, não está ele lá ao longe, refletindo a luz do sol e estendendo-se até onde a vista alcança, com suas graciosas margens sombreadas por palmeiras? Em poucos minutos, ele se banhará voluptuosamente nele e, não podendo desfrutar da realidade, desfruta menos da ilusão.

Que momento feliz aquele em que o guia da caravana, dotado de uma visão mais perspicaz do que a de seus companheiros, avista no extremo do horizonte o ponto negro que lhe revela a verdadeira oásis! Ele aponta para ele com o dedo para aqueles que o seguem, e todos sentem imediatamente seu cansaço diminuir: a visão desse pequeno ponto quase imperceptível foi suficiente para restaurar suas forças e transformar seu desânimo em alegria; os animais aceleram o passo, pois também sabem que a etapa está prestes a terminar. O ponto preto cresce pouco a pouco; agora é uma espécie de nuvem indecisa, contrastando com sua tonalidade escura com a imensa superfície do deserto, de um vermelho brilhante; então essa nuvem se estende e se eleva: é uma floresta, acima da qual começamos a discernir aqui e ali os fogos de artifício verdes das palmeiras, semelhantes a bandos de pássaros gigantes. Finalmente, os viajantes penetram na sombra alegre e, desta vez, é realmente água, água verdadeira que eles veem escorrer e ouvem murmurar ao pé das árvores. Com que cuidado religioso os habitantes do oásis utilizam cada gota do precioso líquido! Eles dividem a fonte em uma infinidade de filetes distintos, a fim de espalhar a vida pela maior extensão possível, e traçam para todos esses pequenos veios de água o caminho mais direto para as plantações de árvores e culturas. Assim, aproveitada até a última gota, a fonte não se perde em riachos no deserto: seus limites são os da própria oásis: onde crescem os últimos

arbustos, também as últimas arteríolas de água param nas raízes para se transformarem em seiva.

Estranho contraste de coisas! Para aqueles que nela habitam, o oásis é quase uma prisão; para aqueles que o veem de longe ou que o conhecem apenas pela imaginação, é um paraíso. Cercada pelo imenso deserto, onde o viajante perdido só pode encontrar fome, sede, loucura, talvez a morte, a população do oásis é ainda mais dizimada pelas febres que se elevam da água corrompida na base das palmeiras. Quando os imperadores romanos, modelos para todos aqueles que os seguiram, queriam se livrar de seus inimigos sem derramar sangue, limitavam-se a exilá-los em um oásis e logo tinham o prazer de saber que a morte havia prontamente prestado o serviço esperado. No entanto, são essas oásis mortíferas que, graças às suas águas murmurantes e ao contraste com a solidão árida, fazem surgir em todos os homens a ideia de um lugar de delícias e se tornaram o próprio símbolo da felicidade. Em suas viagens de conquista pelo mundo, os árabes, desejosos de refazer uma pátria em todas as regiões para onde os levavam o amor pela conquista e o fanatismo da fé, tentaram criar pequenos oásis em todos os lugares. O que são na Andaluzia esses jardins fechados entre as tristes muralhas dos alcáceres mouros, senão miniaturas de oásis, lembrando os do deserto? Do lado da cidade e de suas ruas empoeiradas, as altas muralhas com ameias, perfuradas aqui e ali por algumas aberturas estreitas, oferecem uma aparência terrível; mas quando se entra no recinto e se passa pelas abóbadas, corredores e arcadas, eis o jardim cercado por colunas elegantes que lembram os troncos esguios das palmeiras. As plantas trepadeiras se agarram aos troncos de mármore, as flores enchem o espaço estreito com seus perfumes penetrantes e a água, pouco abundante, mas distribuída com a maior arte, escorre em pérolas sonoras nas bacias das fontes.

Ao lado das agradáveis fontes de nossos climas, cuja água pura nos hidrata e nos enriquece, podemos nos perguntar qual, entre os grandes agentes naturais da civilização, foi o que mais contribuiu para o desenvolvimento da humanidade. Será o mar, com suas águas repletas de vida, com suas praias que foram os primeiros caminhos dos homens e sua extensão infinita convidando os bárbaros a viajar de costa a costa? Será a montanha, com seus altos picos, que são a beleza da terra, seus vales profundos onde os povos encontram abrigo, sua atmosfera pura que dá àqueles que a respiram uma alma de heróis? Ou seria antes a humilde fonte, filha das montanhas e do mar? Sim, a história das nações nos mostra que a fonte e o riacho contribuem diretamente para o progresso do

homem mais do que o oceano, as montanhas e qualquer outra parte do grande corpo da terra. Os costumes, as religiões e o estado social dependem principalmente da abundância das águas que jorram.

Segundo um antigo relato do Oriente, foi à beira de uma fonte no deserto que os ancestrais lendários das três grandes raças do Mundo Antigo deixaram de ser irmãos e se tornaram inimigos. Todos os três, cansados da caminhada pelas areias, estavam morrendo de calor e sede. Cheios de alegria ao ver a fonte, eles se lançaram para mergulhar nela. O mais jovem, que chegou primeiro, saiu renovado; sua pele, negra como a de seus irmãos antes de tocar a água da fonte, havia adquirido uma cor branca rosada, e cabelos loiros brilhavam sobre seus ombros. Mas a fonte já estava quase seca, e o segundo irmão não conseguiu mergulhar completamente; no entanto, ele afundou na areia úmida, e sua pele ficou com um tom dourado. Por sua vez, o último a chegar mergulhou no tanque, mas não havia mais uma gota d'água. O infeliz tentou em vão beber, umedecer o corpo; apenas as solas dos pés e as palmas das mãos pressionadas contra a areia expressaram um pouco de umidade, que os branqueou levemente.

Esta lenda relativa aos habitantes dos três continentes do Velho Mundo talvez conte, de forma velada, quais são as verdadeiras causas da prosperidade das raças. As nações da Europa tornaram-se as mais morais, as mais inteligentes, as mais felizes, não porque carreguem em si mesmas algum germe de preeminência, mas porque desfrutam de uma maior riqueza de rios e fontes e porque suas bacias hidrográficas estão distribuídas de forma mais favorável. A Ásia, onde muitos povos, da mesma origem ariana que as principais nações da Europa, têm uma história muito mais antiga, fez, no entanto, menos progressos em civilização e poder sobre a natureza porque é menos bem irrigada e porque vastos desertos separam uns dos outros seus vales férteis. Finalmente, a África, continente informe cercado por desertos, planaltos, planícies queimadas pelo calor e pântanos, foi por muito tempo a terra deserdada, devido à falta de rios e fontes. Mas, apesar dos ódios e das guerras que ainda perduram, os povos estão se tornando cada vez mais solidários, aprendendo a cada dia a compartilhar seus privilégios para transformá-los em um patrimônio comum; graças à ciência e à indústria que se propagam, eles agora sabem fazer jorrar água onde nossos ancestrais não saberiam encontrá-la e conectar rapidamente bacias hidrográficas muito distantes umas das outras. Os três primeiros homens se separaram como inimigos perto da fonte da Discórdia; mas, acrescenta a lenda, eles se reencontrarão um dia perto da fonte da Igualdade e, a partir de então,

permanecerão irmãos.

Nas regiões ensolaradas, onde mitos e tradições buscam a origem da maioria das civilizações nacionais, era em torno da fonte, condição primordial para a vida, que os homens necessariamente se agrupavam. No meio do deserto, a tribo fica como presa no oásis; inevitavelmente agrícola, tem como limites do seu território os últimos fios de água que saem da fonte e as últimas árvores que ela rega. As estepes gramadas, mais fáceis de atravessar do que o deserto, não mantêm as populações em cativeiro, e os pastores nômades, empurrando seus rebanhos à sua frente, viajam seguindo as ondas de uma extremidade à outra do mar de ervas; mas seus pontos de encontro são sempre as fontes, e é da maior ou menor abundância das fontes que depende o poder da tribo. A instituição do patriarcado, entre os semitas da Ásia Ocidental e entre tantas outras raças do mundo, deveu-se principalmente à escassez de águas jorrantes.

A orgulhosa cidade grega e, com ela, a admirável civilização dos helenos, que permanecerá para sempre como um deslumbre da história, também se explicam em grande parte pela forma da Hélade, onde numerosas bacias, separadas umas das outras por colinas elevadas e montanhas, têm cada uma sua pequena família de riachos e rios. É possível imaginar Esparta sem o Eurotas, Olímpia sem o Alfeo, Atenas sem o Ilissos? Além disso, os poetas gregos souberam reconhecer o que sua pátria devia a esses pequenos cursos d'água que um selvagem da América nem se dignaria a olhar. O aborígene do Novo Mundo despreza o riacho porque vê rolar em sua terrível majestade rios como o rio Madeira, o Tapajós ou a correnteza do Amazonas; mas ele não compreende essas enormes massas de água o suficiente para celebrar seu poder: ao contemplá-las, ele permanece em uma espécie de estupor. O grego, ao contrário, cheio de gratidão pelo menor fio de água, o deificava como uma força da natureza; construía templos, erguia estátuas e cunhava medalhas em sua honra. E o artista que gravava ou esculpia esses traços divinizados compreendia tão bem as virtudes íntimas da fonte que, ao ver a imagem, os cidadãos que acorriam a reconheciam imediatamente.

Quão grandiosos são os nomes dos riachos da Hélade e da Ásia Menor, assim transfigurados pelos escultores e poetas! Quando o viajante desembarca do Helesponto na praia onde os companheiros de Ulisses e Aquiles encalharam seus navios, quando avista o planalto que outrora sustentava as muralhas de Troia e vê sua própria imagem refletida, seja nas famosas fontes do

Escamandro, ou nas águas do pequeno rio Simoente, onde o valente Ajax quase pereceu, então pobre é sua imaginação, rebelde é seu coração, se ele não se sentir profundamente comovido ao ver essas águas que o velho Homero cantou! E o que deve sentir ao visitar essas fontes da Grécia, com nomes harmoniosos, Calíroee, Mnemosine, Hipocrene, Castália? A água que delas escorria e ainda escorre é aquela que os poetas contemplavam com amor, como se a inspiração tivesse brotado do solo ao mesmo tempo que as fontes; era desses filetes transparentes que eles bebiam, sonhando com a imortalidade, procurando ler o destino de suas obras nas ondulações da bacia e nas ondas da cascatinha.

Qual é o viajante que não gosta de recordar essas fontes famosas, se teve a felicidade de contemplá-las um dia! Quanto a mim, ainda me lembro com verdadeira emoção das horas e dos momentos em que, discreto amante das fontes, pude banhar meu olhar na água tão pura das fontes da Sicília grega e surpreender, sob a luz do sol, o alegre aparecimento dos claros torrentes de Acis e Amenano, as águas transparentes de Ciana e Aretusa. É certo que todas essas fontes são belas, mas eu as achava mil vezes mais encantadoras ao pensar que milhões de homens, hoje desaparecidos, as admiraram como eu: uma espécie de piedade filial me fazia compartilhar os sentimentos de todos aqueles que, desde o sábio Ulisses, pararam à beira dessas águas para saciar sua sede ou apenas para contemplar sua profundidade azul e seu escoamento cristalino. A lembrança das populações que se aglomeravam em torno dessas fontes, e cujos palácios e templos refletiam seus reflexos trêmulos na superfície enrugada, misturava-se para mim ao murmúrio da fonte saltando de sua prisão de lava ou calcário. Os povos foram massacrados; diversas civilizações se sucederam com seus fluxos e refluxos de progresso e decadência; mas, com sua voz clara, a água não cessa de contar a história das antigas cidades gregas: mais ainda do que a história séria, as fábulas com que os poetas adornaram a descrição das fontes servem agora para evocar diante de nós as gerações do passado. O pequeno rio Acis, cortejado por Galateia e pelas ninfas dos bosques e que o gigante Polifemo soterrou parcialmente sob as rochas, fala-nos de uma antiga erupção do Etna, o terrível gigante, com um olhar de fogo aceso na testa como o olho fixo do ciclope; Ciana ou “a Azul”, que se coroava de flores quando o negro Plutão veio capturar Prosérpina na relva para se enfiar com ela nas cavernas do inferno, nos faz aparecer os jovens deuses na época de seu noivado com a terra ainda virgem; a encantadora Aretusa, que a lenda nos diz ter vindo da Grécia nadando através das ondas do mar Jônico, na esteira dos navios

dórios, nos conta as migrações dos colonos helênicos e a marcha gradual de sua civilização para o oeste. Alfeu, o rio de Olímpia, mergulhando em busca da bela Aretusa, também atravessou o mar e misturou suas águas, na costa da Sicília, com as águas queridas da fonte. Às vezes, dizem os marinheiros, ainda se vê o Alfeu jorrar do mar em grandes ondas, bem perto dos cais de Siracusa, e em sua corrente rodopiam as folhas, as flores e os frutos das árvores da Grécia. Toda a natureza, com suas águas e suas plantas, seguiu os helenos para sua nova pátria.

Mais perto de nós, no sul da França, mas ainda na costa mediterrânea que, com suas rochas brancas, vegetação e clima, se assemelha mais à África e à Síria do que à Europa temperada, uma fonte, a de Nîmes, nos conta os imensos benefícios das águas de nascente. Fora da cidade, abre-se um anfiteatro de rochas cobertas de pinheiros, cujos troncos superiores são inclinados pelo vento que desce da torre Magne: é no fundo desse anfiteatro, entre muralhas brancas com balaustradas de mármore, que se estende o tanque da fonte. Ao redor, encontram-se espalhados alguns restos de construções antigas. À beira-mar erguem-se as ruínas de um templo das ninfas que se acreditava ter sido consagrado a Diana, a deusa casta, sem dúvida devido à beleza das noites, enquanto sobre as águas o globo da lua se reflete em um longo rastro de água cintilante. Abaixo do terraço do templo, um duplo hemicíclo de mármore contorna a fonte, e seus degraus, onde antigamente as jovens vinham buscar água, descem sob o fluxo transparente. A fonte em si é de um azul insondável à vista. Jorrando do fundo de um abismo aberto em forma de funil, o jato de água se espalha ao subir e se espalha circularmente na superfície. Como um enorme buquê de vegetação que se espalha para fora de um vaso, as ervas aquáticas com folhas prateadas que crescem ao redor do abismo e as algas limosas com longos cordões entrelaçados cedem à pressão da água que se derrama e se curvam para fora em direção à borda da bacia; através de suas espessas camadas, a corrente abre largos estreitos com margens flutuantes e sinuosas. Ao escapar da bacia da nascente, o riacho acaba de nascer; ele foge para longe sob as abóbadas sonoras, derrama-se em cascatas, entre colunatas sombreadas por grandes castanheiros, depois, encerrado em um canal de pedra, atravessa a cidade da qual é a artéria vital e, mais adiante, carregado de detritos impuros, torna-se o esgoto. Sem a fonte que o alimenta, Nîmes não teria sido fundada; se as águas secarem, a cidade deixará de existir; nos anos de seca, quando apenas um fio de água jorra do funil, os habitantes vão embora em massa. Sem dúvida, os habitantes de Nîmes poderiam trazer de longe para suas praças muitas outras

fontes e até mesmo fazer correr um braço do Ardèche ou do Rhône; mas quantos trabalhos fúteis eles não pensam antes de se procurarem o indispensável, ou seja, água em abundância, trazendo consigo limpeza e bem-estar! Como se quisessem zombar graciosamente de sua própria negligência, os habitantes de Nîmes ergueram em sua praça, a mais árida e coberta de poeira, um magnífico grupo de rios armados com tridentes e rios coroados de nenúfares; mas, apesar desse fasto escultural, seu único recurso ainda é a fonte venerada, bela e pura como nos dias em que o ancestral gaulês veio construir a primeira cabana ao lado de suas águas.

Em nossos países do norte, quase todos regados com grande abundância por fontes, riachos e rios, as nascentes não concentraram sobre si, como as fontes do sul, a poesia das lendas e a atenção da história. Bárbaros que vemos apenas as vantagens do tráfego, admiramos os rios principalmente em proporção ao número de sacos ou barris que transportam ao longo do ano, e nos preocupamos pouco com os cursos de água secundários que os formam e as nascentes que os alimentam. Entre os milhões de homens que habitam as margens de cada um dos nossos grandes cursos de água da Europa Ocidental, apenas alguns milhares se dignam, num passeio ou numa viagem, desviar-se alguns passos para contemplar uma das principais nascentes do rio que rega as suas campinas, põe as suas fábricas em movimento e transporta as suas embarcações. Essa fonte, admirável pela claridade de suas águas e pelo charme das paisagens circundantes, é completamente ignorada pelos burgueses da cidade vizinha, que, fiéis à moda, não deixam de ir todos os anos se espalhar pelas grandes estradas das cidades da moda. Vivendo uma vida artificial, perderam de vista a natureza, nem sabem abrir os olhos para contemplar o horizonte, nem se abaixam para olhar para os seus pés. Que nos importa! O que os rodeia é menos bonito porque eles são indiferentes? Por nunca terem reparado nelas, serão menos encantadoras a pequena fonte que jorra no meio das flores e a poderosa nascente que brota das cavernas da rocha?

CAPÍTULO III - O TORRENTE DA MONTANHA

Entre os inúmeros riachos que correm pela superfície da terra e desaguardam no oceano ou se unem para formar rios ou grandes rios, aquele cujo curso vamos acompanhar não tem nada que o destaque particularmente à atenção dos homens. Ele não sai das altas montanhas cobertas de gelo; suas margens não oferecem uma vegetação excepcionalmente esplêndida; seu nome não é famoso na história. Certamente, ele é encantador; mas que riacho não o é, a menos que corra por pântanos tornados fétidos pelos esgotos das cidades ou que suas margens tenham sido estragadas por uma cultura sem arte?

As montanhas de onde brotam as primeiras águas do riacho têm uma altitude média: verdes até os cumes, são cobertas por pradarias em todos os vales, densas florestas em todos os contrafortes, e pastagens, parcialmente veladas pela névoa azulada do ar, revestem as encostas altas. Um cume de ombros largos domina os outros picos, que se alinham em uma longa fileira, projetando cadeias de colinas entre todos os vales laterais. Os abruptos desfiladeiros e os promontórios salientes não permitem compreender de um só olhar a disposição da paisagem: à primeira vista, vê-se apenas uma espécie de labirinto onde depressões e elevações se alternam sem ordem; mas se planássemos como um pássaro ou se balançássemos na cesta de um balão, veríamos que os limites da bacia se arredondam em torno de todas as nascentes do riacho como um anfiteatro e que todos os vales abertos na vasta curvatura se inclinam convergindo uns para os outros e reunindo-se em um vale comum. A cadeia principal das alturas forma a borda mais elevada do circo; dois outros lados são cadeias laterais que se abaixam gradualmente à medida que se afastam da grande crista, e algumas colinas baixas se aproximam para fechar o circo paralelamente às montanhas; mas elas deixam uma saída, pela qual o riacho escapa.

Diferentes em altura, as montanhas também o são pela natureza dos terrenos, pelo perfil e pelo aspecto geral. O pico mais alto, que parece o pastor de todo esse rebanho de montanhas, é uma ampla cúpula com contrafortes poderosos: a massa de granito escondida sob a vegetação se revela pelo movimento magnífico do relevo. Outros picos mais humildes mostram nas

proximidades suas longas cristas serrilhadas e suas inclinações rápidas; são as camadas de xisto que o núcleo de granito endireitou ao se elevar. Mais adiante, aparecem alturas calcárias cortadas a picar e continuando por vastos planaltos levemente arredondados. Cada cume tem sua própria vida, dir-se-ia; como um ser distinto, tem seu esqueleto particular e sua forma externa correspondente; cada riacho que escorre de suas encostas tem seu curso e seus acidentes próprios, seu murmúrio, seu sussurro ou seu rugido.

A fonte que nasce na maior altura e fornece o curso mais longo até o vale é a do pico mais alto. Muitas vezes, em dias chuvosos, ou mesmo quando um belo sol iluminava as campinas abaixo, víamos, a uma distância de várias léguas, a fonte se formar nas alturas do ar. Uma nuvem branca se eleva como fumaça do cume distante, cresce, envolve os pastos e se desfaz em flocos levados pelo vento.

“A montanha coloca seu chapéu”, diz o camponês, e esse chapéu de nuvens nada mais é do que a fonte sob outra forma: depois de ter sido nuvem, neblina, chuva persistente, ela reaparecerá como fonte algumas centenas de metros mais abaixo, em uma fenda nas rochas ou em uma leve inclinação do terreno.

No inverno e mesmo na primavera, é como neve que o vento deposita nas alturas a água que deve jorrar do solo em fonte permanente. As nuvens acinzentadas que se prendem ao cume não se evaporam sem deixar vestígios de sua passagem; no local onde se via de baixo o verde dos pastos, agora se estende um tapete deslumbrante de neve. Essa camada branca de flocos é, ainda sob uma nova forma, a nuvem de vapores que se condensavam no espaço, e logo será o riacho que corre alegremente em direção à planície. Enquanto a superfície da neve caída congela e endurece na atmosfera fria do inverno, especialmente durante as noites, um trabalho silencioso é realizado sob o grande laboratório da montanha: as gotículas que o sol derreteu durante o dia penetram no solo até a rocha e, de grão de areia em grão de areia, o cristal de quartzo com molécula de argila desce imperceptivelmente ao longo das encostas; elas se aproximam, tornam-se gotas e, ao se unirem umas às outras, formam filetes líquidos que escorrem subterraneamente sob as raízes da grama ou mesmo nas fissuras da rocha subjacente. Então, quando chegam os primeiros calores do ano, a neve derrete rapidamente em água para encher os riachos escondidos, e a grama, que parecia torrada por um incêndio, reaparece à luz e

volta a ficar verde.

Se a montanha estivesse fraturada por fissuras profundas, as águas se infiltrariam nessas fendas e só voltariam a jorrar bem longe, na planície, ou mesmo não sairiam da terra; mas não, a rocha é compacta e rachada apenas na superfície, a água corrente não penetra nela e, de repente, em uma depressão no solo, ela surge em pequenas bolhas que levantam os flocos de areia fina e balançam suavemente as folhas verdes do agrião. É certo que a jovem fonte é pouco abundante, especialmente durante os calor do verão, quando no solo só resta a umidade das chuvas e das neblinas; ao deitar-se no chão para beber da própria fonte, vemos-a diminuir sob os lábios; mas a bacia do riacho, meio seca, enche-se imediatamente, e a sua água pura transborda pela encosta dos pastos para começar a sua grande viagem pelo mundo exterior.

A fonte mais alta e a relva que a rodeia, ali em todas as montanhas, é o lugar encantador por excelência! Estamos na fronteira entre dois mundos; de um lado, além dos promontórios arborizados, mostra-se o rico vale com suas plantações, suas casas, suas águas tranquilas e a névoa indistinta que paira ao longe sobre a cidade; do outro lado, estendem-se os pastos solitários e o pico banhado pela profundidade azul do céu. O ar é revigorante e leve; flutuamos no alto do espaço e, quando vemos ao longe a águia voando com suas asas fortes, quase nos perguntamos se não poderíamos, como ela, voar sobre os campos e colinas, deixando cair do alto nosso olhar sobre as pequenas obras dos homens. Quantas vezes, mais pela volúpia de ver do que pela doçura do descanso, apoiei-me perto da fonte da montanha, voltando meu olhar da discreta fonte para o grande mundo inferior que se perdia ao longe no círculo infinito do horizonte!

Da bacia da fonte jorra um pequeno fio de água que aqui e ali desaparece numa ranhura do solo entre os tufo de relva; ele aparece e se esconde alternadamente: parece uma série de fontes sobrepostas. A cada novo impulso, o riacho assume outra aparência; ele bate em uma saliência da rocha e ricocheteia em parábolas de pérolas; ele se perde entre as pedras, depois se espalha em uma pequena bacia arenosa; em seguida, ele se lança em cascatas e banha as ervas com suas gotas espalhadas. Outras fontes, vindas da direita e da esquerda, se misturam ao fluxo principal e logo a massa líquida é abundante o suficiente para escorrer incessantemente pela superfície: quando chega a uma rocha inclinada, ela se espalha em uma vasta camada, que pode ser vista da

planície a quilômetros de distância. Essa água escorregadia, que brilha ao sol, parece de longe uma grande placa de metal.

Descendo, descendo sempre, o riacho, que cresce incessantemente, torna-se também mais barulhento: perto da nascente, ele mal murmurava; em alguns lugares, era preciso colar o ouvido no chão para ouvir o murmúrio da água contra as margens e o gemido dos fios de grama esmagados; mas eis que a pequena corrente fala com uma voz clara, depois torna-se barulhenta e, quando salta em corredeiras e se lança em cascatas, seu estrondo já desperta os ecos das rochas e da floresta. Mais abaixo ainda, suas cachoeiras desabam com um barulho estrondoso, e mesmo nas partes de seu curso onde seu leito é quase horizontal, o riacho ruge e troveja contra as saliências das margens e do fundo., ele empurrava apenas pequenos grãos de areia; depois, tornando-se mais vigoroso, ele colocava as pedras em movimento; agora ele rola em seu leito blocos de pedra que se chocam com um estrondo surdo, mina a base das paredes rochosas que o margeiam, derruba terras e pedras e, às vezes, arranca as árvores que o sombreiam.

Assim, o fio líquido quase imperceptível transformou-se em riacho, depois em verdadeiro córrego. Ele aumenta com um novo curso de água ao final de cada um dos vales tributários e, barulhento e impetuoso, finalmente escapa de seus desfiladeiros nas montanhas para fluir com mais lentidão e calma em uma ampla alameda dominada apenas por colinas arredondadas. O intrépido caminhante que o seguiu na parte superior, desde a alta fonte dos pastos até à superfície uniforme do vale, viu, durante a sua descida, aqui e ali perigosa, as mais bruscas irregularidades do solo, as diferenças de inclinação mais repentinas: aos “planos” onde a água parece adormecer sucedem-se, sem ordem aparente, os precipícios perpendiculares de onde ela se lança com fúria; abismos, declives mais ou menos acentuados, superfícies horizontais alternam-se sem ordem aparente e, no entanto, quando o geógrafo, negligenciando os detalhes, calcula e traça no papel a curva descrita pelo riacho até ao vale verdejante, descobre que essa linha é de uma regularidade quase perfeita: o torrente, trabalhando incansavelmente para cavar um leito à sua vontade, derrubando saliências, enchendo de areia e argila as pequenas cavidades da rocha, acabou por se desenvolver em uma parábola regular, análoga à de um carro descendo do topo de uma montanha-russa.

CAPÍTULO IV - A CAVERNA

Abaixo de um promontório com base íngreme, com o topo arredondado e coberto por árvores altas, o torrente da montanha colide com outro riacho, quase tão abundante e lançado como ele em uma encosta muito inclinada. As águas do afluente, que se misturam às do curso principal em grandes redemoinhos bordados de espuma, são de uma pureza cristalina; nenhuma molécula de argila perturba sua transparência e, no fundo rochoso nu, nem mesmo um grão de areia desliza. Isso porque a corrente ainda não teve tempo de sujá-lo, demolindo suas margens e misturando-se à lama que escorre do solo; ele acaba de jorrar do seio da colina e, tal como corria em seu leito sombrio de rochas, agora salta sob a luz alegre.

A caverna de onde brota o riacho não fica longe da confluência; mal se dá alguns passos e já se vê, através dos galhos entrelaçados, a enorme porta negra que dá acesso ao templo subterrâneo. A soleira está coberta pela água que se derrama em corredeiras sobre os blocos empilhados; mas, saltando de pedra em pedra, pode-se entrar na caverna e chegar, ao lado da corrente, a uma cornija estreita e escorregadia, onde se aventura, não sem perigo.

Alguns passos bastaram para nos transportarmos para outro mundo. De repente, somos tomados por um frio úmido; o ar estagnado, onde os amados raios de sol nunca penetram, tem algo de azedo, como se não devesse ser aspirado pelos pulmões humanos; a voz da água repercute em longos ecos nas cavidades sonoras, e parece que se ouve as próprias rochas gritando, algumas ressoando ao longe, outras surdas e deslizando como suspiros nas galerias. Todos esses objetos assumem proporções fantásticas: o menor buraco que se vê abrir na pedra parece um abismo, o pingente que desce do teto tem a aparência de uma montanha invertida, as concreções calcárias vislumbradas aqui e ali assumem a aparência de monstros enormes; um morcego que voa nos dá um arrepio de horror. Este não é o palácio fantástico e esplêndido que nos descreve o poeta árabe das *Mil e Uma Noites*; pelo contrário, é uma caverna sombria e sinistra, um lugar terrível. Sentiremos isso especialmente se, para desfrutar como artistas da sensação de pavor que toma conta até mesmo do homem corajoso ao entrar nas cavernas, ousarmos penetrar nela sem guia e sem

companheiros: privados da emulação que proporciona a companhia de amigos, do amor-próprio que nos obriga a assumir uma atitude audaciosa, da embriaguez artificial que produzem as exclamações, os ecos das vozes, o brilho das numerosas tochas, não ousamos mais caminhar senão com o santo pavor do grego que entra nos infernos. De vez em quando, olhamos para trás para rever a doce luz do dia. Como em uma moldura, a paisagem vaporosa e sorridente de luz aparece entre as paredes escuras, franjadas na entrada por hera e videira virgem.

Mas o feixe de luz diminui gradualmente à medida que avançamos: de repente, uma saliência rochosa o esconde e apenas alguns raios pálidos ainda se perdem nos pilares e nas paredes da caverna; logo, entramos na escuridão sem fundo das trevas e, para nos guiar, não temos nada além do brilho incerto e caprichoso das tochas. A viagem é penosa e parece longa devido ao horror do desconhecido que preenche os abismos e as galerias. Aqui e ali, só é possível avançar com grande dificuldade: é preciso entrar no leito do riacho e manter o equilíbrio sobre as pedras escorregadias; mais adiante, a abóbada se abaixa em uma curva repentina e deixa apenas uma passagem estreita pela qual é preciso rastejar; saímos sujos de lama e nos deparamos com rochas de cornijas estreitas que escalamos tremendo. Salas com abóbadas imensas sucedem-se aos desfiladeiros, e os desfiladeiros às salas; os montes de blocos caídos do teto erguem-se em montículos no meio da água. O riacho, sempre diverso e mutável, salta aqui sobre as rochas; noutro lugar, estende-se numa lagoa tranquila, perturbada apenas pela queda das gotículas que caem das fendas da abóbada. Mais acima, ele fica escondido sob uma base de pedra, e não se ouve mais seu barulho; mas, em uma curva repentina, ele reaparece, saltitante e rápido, até que, finalmente, chegamos a uma abertura estreita de onde a água escorre em cascata como da boca de um canhão. É aí que nossa viagem ao longo do riacho chega ao fim.

No entanto, a caverna ramifica-se infinitamente nas profundezas da montanha. À direita e à esquerda, abrem-se como bocas de monstros as avenidas escuras das galerias laterais. Enquanto isso, no vale livre, o riacho, fluindo incessantemente à luz, demoliu e removeu sucessivamente as camadas de pedras que antes preenchiam o enorme espaço vazio entre as duas cristas paralelas das montanhas, a água das cavernas, que atacava as rochas duras, mas usando ácido carbônico para dissolvê-las e perfurá-las pouco a pouco, cavou aqui e ali galerias, bacias, túneis, sem derrubar as bases do imenso edifício.

Com centenas de metros de altura e quilômetros de comprimento, a massa rochosa é perfurada em todas as direções por antigos leitos que o riacho abriu e depois abandonou após encontrar uma nova saída: as salas se sobrepõem aos desfiladeiros e os desfiladeiros às salas; chaminés, escavadas na rocha por antigas cascatas, abrem-se no teto das abóbadas; paramos com horror à beira desses poços sinistros, onde as pedras que caem não só deixam ouvir o barulho de sua queda após segundos e segundos de espera. Ai daquele que se perder no labirinto infinito de cavernas paralelas e ramificadas, ascendentes e descendentes: não lhe restaria mais do que sentar-se em um banco de estalagmites, observar sua tocha se apagar e apagar-se suavemente, se tiver forças para morrer sem desespero.

No entanto, essas cavernas escuras, onde mesmo na companhia de um guia e sob os reflexos distantes do dia, sentimos o peito apertado por uma espécie de terror, eram os refúgios dos nossos antepassados. Em nossa reverência ao passado, fazemos peregrinações às ruínas de cidades mortas e contemplamos com emoção pilhas uniformes de pedras, pois sabemos que sob esses escombros jazem os ossos de homens que trabalharam como nós e sofreram por nós, acumulando penosamente, na miséria e nas lutas, essa preciosa herança de experiências que é a história. Mas se a gratidão para com as gerações dos tempos antigos não é um sentimento vão, com quanto mais respeito ainda devemos percorrer essas cavernas onde viveram nossos primeiros antepassados, os bárbaros iniciadores de toda civilização! Procurando bem na caverna, vasculhando os depósitos calcários, podemos encontrar as cinzas e os carvões do antigo lar onde se reunia a família nascente; ao lado estão ossos roídos, restos de festas que ocorreram há dezenas ou centenas de milhares de anos; depois, num canto, jazem os esqueletos dos próprios festeiros, rodeados pelas suas armas de pedra, machados, maças e dardos. Sem dúvida, entre esses restos humanos misturados aos de rinocerontes, hienas e ursos, nenhum continha o cérebro de um Ésquilo ou de um Hiparco; mas Hiparco e Ésquilo não teriam existido se os primeiros trogloditas, divinizados pelos gregos sob as feições de Hércules, não tivessem primeiro conquistado o fogo sobre o trovão ou sobre o vulcão, se não tivessem esculpido armas para limpar a terra de seus monstros e se não tivessem assim, por meio de uma imensa batalha que durou séculos e séculos, preparado para seus descendentes os momentos de descanso durante os quais se elabora o pensamento.

Rude era o trabalho desses ancestrais; cheia de terrores era a sua vida:

saindo da caverna para procurar caça, rastejavam entre as ervas e as raízes para surpreender a presa, lutavam corpo a corpo com animais ferozes; às vezes também tinham de lutar contra outros homens, fortes e ágeis como eles; à noite, temendo uma surpresa, vigiavam a entrada das cavernas para dar o alarme ao aparecer do inimigo e dar tempo às suas famílias para fugirem para o labirinto das galerias superiores. No entanto, eles também deviam ter seus momentos de descanso e alegria. Quando voltavam da caça ou da batalha, eles se deleitavam em reconhecer o barulho do riacho e o som das gotas caindo; como o lenhador que encontra sua cabana, eles olhavam com reverência para os pilares à sombra dos quais repousavam seus em mulheres e para as camas de pedra onde seus filhos haviam nascido. Quanto a eles, corriam e brincavam ao longo do riacho subterrâneo, nos lagos gelados, sob o chuveiro das cachoeiras; brincavam de esconde-esconde nos corredores da caverna como nós hoje nas avenidas das florestas; talvez em suas alegres proezas, eles escalavam as paredes para agarrar os morcegos em seus grupos negros e fervilhantes suspensos no teto.

É certo que não ousamos afirmar que, nos dias de hoje, a vida se tornou menos penosa para todos os homens. Muitos de nós, ainda despossuídos, vivemos nos esgotos que saem dos palácios de nossos irmãos mais afortunados; milhares e milhões de indivíduos entre os civilizados habitam porões e abrigos úmidos, cavernas artificiais muito mais insalubres do que as cavernas naturais onde nossos ancestrais se refugiavam. Mas, se considerarmos a situação como um todo, temos que reconhecer o quanto os progressos alcançados são grandes. O ar e a luz entram na maioria de nossas casas; o sol projeta seus raios pelas janelas; através das árvores inclinadas, vemos brilhar ao longe as pérolas líquidas do riacho; o espaço pertence ao nosso olhar até o imenso horizonte. É verdade que o mineiro passa a maior parte de sua vida nas galerias subterrâneas que ele mesmo cavou, mas essas sombras terríveis de onde escorre o gás grisou não são sua pátria; se ele trabalha lá, seus pensamentos estão em outro lugar, lá em cima, na terra alegre, à beira do riacho fresco que murmura nas pradarias e sob os álamos.

Às vezes, quando nos contam sobre guerras distantes, episódios assustadores nos lembram como era a vida de nossos ancestrais trogloditas, como seria a nossa se eles não tivessem nos preparado dias mais felizes do que os deles. Tribos perseguidas se refugiaram na caverna que servia de moradia comum para seus antepassados, e aqueles que os perseguiam, bárbaros ou supostamente civilizados, negros ou brancos, vestidos com peles de animais ou

uniformes bordados com condecorações, não encontraram nada melhor do que enfumar os fugitivos acendendo grandes fogueiras na entrada da caverna. Em outros lugares, os infelizes aprisionados tiveram que se alimentar uns dos outros e depois morrer de fome tentando roer alguns restos de ossos. Centenas de cadáveres permaneceram espalhados pelo chão e, durante muitos anos, foi possível ver seus esqueletos contorcidos, antes que a água que caía das abóbadas os escondesse sob um manto de estalagmites brancas. Símbolo do tempo que modifica todas as coisas, a gota, carregada da pedra que dissolveu, faz desaparecer pouco a pouco os vestígios de nossos crimes.

As cavernas deixam de existir devido à ação do tempo. A chuva que cai sobre as montanhas e penetra nas estreitas fendas da rocha fica constantemente carregada de moléculas calcárias. Quando, após uma viagem mais ou menos longa, ela chega a pingar na abóbada das cavernas, parte do líquido evapora no ar e uma pequena película de pedra, alongada como a gota que a mantinha em dissolução, fica suspensa na rocha. Outra gota deposita uma segunda camada sobre a primeira, depois forma-se uma terceira e milhares e milhões até ao infinito. Como árvores de pedra, as estalactites crescem em camadas concêntricas, endurecendo gradualmente. Abaixo delas, no chão da caverna, a água que caiu também se evapora, deixando em seu lugar outras concreções calcárias que, de folha em folha, sobem gradualmente em direção ao teto. Com o tempo, os pingentes de cima e os cones de baixo acabam se unindo; eles se tornam pilares e depois se espalham em paredes por toda a largura da galeria, e a caverna obstruída é dividida em uma série de salas distintas. No interior da montanha, os pingos e os filetes de água que se juntam para formar o riacho realizam assim duas tarefas opostas: por um lado, alargam as fissuras, perfuram as rochas, cavam leitos largos; por outro lado, fecham as fendas da montanha, colocam colunas sob as abóbadas e preenchem com pedras os enormes vazios que eles mesmos perfuraram milhares de anos antes.

Além disso, as estalactites, como tudo na natureza, variam infinitamente, dependendo da forma das cavernas, da disposição das fendas e da maior ou menor abundância das gotas que depositam os revestimentos calcários. Apesar do horror das trevas que as preenchem, multidões de cavernas são assim transformadas em maravilhosos palácios subterrâneos. Cortinas de pedra com inúmeras pregas, aqui e ali coloridas com ocre vermelho e amarelo, se estendem como cortinas nas portas das salas; no interior, sucedem-se até onde a vista alcança colunas com bases e capitéis ornamentados com relevos bizarros;

monstros, quimeras e grifos se contorcem em grupos fantásticos e s nas naves laterais; altas estátuas de deuses erguem-se isoladas e, às vezes, à luz das tochas, parece que seus olhares se animam e que, com um gesto terrível, seus braços se estendem em sua direção. Essas cortinas de pedra, essas colunatas, esses grupos de animais, essas figuras de homens ou deuses, são esculpidas pela água, e a cada dia, a cada segundo, ela está trabalhando para acrescentar algum traço precioso à imensa arquitetura.

CAPÍTULO V - O ABISMO

Não muito longe da caverna, grande laboratório da natureza onde se vê um riacho se formar gota a gota, abre-se um vale tranquilo no fundo do qual brota outra fonte. Ela também sai da rocha, mas essa rocha não se ergue abruptamente como a da grande caverna; ele desabou após algum desmoronamento; grama, plantas silvestres e algumas árvores crescem em suas encostas; em sua base, ao redor da fonte límpida, reuniram-se grandes árvores cujos galhos entrelaçados balançam em um mesmo movimento harmonioso e ritmado, sob a pressão da brisa. Tudo é calmo e encantador neste pequeno recanto do universo. A bacia é transparente, quase sem ondulações, e a água, que sai de uma arcada de alguns centímetros de altura, derrama-se sem ruído.

Inclinado sobre essa água que brilha ao sol, procuro penetrar com o olhar a sombra de onde ela brota e invejo a pequena aranha d'água que se lança patinando e vai bisbilhotar na cavidade da rocha. Na entrada, vejo ainda algumas saliências no fundo, pedras brancas, um pouco de areia que se move lentamente sob a corrente rápida; mais adiante, distingo as ondulações das ondas e as pequenas colunas de pedra que sustentam a abóbada; vagamente iluminadas pelo reflexo dos raios perdidos, elas parecem tremular na sombra: parece que uma rede de seda flutua sobre elas em leves ondulações. Além disso, tudo é escuro; o riacho subterrâneo só se revela pelo seu murmúrio abafado. Quais são as sinuosidades da água além da curva onde o primeiro reflexo de luz vem acariciá-la? Procuro reencontrar essas curvas do riacho com a imaginação. Nos meus sonhos de homem acordado, eu me torno minúsculo, com apenas alguns centímetros de altura, como o gnomo das lendas, e pulando de pedra em pedra, insinuando-me sob as protuberâncias da abóbada, ultrapasso todas as confluências dos riachos em miniatura, subo os imperceptíveis filetes de água, até que, tendo-me tornado um simples átomo, chego finalmente ao local onde a primeira gota escorre através da rocha.

No entanto, sem nos transformarmos em gênios, como faziam nossos pais nos tempos da fábula, podemos, ao passear pelo campo, reconhecer na superfície do solo indícios que revelam o curso do nosso riacho escondido. Um caminho sinuoso que começa à beira da nascente sobe pela encosta da colina

contornando os troncos das árvores, depois desaparece sob a grama em uma dobra do terreno e chega ao planalto coberto de campos de trigo. Muitas vezes, quando eu era um estudante selvagem, subia correndo e depois descia esse caminho em alguns saltos; às vezes também me aventurava a uma certa distância no planalto até perder de vista o bosque da nascente; mas em uma curva do caminho, parava de repente, sem ousar ir mais longe. Ao meu lado, via abrir-se um abismo em forma de funil, cheio de arbustos e silvas entrelaçados. Grandes pedras jogadas por transeuntes ou arrastadas pela inclinação pelas fortes chuvas pesavam aqui e ali sobre a folhagem empoeirada e danificada; no fundo, alguns galhos se cruzavam; mas entre suas folhas verdes, eu distinguia o negro assustador de um abismo. Um ruído surdo escapava incessantemente como o gemido de um animal enjaulado.

Hoje gosto de rever o “Grande Buraco”; até me arrisco a descer até lá, correndo o risco de assustar as cobras que rapidamente desenrolam seus anéis entre as pedras; mas antigamente, com que terror nós, crianças pequenas, olhávamos para aquele poço sinistro à beira do qual a charrua parava! Certa noite, sob um belo luar, tive que passar sozinho perto do local fatal. Ainda sinto arrepios: o abismo me olhava, me atraía, meus joelhos dobravam sob o esforço e os galhos dos arbustos se estendiam como braços para me puxar para dentro da abertura escancarada. No entanto, passei batendo ruidosamente com os calcanhares no solo cavernoso; mas atrás de mim, um gigante feito de vapores surgiu de repente: ele se inclinou para me agarrar e o murmúrio do abismo me perseguiu como uma risada de ódio e triunfo.

Esse abismo, eu sei agora, é uma abertura acima do riacho, e o som surdo que dele emana é o eco distante da água batendo contra as pedras. Em uma época desconhecida, mesmo antes de os primeiros documentos de propriedade terem sido redigidos pelos notários do país, uma das bases rochosas que cobrem o vale subterrâneo desabou no leito do riacho, e então as terras, sem base, foram gradualmente arrastadas para a planície; pouco a pouco, o Grande Buraco se aprofundou e as chuvas, correndo ao longo de suas encostas, lhe deram a forma de um funil quase regular. Os camponeses da região, que sempre pensam em suas colheitas, chamam-no de “Boit-tout” (Bebe-tudo), porque ele realmente bebe todas as chuvas, todas as aguaceiras que poderiam fertilizar seus campos. A água em excesso que caiu no planalto se derrama no buraco em filamentos amarelos de argila para reaparecer na fonte, cuja pureza cristalina fica turva por algumas horas.

O abismo que tanto me assustava na infância não é o único que se abriu acima das galerias profundas. Seguindo a parte mais baixa de uma espécie de prega no solo do planalto, passamos por várias outras cavidades, que indicam aos caminhantes o curso subterrâneo das águas. Todas elas diferem em forma e tamanho. Algumas são enormes fossas onde rios desapareceriam em cataratas, outras são simples afundamentos do solo, charmosos ninhos bem revestidos de grama, onde gostamos de nos aquecer ao sol nos belos dias de outono, sem medo do vento já frio que passa assobiando sobre as ervas trêmulas do planalto. Alguns desses buracos se obstruem e se preenchem gradualmente; mas também há outros que vemos se cavando e que, a cada ano, se aprofundam diante dos nossos olhos. Aquela abertura estreita que nos parecia um refúgio de cobras e na qual, com medo de sermos mordidos, não ousávamos colocar o braço, era o início de um abismo: as chuvas e os desmoronamentos internos a ampliaram ano após ano; agora é um precipício com encostas de argila vermelha, sulcado pelas chuvas.

Desses poços naturais, o mais pitoresco é precisamente o mais distante da fonte. Nesse local, o planalto, que se tornou mais irregular, termina abruptamente ao pé de uma parede rochosa, do outro lado da qual se abre um vale que despeja suas águas em um rio distante. As rochas erguem-se no céu com seus belos frontões dourados pela luz, mas sua base é escondida por um bosque de carvalhos e castanheiros; graças ao verde e à variedade da folhagem, o contraste muito forte que a parede íngreme das rochas formaria com a superfície horizontal do planalto é suavizado. É no meio desse bosque que se abre o grande abismo. Em suas margens, alguns arbustos inclinam seus caules em direção à abertura azul entre os longos galhos das carvalhos; apenas um bétula deixa cair seus delicados galhos sobre o abismo. É preciso ter cuidado aqui, pois o solo se esvai repentinamente e o poço não tem borda como aqueles que os engenheiros cavam! Avançamos rastejando, depois deitados de bruços, apoiados nas mãos, mergulhamos o olhar no vazio. As paredes do abismo circular, aqui e ali escurecidas pela umidade que escorre através da rocha, descem verticalmente; apenas algumas saliências irregulares se projetam para fora das paredes. Tufos de samambaias e centopeias brotam das fendas mais altas; mas abaixo, a vegetação desaparece, a menos que uma mancha vermelha vista ali na sombra, sobre uma saliência da rocha, seja um rastro de algas infinitamente pequenas. No fundo, tudo é inicialmente apenas escuridão; mas nossos olhos se acostumam pouco a pouco à obscuridade, e agora distinguimos

uma camada de água clara sobre um leito de areia.

Além disso, é possível descer no poço, e eu sou um dos que tiveram esse prazer. Certamente, a aventura oferece um certo prazer, pois é uma viagem de exploração; mas, em si mesma, não tem nada de muito sedutor e nenhum dos que fizeram essa descida aos infernos tem muita vontade de repeti-la. Uma longa corda, emprestada pelos camponeses da região, está firmemente amarrada a um tronco de carvalho e, mergulhando até o fundo do abismo, oscila suavemente sob o impulso do fio de água em que a extremidade livre está mergulhada. O viajante aéreo agarra-se firmemente à corda com as mãos, os joelhos e os pés e deixa-se deslizar lentamente, e, na boca tenebrosa do poço. Infelizmente, a descida nem sempre é fácil: gira-se sobre si mesmo com a corda, enrosca-se nos tufo de samambaias, que se partem com o peso do corpo, bate-se várias vezes contra a rocha cheia de saliências e se limpa da roupa a água gelada que escorre das fendas da parede. Finalmente, chegamos a uma saliência e, depois de descansar um pouco para recuperar o fôlego e o equilíbrio, lançamo-nos novamente no vazio e logo chegamos ao fundo sólido.

Lembro-me sem alegria da minha estadia de alguns instantes no abismo. Eu tinha os pés na água; o ar era úmido e frio; a rocha estava coberta por uma espécie de pasta pegajosa composta por argila diluída; uma sombra sinistra me cercava; não sei que brilho pálido, vago reflexo do dia, me revelava apenas algumas formas indefinidas, uma caverna, pingentes bizarros, um grande pilar. Apesar de mim, meus olhos voltavam-se para a zona brilhante que se arredondava na margem do poço, os grandes galhos com folhagem espalhada que os raios douravam alegremente e os pássaros distantes planando livremente no céu azul. Eu estava ansioso para rever a luz; dei um grito de chamada e meus companheiros me puxaram para fora do buraco, enquanto eu os ajudava empurrando com o pé as saliências da rocha.

Ingenuamente, eu me considerava uma espécie de herói por ter feito minha pequena descida aos infernos, a apenas trinta metros de profundidade, procurava na minha cabeça algumas rimas sobre o poeta que se aventura nas profundezas do abismo para surpreender o sorriso de uma ninfa aprisionada, e não pensava nos verdadeiros heróis, aqueles intrépidos mineiros que, sem nunca recitar versos sobre seus ousados encontros com as divindades subterrâneas, conversam com elas durante dias e semanas inteiras! São eles que conhecem bem o mistério das águas ocultas. Ao lado de suas cabeças, a gotinha, suspensa

nas estalactites do teto, brilha como um diamante ao clarão das lâmpadas, depois cai em uma poça e salta com um ruído seco, repercutido ao longe nas galerias retumbantes. Riachos formados por todas essas gotas escorrem sob seus pés e se despejam de canaleta em canaleta até a bacia de recepção, onde a máquina a vapor, semelhante a um colosso acorrentado, mergulha alternadamente seus dois grandes braços de ferro, gemendo a cada esforço. Ao barulho das águas da mina se mistura, às vezes, o som surdo e o das águas externas, que uma picada infeliz poderia fazer desabar em um dilúvio nas galerias. Há até mineiros que não temeram levar seus trabalhos de escavação até abaixo do mar e que não param de ouvir o terrível oceano rolando blocos de granito sobre a abóbada que os abriga. Durante os dias de tempestade, a poucos metros deles, os navios vêm se espatifar contra as falésias.

CAPÍTULO VI - A RAVINA

Descendo o curso do riacho, no qual se unem a torrente barulhenta da montanha, o riacho da caverna e a água tranquila da nascente, vemos à direita e à esquerda vales sucedendo-se, e cada um deles, diferente dos outros pela natureza de seus terrenos, pela inclinação, pelo aspecto geral e pela vegetação, também se distingue pela quantidade de água que traz para o leito comum do vale.

Quase em frente a um pequeno torrente tagarela que salta alegremente de pedra em pedra para se misturar à massa já considerável do riacho, abre-se uma ravina muito inclinada, na maioria das vezes seca. É provável que essa ravina, escavada em solo poroso, esteja sobreposta a um leito subterrâneo onde corre um riacho permanente; mas ela só é percorrida pelas águas após chuvas de tempestade ou chuvas prolongadas. Como todos os vales laterais, é tributária do vale central, mas tributária intermitente. Além disso, é ainda mais curioso visitá-la, pois, ao caminhar pelo leito seco, pode-se estudar à vontade a ação da água corrente.

Um pequeno caminho, destruído todos os outonos pelos sulcos do lavrador e rapidamente traçado novamente pelos passantes, serpenteia ao lado da margem do barranco. É verdade que galhos de arbustos, plantados pelo proprietário ciumento, defendem a passagem; mas esses arbustos, humilde simulação do temível deus Terme, não têm nada que aterrorize os camponeses da região, e o caminho, sem dúvida aberto pela primeira vez pelos homens da idade da pedra, não para de se reformar ano após ano. Seria, portanto, fácil subir a ravina em toda a sua extensão sem ter que usar as mãos para uma única escalada; no entanto, quem ama a natureza de perto despreza o caminho batido e desliza com alegria no estreito espaço aberto entre as margens. Desde os primeiros passos, ele se sente como separado do mundo. Atrás, uma curva do desfiladeiro esconde o riacho e as pradarias que ele rega; à frente, o horizonte é abruptamente limitado por uma série de degraus de onde a água, quando corre, desce em cascatas; acima, os galhos das árvores que margeiam o desfiladeiro se curvam e se entrelaçam em forma de abóbada; os ruídos do exterior não penetram neste vale selvagem quase subterrâneo.

É uma grande alegria encontrar-se assim na natureza intocada, a poucos passos dos campos arados em sulcos paralelos, e ser obrigado a abrir caminho entre rochas e arbustos, não muito longe do honesto burguês que caminha placidamente, contemplando suas colheitas. A cada curva do tortuoso desfiladeiro, a inclinação e a forma do leito mudam abruptamente: desfiladeiros e bacias se sucedem, contrastando da maneira mais estranha. A montante de um pequeno matagal de arbustos entrelaçados com silvas, que a água invade apenas nas suas cheias mais fortes, estende-se uma miniatura de prado, com alguns metros de largura e frequentemente inundado por cheias de uma hora. Ao redor da pradaria e do matagal, desenvolve-se em semicírculo uma praia de areia branca, cujos materiais, finos ou grossos, se depositaram em ordem, seguindo a força da corrente que os arrastou. O modesto leito do rio, de onde a água desapareceu, ainda é tal como foi modelado pela torrente efêmera e revela tanto melhor as leis de sua formação quanto mais nenhuma poça de água o cobre. Uma espécie de fossa, cheia de lama e folhas em decomposição, mostra que, nesse local, o riacho era tranquilo e quase sem correnteza; mais adiante, o leito mal foi cavado devido à rapidez da água que fugia pela forte inclinação; em outros lugares, as arestas paralelas das camadas rochosas atravessam obliquamente o fundo de uma margem à outra, formando pequenas barragens nas quais a corrente se quebrava em ondas. Um grande bloco de pedra desviou o curso do riacho, que se lançou em direção à margem por uma curva brusca e gradualmente cavou um leito à sua medida; mais acima, galhos arrastados, ervas e algumas pedras serviram de apoio para a formação de uma ou várias ilhotas, rodeadas por leitos sinuosos, cheios de areia de um branco brilhante. A dez passos dali, o aspecto da ravina mudou novamente. Lá, o fundo não passa de uma ranhura cavada pela água em uma argila dura, quase rochosa; com grande dificuldade, consigo passar pelo desfiladeiro agarrando-me a alguns galhos que balançam acima da minha cabeça. O fio ou a coluna líquida que, dependendo da força do riacho temporário, murmura suavemente ou ruge com estrondo no estreito corredor, deslizou em corredeiras por uma sucessão de degraus e, ao pé da queda, escavou uma espécie de cuba, uma grande bacia onde as pedras roladas giravam sob a pressão das águas. Depois de passar pelo desfiladeiro, encontro ainda o que antes eram ilhas, meandros, corredeiras, cachoeiras: vejo até mesmo fontes agora esgotadas e reconhecíveis pela umidade da areia e pelas fissuras nas rochas. A borda de onde se lança uma das cascatas é formada por duas raízes entrelaçadas, presas apenas por um lado na

espessura da argila.

Esta ravina, na qual entramos com tanta alegria para contemplar num espaço estreito o quadro da natureza livre e para escapar ao tédio das culturas monótonas e bárbaras, uma multidão de animais e insetos, rebeldes como nós, esgueira-se para lá a fim de encontrar abrigo contra o homem, o grande perseguidor; infelizmente, o caçador implacável também os segue até esse refúgio, apesar dos espinhos e das raízes. Terras recém-revolvidas, buracos pretos abertos nas margens nos revelam os esconderijos dos coelhos e das raposas; ao nos aproximarmos, as cobras enroladas rapidamente desenrolam seus anéis e desaparecem nos matagais; lagartos mais rápidos escapam fazendo barulho nas folhas caídas; os insetos pulam na areia e balançam nas ervas; avistamos ninhos de pássaros na espessura dos arbustos: todo um mundo de fugitivos está neste refúgio, onde encontra alimento e abrigo.

É que, de fato, nessa pequena ravina, com apenas alguns metros de largura, a vegetação é das mais variadas; uma infinidade de plantas, de origem e porte diversos, se encontram ali, enquanto nos campos vizinhos a uniformidade do terreno arado permite germinar, além das sementes lançadas pelo agricultor, apenas as sementes de quatro ou cinco “ervas daninhas”, ornamento comum de todos os sulcos. Nessa estreita fenda, invisível à distância, exceto pela vegetação de suas margens, todas as qualidades do solo, todos os contrastes de secura e umidade, todas as diferentes sombras e insolação são abruptamente justapostas e, como resultado, muitas plantas, banidas dos terrenos comuns de cultivo, encontram nesse canto respeitado pelo homem um ambiente propício onde se desenvolvem com alegria. A areia peneirada pelas águas tem suas ervas especiais, assim como os amontoados de pedras desmoronadas, a argila ocre e os interstícios da rocha dura. Os solos vegetais misturados em diversas proporções também têm sua flora ou floreta; a encosta íngreme exposta ao sol do meio-dia é coberta por ervas e arbustos que gostam de terrenos secos, o fundo úmido onde nunca incide um raio de sol tem uma vegetação totalmente diferente, o lodo onde a água ainda permanece também se distingue neste mundo vegetal por representantes que lhe são próprios.

E, no entanto, não há desordem nessa surpreendente diversidade! Pelo contrário, as plantas agrupadas livremente, seguindo suas afinidades secretas e a natureza do terreno que as sustenta, constituem, em conjunto, um espetáculo que enche a alma de uma singular sensação de harmonia e paz. Ali, nada é

artificial ou imposto, como num regimento de soldados com gestos mecânicos e uniformes, mas sim pitoresco, com charme poético, liberdade de atitude e aparência, como numa multidão de homens de todos os países, onde cada um se aproxima dos seus semelhantes. É verdade que, tanto nessa ravina como em toda a Terra, a batalha da vida pelo gozo do ar, da água, do espaço e da luz não cessa por um instante entre as espécies e as famílias vegetais; mas essa luta ainda não foi regularizada pela intervenção do homem, e poderíamos acreditar, no meio dessas plantas tão diversas e tão graciosamente associadas, que nos encontramos em uma república federativa onde cada existência é salvaguardada pela aliança de todas. Mesmo as colônias de plantas estranhas à natureza livre são respeitadas, pelo menos por um tempo: em uma saliência de terra que desabou e permanece suspensa na encosta da margem, vejo balançar os caules flexíveis de um tufo de aveia, humilde colônia de escravos fugitivos aventurados em um mundo de heróis bárbaros livres.

Assim como o riacho do vale e os grandes rios da planície, a pequena ravina tem suas margens sombreadas por árvores. O álamo cresce ao lado da faia e do carvalho; as folhas finamente recortadas do freixo aparecem entre dois largos olmos de galhos espalhados; o tronco branco do bétula resplandece ao lado da casca áspera e escura do carvalho. No topo da encosta, onde a ravina é pouco mais do que uma ondulação do solo, pinheiros de ar sério, com folhagem quase negra, se reuniram como para um concílio. Ao redor deles, a terra sem vegetação desapareceu sob uma espessa camada de agulhas cor de ferrugem, enquanto não muito longe dali, um alegre álamo, com seu verde claro, brota apenas pela copa, orgulhosamente coberta de clematite, de um matagal de arbustos e mato. Devido à extrema variedade das condições do solo, a estreita cortina é muito mais rica em espécies diversas de árvores do que florestas inteiras que cobrem vastos territórios. Além disso, em muitos lugares, os troncos estão tão próximos uns dos outros que, de uma margem à outra, não se vê um único raio de luz; do fundo dos abismos, as árvores se erguem como colunas apertadas de um edifício, depois, ao nível das margens, os galhos se espalham amplamente, envolvendo com seu verde os troncos que crescem na margem e vão avidamente buscar seu alimento ao ar livre, acima dos campos arados.

Sob essas abóbadas de sombra, nas profundezas da ravina, a temperatura é sempre fresca, mesmo no auge do verão; os galhos entrelaçados impedem que a atmosfera úmida escape para o espaço e, graças ao vapor úmido, as

samambaias com grandes folhas caídas e os cogumelos agrupados fraternalmente em pequenas comunidades crescem e prosperam em todas as margens. O ar está tão impregnado de umidade que basta fechar os olhos para se sentir à beira de um riacho que corre silenciosamente em seu leito. Além disso, a água está realmente lá; é apenas aparente que ela desapareceu. Os musgos que cobrem o fundo da ravina e as raízes das árvores ficaram cheios de líquido durante a última enchente: dilatados como esponjas, eles mantêm por muito tempo essa umidade nutritiva e, ao menor sinal de chuva, se enchem novamente, absorvendo avidamente as gotas que caem. Assim, de musgo em musgo e de planta em planta, na infinita multidão de células orgânicas, ainda se encontra o fluxo contínuo do riacho, da origem à saída da ravina. Sem dúvida, não se vê, não se ouve seu murmúrio, mas se adivinha e se desfruta da suave frescura que ele espalha na atmosfera.

Algo admirável e que sempre me encanta! Esse riacho é pobre e intermitente, mas sua ação geológica não é menos importante; ela é relativamente mais poderosa quanto menor a quantidade de água que corre. É o fino fio de água que cavou a enorme fossa, que abriu esses cortes profundos através da argila e da rocha dura, que esculpiu os degraus dessas cascatas e, com o desmoronamento das terras, formou esses amplos circos nas margens. É também ele que mantém essa rica vegetação de musgos, ervas, arbustos e grandes árvores. Existe algum rio, como o Mississippi ou o Amazonas, que, proporcionalmente à sua massa de água, realize na superfície da terra um milésimo desse trabalho? Se os rios poderosos fossem iguais em força ao riacho temporário, eles rasariam cadeias de montanhas, cavariam abismos de vários milhares de metros de profundidade, alimentariam florestas cujas copas balançariam até as camadas superiores da atmosfera. É precisamente em seus recantos mais pequenos que a natureza mostra melhor sua grandeza. Deitado sobre um tapete de musgo, entre duas raízes que me servem de apoio, contemplo com admiração essas margens altas, esses desfiladeiros, esses circos, esses degraus e a abóbada sombria de folhagem que me contam com tanta eloquência a obra grandiosa da gota d'água.

CAPÍTULO VII - AS FONTES DO VALE

A todos os riachos visíveis e invisíveis que descem de ravinas e vales em direção ao rio principal, somam-se ainda dezenas e centenas de pequenas nascentes e veios de água, todas diferentes umas das outras pela aparência e pela paisagem de pedras, silvas, arbustos ou árvores que as rodeiam, diferentes também pelo volume de suas águas e pela oscilação de seu nível, dependendo dos meteoros e das estações. Algumas delas têm até uma existência temporária; depois de correrem por algumas horas, secam repentinamente; a cascatinha que delas jorra deixa de murmurar, as paredes de suas bacias secam, as ervas que elas umedecem inclinam-se e murcham. Então, após alguns minutos ou horas, ouve-se um murmúrio subterrâneo, e eis que a água volta a jorrar de sua prisão de pedra, para devolver a vida às raízes e às flores; com seu murmúrio argênteo, ela anuncia alegremente sua ressurreição aos insetos escondidos sob a grama, a todo um mundo de seres infinitamente pequenos que aguardam seu despertar para despertar eles próprios. Os físicos nos explicam a causa dessas intermitências; eles nos dizem como a água escorre e para alternadamente nas cavidades subterrâneas dispostas em forma de sifão. Tudo isso é bonito, mas a esses jogos da natureza, a essas fontes que se mostram e se escondem alternadamente, preferimos a fonte que não nos engana, cujo alegre murmúrio sempre ouvimos e na qual, a qualquer hora, podemos ver refletida a luz tremeluzente. Mais encantadora ainda me parece a fonte, a mais discreta de todas, que brota no fundo do riacho e que só o observador atento da natureza reconhece. No meio da água transparente, não se consegue distinguir a coluna líquida da fonte que se eleva, mas ela não deixa de se revelar pelas ondulações das ervas que sua onda ascendente acaricia, pelas bolhas de ar que escapam da areia e vêm estourar na superfície, pelos borbulhamentos silenciosos que se produzem na superfície da água e se propagam ao longe em ondulações gradualmente enfraquecidas.

Desiguais em volume e na paisagem que as rodeia, as fontes também apresentam a maior diversidade em seu teor de substâncias minerais, pois por mais pura que a água da fonte pareça aos nossos olhos, ela não é apenas, como nos ensina a química, uma combinação de dois corpos simples, o hidrogênio,

que forma, segundo se diz, os imensos redemoinhos das nebulosas distantes, e o oxigênio, que para todos os seres é o grande alimento da vida, ela também contém outras substâncias, seja rolando em seu leito no estado de areia ou poeira, seja dissolvidas na massa líquida e transparente como ela.

Entre as fontes tributárias do riacho, há uma que brota de rochas duras e contém partículas de ouro em seus sedimentos. Se ela contivesse grandes quantidades, como certas fontes da Califórnia, da Colômbia, do Brasil e dos Urais, imediatamente uma multidão de homens ávidos se precipitaria para a fonte abençoada, toda a areia que ela depositou nas margens de sua bacia seria peneirada, a própria rocha seria atacada com picaretas e enxadas e levada, pedaço por pedaço, para os martelos da fábrica; logo as cabanas de uma vila, povoada por mineiros, substituiriam as grandes árvores e as pradarias do vale, que, mais populoso e próspero, se tornaria também, com o tempo, mais instruído e mais feliz; no entanto, é com um sentimento de alegria que passeamos pelas margens invioladas do nosso Pactolus, desconhecido da multidão, e que nele reencontramos a solidão e o silêncio, como nos primeiros dias em que vimos brilhar a pepita de ouro. Felizmente, nas redondezas, existe apenas um único garimpeiro, um velho geólogo que mostra com orgulho alguns grãos brilhantes contidos em uma caixa de papelão: esse é todo o fruto de suas longas pesquisas.

Outra fonte, vizinha do pequeno eldorado, é bem mais generosa em flocos brilhantes. É uma água que escorre das rochas micáceas e traz os detritos à luz. As lascas, que a corrente faz rolar no fundo, giram por um instante sobre si mesmas e depois se depositam sobre outras lamelas, de modo que sempre se vê o reflexo brilhando sob a água cintilante. As crianças da vizinhança gostam de brincar, recolhendo com as mãos cheias dessa areia brilhante; elas empilham montes de flocos de ouro e prata. Felizmente, essas pobres crianças sabem que a massa brilhante é ouro ou prata apenas na aparência; caso contrário, talvez começassem à beira da fonte a dura batalha da vida que mais tarde, quando se tornassem homens, teriam de travar uns contra os outros para arrancar, na forma de moeda, o pão de cada dia.

Em um pequeno vale, ao pé de rochas calcárias, jorra outra fonte que, longe de espalhar flocos brilhantes em suas águas, cobre, ao contrário, com uma espécie de revestimento acinzentado as pedras de seu leito, as folhas e os galhos caídos dos arbustos vizinhos. Este local é composto por inúmeras moléculas

calcárias dissolvidas pela água no interior da colina. Interrompido em seu curso por algum obstáculo, o riacho agora devolve as partículas de pedra das quais estava saturado. Ao lado da bacia cresce uma samambaia que balança suas folhas verdes no ar úmido, enquanto a raiz banhada pela água está parcialmente envolta por uma camada de pedra.

Assim, as fontes variam quanto às substâncias, sólidas ou gasosas, que transportam ou dissolvem em seu curso subterrâneo e levam para fora. Algumas contêm sal, outras são ricas em ferro, cobre e diversos metais; outras ainda efervesce com ácido carbônico ou liberam gases sulfurosos. A proporção das misturas que se operam assim no laboratório das fontes difere para cada uma delas, e o químico que deseja conhecer essa proporção de maneira precisa é obrigado a fazer uma longa análise especial, que ele repete várias vezes. Depois, quando pesa as diversas substâncias, ainda lhe resta, utilizando os meios prodigiosos que a ciência agora lhe fornece, estudar as linhas coloridas que a água da fonte produz num espectro luminoso. Essas linhas, que permitem ao astrônomo descobrir os metais nos astros, brilhando como um ponto no fundo do espaço infinito, revelam também ao químico os traços dos corpos que se encontram em quantidades infinitesimais na gota das fontes. O dia em que dois alemães sinalizaram, arrancando-os, por assim dizer, da fonte, pela força da ciência, metais que ainda não eram conhecidos, é um dos grandes dias da história. Comparadas a essa data, quão insignificantes são, nos anais da humanidade, as vitórias ou a morte dos mais famosos conquistadores!

Diferentes umas das outras pelas substâncias que trazem de sua viagem pelo mundo subterrâneo, as fontes que correm para o riacho também têm temperaturas diversas. Há aquelas cuja água tem precisamente a temperatura média da atmosfera que paira sobre a região; outras são mais frias, porque descem das neves ou porque ocorre uma forte evaporação nos canais internos sob a influência das correntes de ar; outras ainda são mornas ou quentes; encontram-se em todos os graus entre o da neve derretida e o do vapor em explosão. Por sua temperatura, a fonte nos dá assim um resumo de sua história subterrânea: basta mergulhar o dedo nela para saber qual foi sua viagem nas profundezas ocultas. À beira de uma água fria, olhamos para as montanhas nevadas e dizemos a nós mesmos: “É de lá de cima que desce a fonte!” Mas se a água estiver morna, é sem dúvida porque ela primeiro encontrou seu caminho de falha em falha até uma grande profundidade e se aqueceu nesses condutos tenebrosos antes de subir à superfície. Por fim, quando a temperatura de uma

fonte se aproxima da do vapor quente, sabemos que o riacho correu a dois ou três quilômetros abaixo do solo, pois é somente a essas profundidades que a temperatura das rochas é tão elevada quanto a da água fervente. Ficamos sentados confortavelmente na grama à beira da fonte; mas a experiência tão penosamente adquirida pelos mineiros em suas galerias profundas nos permite seguir com a mente o itinerário que o fio de água percorreu na espessura das rochas antes de jorrar para fora.

Mais ainda do que as águas frias, as águas mornas ou termais trabalham para dissolver a pedra no interior das rochas e, em seguida, depositá-la sob outra forma à sua saída. Em muitos lugares, as águas quentes que correm para o riacho derramam-se primeiro em uma grande bacia que elas mesmas trouxeram e esculpiram molécula por molécula.

Ao lado encontram-se outras bacias abandonadas e, aqui e ali, as fendas que se abrem na rocha são bordadas por encantadoras concreções, semelhantes aos revestimentos de mármore colocados nas fachadas dos nossos edifícios. Mas o que são esses fracos depósitos siliciosos ou calcários em comparação com as enormes construções erguidas em vários países do mundo por rios termais, como os de Holly-Springs, nos Estados Unidos! Os viajantes nos dizem que essas águas quentes constroem verdadeiros castelos, cidadelas, muralhas com vários quilômetros de comprimento. Brancos como o alabastro, os pilares e contrafortes, incessantemente aumentados pelas cascatas escorridas, ganham pouco a pouco terreno na planície. A água, construindo sem descanso, fecha constantemente seu próprio caminho e, em busca incessante de um novo leito, deixa para trás bacias, pontes inacabadas e colunatas esboçadas. Montanhas inteiras, que o geólogo explora com admiração, foram construídas por torrentes de água quente que jorram das profundezas.

Mas essas maravilhas estão distantes e poucos entre nós podem contemplar esses rios quentes trabalhando na construção de seus edifícios marmorizados. Mais modestas, as fontes de nossa pequena bacia não alteram o relevo do solo e a aparência das paisagens em poucos anos; mas, embora levem séculos e séculos para realizar seu trabalho, elas acabam renovando todo o espaço que regam; pouco a pouco, transformam a pedra e criam um leito totalmente diferente daquele que a natureza lhes preparou. O geólogo e o mineiro que penetram à força com o picareta e o martelo no interior das rochas descobrem lá veios de jaspe e outras pedras transparentes ou coloridas. É o fio

de água termal, levando a argila em dissolução, que a depositou na fenda por onde corria e, mudando de curso, se derramou por outras falhas. Todas essas veias sinuosas que atravessam as rochas como veios de cristal devem sua origem a riachos: é verdade que, na maioria dos casos, as águas jorravam das profundezas do solo, não na forma líquida, mas na forma de vapores e a uma temperatura de várias centenas de graus, pois, de outra forma, não teriam sido capazes de dissolver os materiais que revestem as paredes de seus antigos leitos. Assim, os minerais de ouro e prata foram soprados do fundo das rochas pelos vapores de um Pactolus subterrâneo.

Com o enorme poder que o tempo lhes confere, as pequenas fontes que dissolvem as rochas e sublimam os metais também conseguem, por vezes, abalar as montanhas. Em uma bela noite de outono, uma violenta ondulação do solo foi sentida na bacia do riacho; as casas começaram a vibrar, para grande terror dos habitantes, e até mesmo algumas paredes já rachadas desabaram. Esses foram todos os infortúnios causados pelo terremoto, mas por muito tempo serviram de assunto de conversa para os sábios e os ignorantes de nossas aldeias. Alguns falavam de um grande mar de fogo que encheria a terra e diziam que uma tempestade havia agitado as ondas; outros afirmavam que um vulcão estava tentando surgir nas proximidades e que em breve uma cratera se abriria; outros ainda, que nada sabiam sobre o fogo central e nunca tinham visto nem cratera nem corrente de lava, pensavam em um grupo de fontes salinas e gipsíferas que jorravam em um vale ao pé de uma colina rochosa

; vendo que, após o terremoto, elas haviam escorrido turvas e lamacentas e que várias delas haviam se deslocado, eles se perguntaram se não eram elas as verdadeiras culpadas. A cada segundo, a cada minuto, essas fontes trazem, é verdade, apenas uma quantidade quase infinitesimal de sal, gesso e outras substâncias sólidas; mas, após anos e séculos, os filetes de água subterrâneos dissolveram camadas inteiras nas próprias fundações da montanha. Os pilares fracos que sustentam o imenso edifício cedem sob o peso, as abóbadas desabam, a montanha treme da base ao topo e a terra é agitada a centenas de quilômetros de distância, como se uma terrível explosão tivesse deslocado suas camadas. O gigante Encélado, que acaba de sacudir montanhas, colinas e planícies, é a fonte amigável cuja bacia está parcialmente escondida por um tufo de grama.

Felizmente, as fontes sabem como se redimir dos momentos de terror que

às vezes nos causam ao abalar o solo. Elas nos abeberam, a nós e aos nossos rebanhos, regam nossos campos e fazem brotar as sementes, alimentam as árvores, trazem-nos do interior da terra tesouros que sem elas nunca poderíamos ter descoberto; enfim, fortalecem nossos corpos, devolvem-nos a saúde perdida, restabelecem o equilíbrio de nossos espíritos perturbados. Tais são, ao sair da terra benéfica, as virtudes curativas das fontes termais e minerais que, em todos os países civilizados, constroem edifícios sobre as bacias para capturar a água e medir cuidadosamente o seu uso em banheiras e piscinas. Para recolher até a última gota do precioso líquido, os engenheiros escavam a rocha ao longe e captam o filete que escorre pelas fendas, o jato de vapor que se eleva das profundezas ocultas. Ávidos por saúde, os doentes utilizam tudo o que a fonte traz consigo e tudo o que ela banha com sua água; eles respiram o gás que dela escapa, mergulham na lama negra que ela forma com a areia e a argila, chegam até a se cobrir como tritões com o lodo verde que se estende como um tapete sobre as águas. No entanto, eles não levam a religião ao extremo de pressionar seus corpos contra os animais que nascem e se desenvolvem na suave temperatura das águas termais. Há charmosas cobras que vivem em grande número em certas fontes: quando a banhista avista de repente o réptil, desenrolando ao seu lado seus graciosos anéis, ela não acredita na maravilhosa aparição da serpente de Esculápio; mas, cheia de terror, ela se levanta de um salto e grita alto.

Antigamente, cabia aos feiticeiros e adivinhos habilidosos mostrar aos doentes a fonte onde encontrariam a cura ou o alívio de seus males: hoje, os médicos e químicos, substituindo os magos da Idade Média, indicam-nos com mais autoridade a água benéfica que nos devolverá as forças e nos dará uma segunda juventude. Quando a ciência estiver consolidada e o homem, sabendo perfeitamente qual deve ser seu estilo de vida, souber também quais águas e qual atmosfera são adequadas para a cura de seus males, então poderemos desfrutar da plenitude de nossos dias e prolongar nossa existência até o fim natural, desde que nossa condição social não seja sempre de nos odiar e nos matar uns aos outros. Na Arábia, os fanáticos soberanos wahabitas mandavam tapar cuidadosamente todas as fontes termais e minerais, com medo de que seus súditos, convencidos das virtudes dessas águas jorrantes, se esquecessem de depositar sua confiança apenas no poder de Alá. No futuro, pelo contrário, saberemos usar cada gota que escorre do solo, cada molécula que ela traz à superfície da terra, e lhe atribuiremos seu papel para o bem-estar da

humanidade.

CAPÍTULO VIII - AS CORRENTES E AS CASCATAS

Misturando tudo em seu leito, águas que descem da montanha e sobem das profundezas, fontes frias, mornas e termais, salinas, calcárias, ferruginosas, o riacho cresce, cresce a cada curva do vale, a cada novo afluente. Rápido e barulhento como um jovem entrando na vida, ele ruga e se lança em saltos desordenados; ele também se acalmará, diminuirá sua corrente ao chegar à planície horizontal e monótona; agora ele desliza alegremente pela encosta e se apressa em direção ao mar. Ele ainda está no período heroico de sua existência.

Nesta parte de seu curso, as corredeiras, as cascatas e as quedas são os grandes fenômenos da vida do riacho. Ainda não forte o suficiente para nivelar completamente a inclinação de seu leito, para cavar todas as bases e saliências das rochas, para reduzir a pó todos os blocos espalhados, o riacho deve superar esses obstáculos derramando-se por cima deles. As quedas variam infinitamente, dependendo da altura das rochas que têm de atravessar, da inclinação das encostas, da abundância das águas, do aspecto das margens, da vegetação das margens e das pedras submersas. Todas diferentes umas das outras, todas igualmente belas, seja por sua graça, seja por sua majestade, e é com alegria que nos sentamos ao lado delas, deixando-nos molhar por sua espuma.

As corredeiras são as cascatas esboçadas que ganham impulso, depois param e se precipitam novamente. Aqui, a água que bate contra uma pedra coberta de musgo envolve-a como um globo de vidro transparente e cinge a base com uma borda de espuma; ali, a corrente inclinada foge rapidamente entre duas rochas, depois, acima de recifes ocultos, ondula em ondas paralelas; mais adiante, o fluxo se divide em vários filetes que saltam em saltos desiguais. A água profunda, a fina camada, a franja de espuma sucedem-se em desordem até ao fundo da encosta, onde o riacho retoma a sua calma e a uniformidade do seu curso.

E entre as cachoeiras, que diversidade surpreendente! Conheço uma, encantadora entre todas, que se esconde sob o folhagem e as flores. Antes de se precipitar, a superfície do riacho é perfeitamente lisa e pura; nenhuma saliência de rocha, nenhuma erva do fundo interrompe seu curso silencioso e rápido; a

água corre em um canal tão regularmente talhado como se tivesse sido escavado pela mão do homem. Mas no local da queda, a mudança é repentina. Na saliência de onde a água cai em cascata, erguem-se maciços de rochas semelhantes aos pilares de uma ponte desmoronada, apoiados em largos contrafortes na base cercada pela espuma. Buquês de saboneteiras e outras plantas silvestres crescem como em vasos ornamentais nas fendas das pontas que dominam as cascatas, enquanto espinheiros e clematites, espalhados como uma cortina, prendem suas guirlandas às saliências da pedra e velam as camadas parciais da queda. A densa rede de vegetação oscila lentamente sob a pressão do ar que a água mergulhante traz consigo, e as lianas isoladas, cujas extremidades banham-se nos redemoinhos espumosos, tremem incessantemente. Os pássaros vêm fazer seus ninhos nessa folhagem e se deixam balançar pela correnteza. Toda adornada com flores na primavera, decorada com frutos no verão e no outono, a cortina suspensa diante da catarata abafa parcialmente o estrondo; poderíamos acreditar que ela está distante se o sol, lançando seus raios através dos galhos, não fizesse brilhar aqui e ali um diamante sob a vegetação.

A alguma distância dessa cachoeira velada por folhas e flores, outra formação rochosa atravessa o riacho, mas é muito dura e a água mal conseguiu escavá-la para cavar seu leito. Por isso, ela teve que se espalhar, removendo pedras e terra vegetal, e se dividir em vários filetes, cada um buscando um local favorável para mergulhar. Deitados sobre uma rocha polida que se ergue no meio das cascatas, vemos-as saltar por todos os lados, algumas fortes o suficiente para arrastar blocos de pedra, outras demasiado fracas para arrancar um tufo de relva. Aqui há uma pequena poça de água que se espalha sobre uma rocha toda acolchoada de lodo verde, depois desliza sob uma base saliente ladeada por samambaias e escapa furtivamente entre dois caules de salgueiros inclinados. Mais adiante, um fino fio de água, contido em uma espécie de sulco, escorre, cintila e gorjeia ao cair. Outro corre por uma fenda escura e só se veem do lado de fora alguns lampejos indistintos; outro ainda se lança para cá e para lá, contorcendo-se como uma cobra com anéis alternadamente pretos e prateados. Através das rochas, das ervas, dos arbustos, todos os riachos separados por um instante se aproximam novamente como um grupo de crianças ao chamado de uma mãe. E tudo isso ri e canta com alegria. Cada cascatinha tem sua voz, suave ou grave, prateada ou profunda, e todas se harmonizam em um concerto encantador que embala o pensamento e, como a

música, lhe dá um movimento uniforme e ritmado. Finalmente, todos os filetes dispersos se reuniram no leito comum, entrelaçam suas correntes e suas bordas de espuma, e então retomam juntos o caminho para a planície.

A catarata é outra coisa bem diferente. Aqui, as águas não se espalham por uma grande área para escorrer aleatoriamente, mas, pelo contrário, se reúnem para se lançar em uma massa compacta na estreita passagem deixada entre duas pontas de rocha. Deprimido nas margens e inchado no meio devido à atração da corrente, o riacho estreita-se e bombeia até à cornija de onde ganha impulso. A água, levada a uma velocidade extrema, perdeu as suas ondulações, as suas pequenas ondulações; todas as suas rugas, alongadas pela rapidez da corrente, se carregaram em tantas linhas perpendiculares, como se fossem traçadas pela ponta de um estilete. Semelhante a um tecido sedoso que se desdobra, a camada líquida se destaca da aresta da rocha e se curva sobre um caminho negro, no fundo do qual borbulham as águas. Na base da catarata, é um caos de espuma. A massa que mergulha se quebra em ondas que se chocam, retornando tumultuosamente diante do jato unido e se lançando contra ele como se quisessem escalá-lo. No abismo estrondoso, a água e o ar, arrastados ao mesmo tempo pelo redemoinho, misturam-se confusamente numa massa branca que se agita sem fim: cada onda, mudando incessantemente de forma, é um caos dentro do caos. Ao escapar do redemoinho, o ar aprisionado levanta jatos de gotículas que se lançam no espaço em névoas e se irisam ao sol. Às vezes, também, preso sob a cascata, ele arrasta consigo camadas espumosas que se vêem através da corrente azul agitando-se ao longo da rocha como espectros esbranquiçados. Muito à frente da queda, continua a efervescência do riacho. De cada lado, giram violentos redemoinhos no fundo dos quais as pedras se chocam, cavando para as eras futuras as “painéis dos gigantes”. Sob a pressão da tempestade que a persegue, a água toda branca e espumante foge para o canal; no entanto, ela diminui gradualmente, adquire um tom azul leitoso como o da opala, depois oferece apenas leves estrias de espuma e logo recupera sua calma e seu azul. Nada mais lembra a queda repentina do riacho, exceto a fumaça das gotículas que se vê brilhar ao longe sobre a massa em ruínas e o rugido contínuo que faz vibrar a atmosfera.

É certo que a modesta catarata do riacho não é um “mar que cai” como as Cataratas do Niágara; mas, por menor que seja, ela deixa uma impressão de grandeza para quem sabe observá-la e não passa indiferente. Irresistível, implacável, como se fosse impulsionada pelo destino, a água que escorre é

animada por uma velocidade tal que o pensamento não consegue acompanhá-la: parece que temos diante dos olhos a metade visível de uma grande roda girando incessantemente em torno da rocha; ao observar essa camada, sempre a mesma e sempre renovada, perdemos gradualmente a noção das coisas reais. Mas para se sentir poderosamente envolvido por toda a vertigem da cachoeira, é preciso olhar rio acima, acima do local onde a água deixa de correr sobre o fundo e, descrevendo sua curva, mergulha livremente no espaço. As ilhotas de espuma e as folhas arrastadas chegam lentamente à massa uniforme, como viajantes cuja tranquilidade nada perturba; então, de repente, elas começam a tremer, a girar sobre si mesmas e, cada vez mais rápidas, lançam-se em uma dobra da água para desaparecer com a queda. Assim, em uma procissão sem fim, tudo o que desce à superfície da água obedece à atração do abismo: vemos esses objetos fugirem como estrias rápidas, como traços que desaparecem tão logo são vislumbrados; o olhar, levado pela inclinação por essa fuga desordenada de folhas e arquipélagos de espuma, procura repousar no abismo para o qual tudo parece caminhar: é lá, ao que parece, no abismo rugindo, que deve estar a paz.

Às vezes, um inseto que se debate na correnteza ou que tenta subir em uma folha flutuante também chega, lentamente levado em direção ao precipício. Ele agita as patas e as antenas desesperadamente, se dobra e se contorce em todas as direções; mas assim que sente a terrível atração, assim que começa a descrever com a massa de água a grande curva da queda, ele para repentinamente seus movimentos, se deixa levar e se abandona ao destino. Foi assim que um índio e sua esposa, remando em sua canoa rio acima da catarata do Niágara, foram apanhados por um redemoinho violento e levados em direção às cataratas. Por muito tempo, eles tentaram lutar contra a pressão terrível; por muito tempo, os espectadores angustiados que corriam ao longo da margem acreditaram que os dois remadores resistiriam à correnteza e conseguiriam remontá-la; mas não, a canoa foi vencida em seu esforço; ela cedeu, cedeu cada vez mais; ela desceu à deriva na correnteza; ela se aproximou da curva terrível, toda a esperança estava perdida. Então, os dois índios param de remar, cruzam os braços, olham com serenidade para o espaço que gira ao seu redor e, orgulhosos até a morte, como convém a heróis, mergulham no imenso redemoinho.

Vista pelos olhos da ciência na infinidade dos tempos, a cachoeira em si não é um fenômeno menos fugaz do que esses insetos e seres humanos levados pelo abismo, pois ela também teve um início e também deve desaparecer. Na

superfície da Terra, tudo nasce, envelhece e se renova, assim como o próprio planeta. Todos os vales, quando abriram pela primeira vez passagem ao rio ou ao riacho que os atravessa, eram muito mais acidentados do que são atualmente: sucessões bizarras de fissuras e bacias, ofereciam apenas uma série de lagos unidos e cachoeiras vertiginosas; mas, aos poucos, a inclinação se nivelou, os lagos se encheram de sedimentos, as cachoeiras que gradualmente escavavam a rocha se transformaram em corredeiras e, depois, em correntes pacíficas. Mais cedo ou mais tarde, o riacho fluirá em um fluxo constante em direção ao mar. No final, toda a desigualdade deveria desaparecer, se a terra, ao envelhecer de um lado, não rejuvenescesse do outro. Se há montanhas que se abaixam, corroídas pelas intempéries, há também aquelas que se elevam, empurradas em direção à luz por forças subterrâneas; enquanto rios secam lentamente, absorvidos pelo deserto, torrentes nascem e crescem; algumas cachoeiras desaparecem, mas outras, depois de romper as paredes que as retêm, jorram de lagos elevados e se espalham em véus leves ou em jatos poderosos nas encostas das montanhas.

CAPÍTULO IX - AS SINUOSIDADES E OS REDEMOINHOS

Como as rochas da montanha até a planície baixa, o solo, remodelado pelas águas ao longo dos tempos, inclina-se em declive regular em direção à beira do oceano, o riacho, ao que parece, deveria fluir em linha reta, impulsionado por seu peso; mas, ao contrário, seu curso é uma sucessão de curvas. A linha reta é uma pura abstração da mente e, como o ponto matemático, outra quimera, só existe para os geômetras. Nas profundezas dos céus, o sol, os satélites e os cometas giram em imensas rodas; em nossa esfera planetária, levada como as outras em uma espiral de elipses infinitas, os furacões, os redemoinhos, os ventos e os menores sopros da atmosfera se propagam girando; as águas do mar ondulam e se desenrolam em ondas arredondadas; todas as formas orgânicas, animais e plantas, oferecem em suas células e vasos apenas superfícies curvas e sinuosidades; mesmo os cristais duros, vistos através do microscópio, não têm mais esses planos regulares, essas arestas inflexíveis que têm aos nossos olhos: os dentes, as setas, as espículas, as estrias dos minerais e dos organismos infinitamente pequenos revelam as suaves ondulações de seus contornos sob o olhar do instrumento que os examina. Em todos os lugares onde ocorre um movimento, tanto na pedra quanto em todos os outros corpos e em todos os mundos, esse movimento, resultante de várias forças, se realiza seguindo uma direção curvilínea.

Quanto ao riacho e às águas que o enchem, não é necessário munir-se dos olhos de um microscópio para ver suas sinuosidades e redemoinhos. No leito, ele próprio tortuoso, e sob as árvores que o sombreiam, tudo se move em círculos, redemoinhos, espirais: as ervas do fundo, cabelos ondulados, as rugas da superfície, as libélulas que voam sobre os juncos, que se encontram, depois se separam para se encontrarem novamente, os mosquitos que giram em uma roda sem fim, o vento que passa desenhando em preto sobre a camada brilhante as baforadas circulares; vejo apenas curvas graciosamente entrelaçadas, círculos entrelaçados, figuras com contornos flutuantes. Como indicam os mergulhos e as emergências sucessivas da folha arrastada, a água que acaba de descer para o fundo sobe por uma nova curva em direção à superfície, espalha-se à luz e depois desaparece novamente sob curvas líquidas, que também acabaram de fluir para o fundo do leito. Sob o impulso da corrente, as moléculas de água

mudam incessantemente suas respectivas posições; elas se dirigem para a direita, mas outra molécula as faz desviar para a esquerda. No leito comum, cada gotícula tem seu curso particular, uma série bizarra de curvas verticais, horizontais e oblíquas, compreendidas nos grandes meandros do riacho: é assim que os circuitos de um planeta se desenvolvem na imensa órbita do sistema solar que os impulsiona.

Considerado como um todo, o riacho inteiro se move de um lado para o outro, assim como as gotas que o compõem. Sua massa, detida por alguma rocha ou por um tronco de árvore colocado transversalmente ao leito, desliza lateralmente e vai colidir contra uma margem. Repelida pelo obstáculo, ela ricocheteia na margem oposta, bate nela e, novamente rejeitada obliquamente, lança-se na direção oposta. Assim, a corrente se move incessantemente de uma margem à outra em curvas sucessivas: da nascente à foz, é um longo ricochete da água entre as duas margens. As curvas convexas e côncavas alternam-se ao longo das margens: é um ritmo, uma música para os olhos.

Além disso, a regularidade das curvas não é matemática; os meandros variam infinitamente de forma, dependendo da natureza do terreno, da inclinação do solo, da violência da corrente, dos detritos rolados no fundo do leito. Entre as paredes rochosas, os ângulos são levemente arredondados, as curvas repentinas; a água, incapaz de esculpir profundamente as bases da pedra, volta repentinamente sobre si mesma: especialmente nas montanhas, onde a inclinação do leito é muito considerável, o torrente encerrado nos desfiladeiros se lança da direita e da esquerda em sucessivos impulsos, como um animal perseguido que tenta enganar o caçador. Na planície, as margens consolidadas pelas raízes das grandes árvores também resistem por muito tempo à ação da corrente, e em muitos lugares o canal do riacho apresenta apenas pequenas sinuosidades em uma longa extensão: segurando-se com a mão em um galho forte e inclinando-se sobre a correnteza, vê-se ao longe, como em uma alameda, a perspectiva dos troncos e galhos refletidos na água, aqui e ali riscados pela luz; no entanto, também aqui, a avenida, quase reta na aparência, acaba por desembocar num meandro, ao qual se seguem outras curvas e contracurvas, até que o riacho se mistura com as águas de um rio para se fundir no mar.

Os cursos de água que apresentam de forma mais encantadora essa sucessão ritmada de enseadas e penínsulas são os torrentes que se espalham confortavelmente em um amplo leito de areia ou seixos e os riachos ou rios que

correm nas pradarias, entre margens arenosas, desmoronando facilmente sob a pressão da correnteza. Assim são as margens do nosso riacho em quase toda a parte do seu curso que começa à saída das montanhas. Como tantas outras águas correntes cantadas pelos poetas, ele lembra à imaginação a serpente que desliza na grama desenrolando seus anéis. Vistos do alto de uma colina, os meandros brilham à luz como as dobras e pregas de cobras com reflexos prateados; só que, maiores do que os dragões da mitologia antiga, esses gigantes serpentes têm como leito um vale que se estende até onde a vista alcança, desde as montanhas até as planícies baixas ou mesmo as praias arenosas do oceano. Em quase todas as regiões do mundo, os camponeses tiveram naturalmente a ideia de assimilar a nascente do riacho à cabeça do imenso animal: a fonte jorrando é para eles o Chefe da Água, *Ras el Ain*. Assim, o rio Drot, no sul da França, serpenteia da vila de Cap-Drot ou Chef-Drot, que o domina na nascente, até Cau-Drot ou Queue-Drot, que banha na sua foz no rio Garonne.

Tal como o nosso riacho, tal como todos os rios e todos os rios, tal como o tortuoso Meandro da Ásia que deu o seu nome às sinuosidades dos cursos de água, os riachos de alguns metros de comprimento que se formam na praia do oceano após o refluxo da maré também têm a forma serpentina mais graciosa. Cada um desses pequenos sulcos com os afluentes quase imperceptíveis que se juntam a ele se desenham no solo como a imagem de um arbusto com galhos trêmulos. Com uma única onda que se quebra ruidosamente na margem, o poderoso mar cobre com uma camada de areia todos esses pequenos sistemas fluviais em miniatura; mas os filetes de água que descem voltam a cavar um caminho, e seus leitos, com apenas alguns milímetros de largura, voltam a se desenvolver em uma série de ondulações regulares. Basta que se forme um buraco na areia acima de algum detrito trazido pela maré ou do refúgio de um animal marinho, e o pequeno torrente de gotículas levado para esse funil desaparece girando com um movimento semelhante ao de um parafuso. Da mesma forma, quando o microscópio nos revela os mistérios da simples gota, quase invisível a olho nu, o que vemos senão correntes sinuosas e redemoinhos circulares, como nos rios e no grande oceano? A viagem da água que desce da montanha em direção ao mar é feita por um circuito de curvas que se entrecruzam infinitamente. É por isso que a lenda germânica nos representa as ondinas dos riachos dançando à noite em vastas rodas e roçando com os pés a superfície das fontes?

É acima dessas turbulências e redemoinhos que as danças dessas ninfas vislumbradas pelos poetas devem ser intermináveis, pois a água gira sem fim como em um círculo sem saída. Ao pé de uma cachoeira, um promontório rochoso, cercado pela torrente de espuma, protege com sua massa uma bacia tranquila onde giram as águas rejeitadas lateralmente pela correnteza. Nada mais alegre à primeira vista e mais triste a longo prazo do que o espetáculo oferecido pelo movimento de um objeto que se perdeu no redemoinho ao cair com a cachoeira. Uma bolota de carvalho ainda com sua cúpula acaba de ser arrastada pela queda e reaparece no meio da espuma. Por alguns instantes, ela parece fugir com a correnteza, mas uma onda oblíqua a empurra para longe, ela entra no redemoinho e, raspando a base da rocha, volta aos poucos para a cachoeira. Já se encontra no conflito das águas que se chocam, mas continua avançando e logo chega sob o peso do riacho que desaba; então, como animada por uma vontade repentina, ela gira e se lança girando. Mais abaixo, ele reaparece com as águas calmas, mas para recomeçar sua dança e fugir novamente sob o impacto de uma nova chuva. Às vezes, ele se lança tão longe que parece estar prestes a escapar definitivamente do chamado do redemoinho; ele parece decidir partir na companhia de um pequeno floco de espuma; mas não, ele ainda hesita, então, como um navio armado com seu leme, ele volta a rumar para a cachoeira e retoma seu movimento giratório. Talvez essa dança sem fim dure até que a cúpula se desprenda da bolota e esta, totalmente impregnada de água, caia no fundo do leito para se desintegrar pouco a pouco e se transformar em lama. Às vezes, encontram-se nas margens do riacho estranhas bolas cheias de espinhos, como castanhas ainda na árvore: são aglomerados de espinhos que se aglomeraram ao girar em um redemoinho.

Durante as grandes cheias do riacho, quando suas águas levam para longe não apenas bolotas de carvalho, galhos e espinhos, mas também árvores inteiras, é no redemoinho da bacia que termina, pelo menos por um tempo, a odisseia dos troncos viajantes. Certa manhã, alguns amigos e eu fomos visitar a cachoeira para ver a espuma tingida de rosa brilhar aos primeiros raios do sol. Um grande pinheiro, desganhado pelos choques contra as pedras, girava pesadamente no abismo. Jovens e ainda muito ignorantes sobre as coisas da natureza, observávamos com espanto os solavancos e mergulhos da enorme massa. Sem trégua, sem descanso, o tronco sacudido pelas águas ia da cachoeira até a rocha e voltava da rocha até a cachoeira; lá, ele rolava sobre si mesmo, perdia-se por um instante no furacão de água e espuma, depois

reaparecia ao longe, erguendo-se do abismo como o mastro de um navio naufragado. Caindo com barulho, flutuava lentamente até a extremidade da bacia e colidia contra uma parede que o rejeitava de volta para a catarata. Símbolo dos infelizes perseguidos pelo destino inexorável, girava, girava incessantemente como um animal feroz enjaulado em uma estreita gaiola de ferro. No entanto, esperávamos ingenuamente que ele quisesse sair do círculo fatal e flutuar em direção ao vale com a correnteza; secretamente irritados com ele por demorar tanto para continuar sua viagem, prometemos esperar sua partida para saborear triunfalmente nosso almoço. Mas, infelizmente, o monstro não parava de girar e mergulhar, e, pressionados pela fome, tivemos que nos resignar a partir vergonhosamente, lançando um último olhar de raiva para o tronco de árvore que ainda girava. Antes de decidir partir, ele esperou que a correnteza mudasse de nível.

Não só a água corre por sinuosidades sem fim, meandros, e, redemoinhos e turbulências, mas também qualquer impulso vindo de fora se propaga em curvas e ondulações na superfície do riacho. Basta que uma folha caia de uma árvore, que um grão de areia se desprenda da margem, e sob o peso do pequeno objeto, a água se ondula levemente. Em torno da depressão, ergue-se uma borda circular, ela própria rodeada por uma pequena vala. Um segundo anel concêntrico, depois um terceiro, depois outro e outros ainda se formam ao redor do primeiro; toda a superfície do riacho se cobre de círculos, cada vez mais largos, espaçados, indistintos. Ao bater contra a margem, cada borda da água se reflete em sentido inverso e cruza as ondulações que a seguiam; outras séries de ondulações produzidas pela queda de um novo grão de areia ou por um redemoinho da onda se entrelaçam com as primeiras: uma infinidade de linhas, propagando-se em todas as direções, sobem e descem como as malhas de uma rede cuja trama só um olhar experiente pode distinguir. Comparadas à largura do riacho, essas fracas ondulações são milhares de vezes mais altas do que as ondas mais fortes que rolam na superfície do mar. Refletidos pela superfície em movimento, as árvores da margem, os galhos entrelaçados e as nuvens do céu balançam, se contorcem e se movem em ondulações rítmicas: a imensidão do espaço parece dançar sobre o fluxo cintilante.

Se a massa líquida do riacho não fosse levada para o mar e permanecesse imóvel como a de um lago ou lagoa, cada ondulação concêntrica se desenvolveria em um círculo de perfeita regularidade; mas a corrente é rápida, as moléculas de água se movem incessantemente e, conseqüentemente, o

círculo regular, como a linha reta, torna-se uma pura abstração. Essa deformação dos círculos resulta em uma variedade maior no entrecruzamento das ondulações. As desigualdades da corrente que impulsiona todo o sistema de ondulações modificam as curvas, aproximando-as ou afastando-as umas das outras; um obstáculo comprime e franze as ondulações; um impulso rápido as afasta, alonga-as e polimenta a superfície: a partir das dimensões de cada intervalo entre as ondulações, seria possível calcular com exatidão a velocidade de todas as pequenas correntes parciais que compõem a grande corrente. Nos baixios, onde cada pedra serve de dique para deter o fluxo, onde cada passagem entre duas pedras é uma eclusa pela qual a água se precipita, a superfície do riacho se divide em um número infinito de pequenos triângulos esféricos, uma rede de ondulações que é ao mesmo tempo uma rede de luz e que faz vibrar e cintilar as pedras brilhantes do fundo.

Além disso, não são apenas corpos inertes que ondulam a superfície do riacho, são também seres vivos que, ao se moverem, deslocam constantemente o centro das ondulações. Um peixe que passa como um dardo dá ao conjunto das vibrações a forma de um oval muito alongado; o inseto patinador, que avança por impulsos sucessivos, deixa para trás dois rastros oblíquos que encerram círculos desiguais; outro inseto, talvez uma abelha, caído do alto de uma árvore, debate-se girando e agitando as asas com tanta velocidade que a água fica enrugada por uma miríade de linhas vibrantes que entrecruzam seus inúmeros círculos: a figura geométrica bizarra que se agita com tanta vivacidade é lentamente levada pela correnteza; mas eis que ela desaparece de repente. De uma só vez, um peixe engoliu o inseto e interrompeu todo o seu cortejo de linhas giratórias.

E eu também, contemplador tranquilo do riacho e de suas maravilhas, posso variar infinitamente a aparência da superfície líquida, deixando minha mão mergulhar na correnteza. Eu a movo aleatoriamente e, a cada movimento, altero as ondulações da superfície mutável. As ondulações, os redemoinhos, as borbulhas se deslocam; todo o regime do curso d'água varia à minha vontade, dependendo da posição do meu braço, e essas pequenas ondas que se formam diante dos meus olhos, eu as vejo se dobrando em direção à corrente, misturando-se a outras ondulações, cada vez mais enfraquecidas, mas sempre reconhecíveis, propagando-se até a curva do riacho. A visão de todas essas ondulações obedientes ao impulso da minha mão desperta em mim uma espécie de alegria tranquila misturada com uma melancolia que não sei definir. As

pequenas ondulações que provoco na superfície da água propagam-se ao longe, e de onda em onda, até ao espaço indistinto. Da mesma forma, todo pensamento vigoroso, toda palavra firme, todo esforço na grande luta pela justiça e pela liberdade muitas vezes se repercutem sem que percebamos, de homem para homem, de povo para povo e durante a longa sequência dos séculos até o futuro mais distante. Mas se eu me coloco em outro ponto de vista e contemplo de cima a sucessão das coisas, então a história de toda a humanidade não é mais, segundo a expressão de Helmholtz, do que uma ondulação quase imperceptível no mar sem limites dos tempos.

CAPÍTULO X - A INUNDAÇÃO

Durante longas horas de caminhada, seguimos com o olhar o curso da corrente, e muito raramente a superfície do riacho muda aos nossos olhos. É sempre nos mesmos lugares, ao que parece, que as folhas à deriva entram no redemoinho e mergulham girando; é nos mesmos locais que a água se espalha em camadas, dobra-se em ondulações, endireita-se em ondas, precipita-se em corredeiras; é na mesma altura, pelo menos assim parece, que as raízes dos mastros se molham e que a flor do miosótis se banha na água transparente.

No entanto, a massa de água muda constantemente e, ao mesmo tempo, também mudam a localização dos redemoinhos, a forma das camadas e ondulações, a altura e, ao mesmo tempo, também mudam a localização dos redemoinhos, a forma das camadas e ondulações, a altura das cascatas, a imersão das plantas e das raízes das árvores. Seria fácil perceber todas essas pequenas variações do fluxo se, em vez de medir a água com um olhar distraído, se verificasse a altura por meio de instrumentos de precisão. Além disso, se as oscilações do riacho são muito fracas durante os dias bonitos, quando gostamos de passear à beira da água corrente, elas são, ao contrário, fortes e repentinas após mudanças bruscas de temperatura e grandes chuvas. Que, apesar da chuva, do vento e da tempestade, não se tem medo de se instalar na margem, no abrigo precário que oferece o tronco de um salgueiro escavado pelo tempo, e veremos como o riacho pode encher rapidamente, como dobra a velocidade de sua corrente, enche seu leito até as margens e transborda para se derramar nos campos cultivados.

Nas gargantas das montanhas, as cheias e inundações são ainda mais repentinas. Lá, as chuvas que caem das nuvens ao se romperem nas arestas das rochas escorregam imediatamente pelas encostas; de todos os corredores, de todas as ravinas, correm os filetes de água e os torrentes, para se reunirem em uma enorme massa nos grandes circos abertos na origem de quase todos os vales. À água da chuva ou mesmo aos montes de neve meio derretida que a chuva morna desprende das encostas, juntam-se os detritos lamacentos, os pedregulhos, os pedaços de rocha caídos das encostas da montanha; no leito onde normalmente um pequeno torrente de água pura salta em cascatas

prateadas, agora corre com estrondo uma espécie de lama, meio líquida, meio sólida, que é ao mesmo tempo um dilúvio e um desabamento. Esses são os fenômenos que, ao longo do tempo, abaixam gradualmente as montanhas e as estendem em aluviões horizontais nas planícies e no fundo dos mares. Essas fontes de torrentes acabam por vencer os picos mais es; elas derrubarão os Andes e o Himalaia, como já derrubaram cumes não menos elevados, que os geólogos nos dizem ter existido no passado.

Ainda me lembro do terror de uma noite passada às margens do Chirua, um pequeno riacho da Sierra Nevada, nos Estados Unidos da Colômbia. O dia tinha sido muito bonito; apenas uma tempestade havia se formado a algumas léguas dali, nas gargantas superiores da montanha, e essa mesma tempestade contribuiu para a beleza da noite: o sol se pôs em toda a sua glória e o esplendor do horizonte avermelhado foi realçado pelo estranho contraste das nuvens escuras com reflexos acobreados, que nos escondiam os cumes de algumas montanhas e de onde se ouvia um estrondo contínuo. Além disso, ao cair da noite, a violência da tempestade diminuiu, os trovões se calaram, os últimos relâmpagos se apagaram e logo a lua, aparecendo acima do cume distante, parecia dispersar no céu os pedaços de nuvens, assim como um navio afasta da proa os ilhéus de algas flutuantes.

Cheio de confiança e cansado de uma longa corrida, não perdi tempo procurando um abrigo. A praia de areia fina brilhava sob os raios da lua e eu via facilmente que ela me ofereceria um leito agradável, mais macio e menos úmido do que a grama da floresta; além disso, tinha a certeza de que não colocaria a mão sobre uma cobra adormecida na escuridão e, contra qualquer outro animal, tinha a vantagem de me encontrar num espaço livre, de onde poderia, ao menor sinal de alerta, discernir o meu inimigo. Tirei minha mochila para fazer uma almofada, desamarrei meu cinto e, com a mão na faca, adormeci. Felizmente, os mosquitos não pararam de perturbar meu descanso; enquanto dormia um sono indeciso, deixei meus ouvidos vagamente abertos aos sons do exterior; ouvia a fanfarra triunfante dos mosquitos e os gritos dos macacos bugios. Mas eis que a esse triste concerto se mistura de repente um murmúrio crescente, como o de uma multidão distante: são soluços, gemidos, gritos de desespero. Meu sonho se torna cada vez mais inquieto e se transforma em pesadelo; acordo com um sobressalto. Era hora: meus olhos, arregalados de terror, avistaram rio acima uma espécie de muralha móvel precedida por uma massa espumosa e avançando em minha direção com a velocidade de um cavalo

a galope. Era dessa parede de água, lama e pedras que vinha o estrondo, agora terrível, que me acordara. Peguei minha bagagem às pressas e, em poucos saltos, subi a margem do riacho. Quando me virei, a enchente já cobria o lugar onde eu dormira. As ondas agitadas e turbulentas passavam assobiando; blocos de rochas, empurrados pelas águas, moviam-se lentamente como monstros despertados de seu sono e colidiam com um ruído surdo; árvores arrancadas se erguiam para fora de água, mergulhavam pesadamente e se quebravam entre as pedras submersas; as margens tremiam incessantemente sob o impacto dos enormes projéteis que as águas furiosas lançavam contra elas.

Durante toda a noite, o Chirua continuou a rugir, mas o estrondo foi diminuindo aos poucos; a água, escura devido aos detritos, ficou mais clara; as pesadas rochas empurradas pela correnteza pararam no meio do rio. Quando os raios do sol espalharam seus primeiros traços de brilho na superfície da torrente, pareceu-me que a água havia baixado o suficiente para me permitir tentar a travessia e continuar meu caminho: depois de amarrar minhas roupas em uma espécie de turbante que enrolei em volta da cabeça, aventurei-me na correnteza, mas não foi sem perigo que finalmente cheguei à outra margem. A correnteza rápida fazia minhas pernas tremerem e meus joelhos dobrarem, rochas pontiagudas rasgavam meus pés, pedras grandes vinham bater em mim, a corrente me empurrava em direção às corredeiras. Quando finalmente cheguei são e salvo à outra margem, lamentei não ter tido a boa ideia do camponês austríaco, que esperava ingenuamente à beira do Danúbio que o rio parasse de correr: algumas horas depois da minha passagem, o Chirua não passava de um fio de água serpenteando entre as pedras e, de bloco em bloco, eu poderia tê-lo atravessado com alguns saltos.

Felizmente, essas cheias repentinas, que deveriam ser chamadas de avalanches de água, mudam de ritmo na base das montanhas. Na planície, onde a inclinação do solo é relativamente fraca e até mesmo imperceptível à vista, a massa líquida do riacho perde sua força de impulso e deixa de empurrar os detritos desmoronados das escarpas: os blocos de rochas param primeiro, depois as pedras grandes e os seixos; no final, o torrente, que se tornou um riacho, só faz rolar o cascalho no fundo do leito e transporta em suspensão apenas a areia fina e a argila tenra. A fúria do dilúvio acalma-se, especialmente depois de se misturar com outros cursos de água provenientes de regiões distantes onde não choveu, pelo menos na mesma hora. No entanto, ao perder velocidade, a corrente, constantemente aumentada pelos novos aportes que lhe

chegam das gargantas superiores, deve necessariamente acumular-se em massas mais consideráveis; ganha largura e altura, transborda de seu leito estreito e se espalha lateralmente sobre as margens; às vezes, transforma as campinas ribeirinhas em um verdadeiro lago, onde as águas trazidas pela enchente se esclarecem pouco a pouco, deixando cair seus sedimentos. Por um período mais ou menos longo, a camada amarela ou avermelhada do lago substitui a vegetação das pradarias, até que finalmente a camada líquida penetra no solo, se transforma em vapor ou retorna, após a enchente, ao leito do riacho.

Durante a enchente, o pequeno curso de água, esquecendo seus hábitos pacíficos, começa a devastar e destruir. Ele leva suas pontes, recava seu leito, desloca seus e s redemoinhos e corredeiras, nivela suas cachoeiras, arrasa as partes da margem que se opõem ao seu avanço, escava buracos profundos na base das falésias. As ervas do fundo são arrancadas, levadas em longos montes e ficam presas nos galhos das árvores; mais tarde, elas são encontradas enroladas a cinco ou seis metros do solo ou suspensas nas pontas dos galhos, como os ninhos de certos pássaros da América. Os buracos e tocas das margens enchem-se de água ou desmoronam sob a pressão da corrente; os animais, que fogem à aventura, afogam-se ou são devorados por aves de rapina e animais da floresta; as culturas do homem são devastadas e cobertas de lama. Para o “lavrador esforçado”, que concentrou todo o seu amor na semente germinando no solo e no caule verde tremulando ao sol, a inundação, tão bela e majestosa aos olhos do artista, é o espetáculo mais terrível que ele é forçado a contemplar.

Mas o que são essas pequenas oscilações anuais, essas cheias e baixas de nível, comparadas às mudanças que ocorreram ao longo dos tempos? Em intervalos de milhares de séculos, os rios podem se tornar riachos, e os riachos podem se transformar em rios; os cursos de água crescem e diminuem, enchem e secam, oscilam incessantemente com os continentes e os climas. Tudo muda na natureza. O relevo das montanhas e colinas, as sinuosidades dos vales, os recortes da costa e todas as características da grande face da Terra mudam de ano para ano. O calor ora aumenta, ora diminui; as chuvas caem torrencialmente durante um século, depois, durante outro período, são muito raras ou quase desaparecem completamente em um mesmo ponto do planeta. Como consequência, também mudam os cursos de água, cuja direção e volume dependem tanto das condições do relevo quanto do clima.

Quanto ao nosso riacho, ele certamente foi outrora um rio largo e

profundo. O vale, cujas pradarias e campos ocupam hoje toda a sua largura, era preenchido pelas águas e, nas encostas opostas das colinas, ainda se podem ver antigas margens, esculpidas pela correnteza. O espaço aéreo no qual as árvores da margem balançam livremente suas copas era ocupado, até vinte ou trinta metros do solo, por uma enorme massa líquida que rolava em direção ao mar a uma velocidade de dez quilômetros por hora. Pelo menos foi o que nos disseram os geólogos, depois de fazerem os camponeses remexerem o solo e observarem por muito tempo na planície e na encosta da colina as areias, os seixos e as argilas outrora transportados pela correnteza. Parece que o Sena, em suas grandes cheias, transportava quase tanta água quanto o Mississippi. Bem, nosso riacho era poderoso como o Danúbio; teria transportado frotas, se houvesse existido naquela época homens para construí-las.

Assim, para ver o humilde riacho como era em outra época do planeta, precisamos transportar nossos pensamentos para algum grande rio da América do Sul ou do E. Como o espetáculo muda de repente! Encontro-me sozinho, esquecido, em uma ilhota de areia, no meio das águas. A montante, a jusante, não vejo mais a terra; a curva vaporosa do horizonte une a superfície cinzenta do rio e a redondeza do céu. Uma das margens está tão distante que não consigo distinguir suas sinuosidades e as árvores parecem erguer-se acima das águas como uma muralha de vegetação. A outra margem está próxima, mas a floresta impede a visão das ondulações do solo; ali, não há abertura entre os troncos que permita ver pradarias, campos, rochas; os troncos apertados das árvores, os galhos entrelaçados, as lianas e as folhas das plantas parasitas limitam completamente a visão. A massa de vegetação, uniforme e grandiosa, parece não ter limites: parece que, sob o céu azul, toda a superfície da terra oferece apenas árvores e água. À minha frente, corre o rio rápido e inexorável: bem diferente do charmoso riacho que murmura e sussurra, ele corre em direção ao mar sem estrondo, quase sem ruído, mas com uma espécie de fúria; quando encontra um obstáculo, suas águas imediatamente se contorcem em poderosos redemoinhos onde os objetos arrastados mergulham para reaparecer a uma grande distância além. Árvores flutuantes, ervas, levadas pela correnteza, seguem-se em longas procissões; às vezes, ouve-se um trovão, é o desmoronamento de um pedaço de floresta que as águas minaram. Trabalhando incessantemente, o rio destrói e renova constantemente suas margens, suas ilhas, seus bancos de areia; como o furacão, como a tempestade, é uma força da natureza que modifica visivelmente a aparência externa da terra.

Talvez no futuro, esse curso de água, que era um rio e agora é um simples riacho, seque o suficiente para que até mesmo um pássaro possa vir beber dele. A mudança das margens continentais, o abaixamento gradual das alturas que detêm as nuvens de chuva e neve, a trajetória diferente que os ventos úmidos seguirão no espaço, a divisão da bacia atual em vários vales distintos, a fim de abrir canais subterrâneos nos quais as águas se precipitarão, podem resultar no escoamento das nascentes e no desaparecimento completo do riacho. É assim que nos desertos da África e da Arábia, muitos rios, outrora consideráveis, deixaram de existir: seus leitos se encheram de areia e os indígenas só os conhecem por tradições incertas. São os cristãos, dizem eles, que fizeram essas águas desaparecerem com suas operações mágicas, e os vales ficarão para sempre secos se algum necromante poderoso não reabrir as fontes. Entre esses rios amaldiçoados do Saara, há alguns cujos vales têm centenas e milhares de quilômetros de extensão. Onde antes corriam enormes massas de água que escavaram o solo, o viajante dorme tranquilamente durante as noites; quando quer saciar sua sede, não tem outro recurso a não ser cavar a areia com sua lança para procurar uma gota de água, que nem sempre encontra.

CAPÍTULO XI - AS MARGENS E AS ILHAS

Não é preciso remontar com a imaginação a milhares de séculos atrás para ver o riacho, tão modesto hoje, modificar a forma de suas margens e desviar seu curso. Mesmo durante o período de vazante, quando suas águas estão no nível mais baixo e correm lentamente entre tufo de ervas aquáticas meio secas, ele não para de trabalhar para mudar seu leito e, assim, na medida de suas forças, renovar a aparência da natureza. Exceto nos locais onde o homem intervém para regularizar a inclinação, limpar o fundo e substituir as margens de terra friável por paliçadas e diques de pedra, o riacho, sempre desejoso de mudança, encontra a maneira de destruir pouco a pouco suas margens para reconstruir novas; mesmo onde as muralhas o domaram aparentemente, ele não deixa de tentar abrir caminho: corrói a pedra, desmonta sorrateiramente as bases, descalça os alicerces e, de repente, lá está ele, livre, recomeçando a vagar pelos campos.

Essas transformações incessantes de suas margens são realizadas pelo riacho por meio de um duplo trabalho: por um lado, ele demole, levando grãos de areia, moléculas de argila, detritos de rochas, fragmentos de raízes desgastadas pela correnteza; por outro lado, ele constrói, depositando todos esses restos em uma camada que se eleva pouco a pouco do fundo da água. Assim, a corrente, turva pelos sedimentos que carrega em suas erosões, trabalha incessantemente para se clarificar novamente; assim que desacelera, ela se purifica. Poucos espetáculos são mais gratos de se observar do que as nuvens de sedimentos transportados pela correnteza; eles escondem o fundo de seus redemoinhos espessos e amarelados, mas aos poucos se tornam mais leves; logo não passam de névoas indistintas, depois desaparecem e a água recupera toda a sua limpidez.

Nos tanques onde a água gira lentamente, a purificação ocorre tanto no fundo quanto na superfície. Os detritos de lodo, folhas, raízes e galhos, impregnados de água e pesados, caem e se depositam em bancos de lama. Na superfície, sementes de árvores, pólen de plantas e substâncias orgânicas em decomposição se acumulam em uma camada acinzentada, que cresce incessantemente com os flocos de espuma que chegam em ilhas, ilhotas e

arquipélagos espalhados. Em torno dessa camada, espessa o suficiente para esconder a água profunda, estende-se uma película transparente de espessura excessiva, formada por matérias oleosas de origem animal ou vegetal. Sob o reflexo da luz, essa película brilha com todos os tons do arco-íris; ela flutua sobre a água como um leve véu dourado, púrpura e azul, e, no entanto, é praticamente invisível, pois os físicos e as que mediram sua espessura a avaliam em apenas alguns milionésimos de milímetro. Às vezes, uma efervescência repentina rompe essa camada iridescente, e pequenas manchas de água pura se destacam em preto como lagos sobre o fundo colorido. Quanto às camadas de espuma, algumas se dobram ao longo da costa, outras se dobram sobre si mesmas sob o impulso da correnteza giratória, curvando-se em semicírculos, espirais e ondulações bizarras. Com suas dobras e reviravoltas de espuma, suas diversas cores, manchas e salpicos, a superfície da bacia se assemelha a uma camada de mármore polido e, além disso, não há dúvida de que as cores e os desenhos tão elegantes dos mármore e outras rochas sumptuosamente matizadas se devem, tal como as sinuosidades da espuma, aos lentos movimentos das águas que depositam os seus sedimentos.

Todos esses detritos, por mais leves que sejam, contribuem para elevar o fundo e, mais cedo ou mais tarde, após anos ou séculos, eles emergem novamente e, regenerando o terreno, se cobrem de vegetação. Esse trabalho é lento, mas não menos importante, e a cada ano, a cada dia, a forma do leito é alterada por esses depósitos contínuos. Em todos os lugares onde um obstáculo retarda a força da corrente, o fluxo desacelerado deixa de empurrar os grãos de areia do leito e deixa cair as moléculas de argila que mantinha suspensas. Se uma pedra desmoronada, uma árvore encalhada ou um monte de juncos perturbar a regularidade do leito, imediatamente a parte tranquila do riacho situada a jusante depositará um pequeno banco de areia na frente desse dique, que mais tarde talvez se transforme em uma ilha. Em todas as pontas baixas onde a água desliza e se arrasta com esforço, os depósitos se acumulam, os juncos nascem e as margens elevadas das pequenas penínsulas ganham incessantemente sobre o leito do riacho.

Clarificada incessantemente pelas asperezas do fundo e das margens, a corrente que havia sido turva a montante pelas águas da chuva ou pelos derramamentos de lama retomaria rapidamente sua pureza completa se, em seu curso sinuoso, não demolisse de um lado tanto quanto reconstruía do outro. Ela demora-se e purifica-se nas longas pontas arenosas, mas precipita-se com todo

o seu ímpeto contra as margens altas e as mina na base para se carregar de novos materiais. De curva em curva e de margem em margem, ela alterna na sua tarefa. Ela devolve à direita o que tirou à esquerda: o ritmo dos meandros é complementado pelo ritmo do trabalho.

Nas pradarias que não são protegidas nem por um dique nem por uma fileira de árvores contra os esforços do riacho, as margens friáveis são facilmente demolidas. A água que as atinge as escava por baixo; mas, durante algum tempo, as raízes entrelaçadas da relva retêm a camada superior que se projeta em cornija sobre o abismo. Era nossa grande alegria, a de todos nós, crianças da aldeia, correr habilmente ao longo dessa borda trêmula, fazê-la desmoronar com um chute e fugir a tempo de não sermos arrastados em sua queda. Havia grandes gritos de alegria quando uma pesada massa de terra se desprendia com barulho e perturbava a corrente ao longe; mas mais de uma vez nossa série de façanhas terminou com um mergulho inesperado e o infeliz náufrago, subitamente acalmado em sua alegria louca, ia cabisbaixo para a cabana de um camponês para secar suas roupas em uma fogueira improvisada.

Depois das falésias de rocha dura, as margens que melhor resistem à força da corrente são aquelas que são defendidas por uma poderosa fileira de árvores. Amieiros, salgueiros ou choupos, eles servem durante muito tempo como baluartes contra as invasões da água. Suas raízes, profundamente enterradas na margem, são como estacas, enquanto as raízes secundárias se agitam como cabelos estranhos e se espalham em longos feixes da mais delicada cor rosa, mergulhando no fundo do leito e, com suas milhares de fibras, se espalham como verdadeiras esteiras. Durante as cheias, quando a massa da corrente dissolve e remove parte da terra que envolvia esses cachos de pequenas raízes, estas não deixam de retardar a velocidade da água; elas detêm as moléculas de lodo, forçando-as a se depositar em seus interstícios e substituindo a margem anterior por uma camada de lama. Assim protegidas, as margens ameaçadas pela violência da corrente se mantêm por muito tempo, até mesmo por séculos; desprovidas de vegetação, elas mudavam constantemente.

No entanto, o tempo sempre faz sua obra. Como resultado de um desabamento ou do trabalho subterrâneo de algum animal, a margem acaba apresentando um ponto fraco que a correnteza ataca para derrubar as paliçadas naturais que a detêm. As raízes das árvores se soltam, o vazio se forma abaixo e, como resultado, o tronco, privado de um ponto de apoio, se inclina em

direção ao riacho. Mas então é a própria árvore que, com sua massa e o peso de seus galhos, trabalha para sua própria ruína. As longas raízes que rastejam sob o solo da pradaria devem resistir a um esforço cada vez maior; elas cedem em um ponto, depois em outro, e a árvore se inclina ainda mais. Fendas se abrem no solo trabalhado pela tensão crescente dos cabos subterrâneos que seguram o gigante; a água da chuva penetra nessas fissuras e as amplia; ao redor do tronco, forma-se uma depressão circular que facilita ainda mais o desprendimento das raízes principais. Em um dia de tempestade ou inundação, sua resistência acaba sendo vencida: as amarras se rompem, o colosso desaba com estrondo, lascando as árvores da margem oposta sobre as quais cai; ele mesmo, quebrando alguns de seus galhos superiores, crava profundamente os troncos no solo abalado. Agora, ele se tornou uma graciosa ponte rústica sobre a qual se pode aventurar sem medo. É verdade que o acesso é bastante difícil. De um lado, a entrada da ponte é defendida pelo enorme leque de raízes arrancadas e pelo monte de terra e pedras que,, preenchem os intervalos; do outro, os galhos entrelaçados e os pedaços de madeira obstruem a passagem.

Em uma região virgem, onde o homem deixa, sem intervir, os fenômenos da natureza se realizarem em seu tempo, a árvore permaneceria assim caída sobre o riacho por anos, até que a água mudasse de curso ou que o tronco, perfurado por insetos, se desintegrasse em pó. Em nossos países civilizados, é o agricultor que corta as raízes com golpes de machado, remove o tronco da árvore e limpa o solo de seus detritos. Logo, toda a madeira que pode ser vendida por um bom dinheiro ou usada no lar é levada: restam apenas fragmentos de raízes subterrâneas; no entanto, a água, mudando de curso, acabará por arrastar a terra que as rodeia e deixá-las isoladas no leito do riacho. Há muitos anos, os galhos da árvore foram cortados em feixes e o tronco foi serrado em tábuas, mas vemos brotar do meio da água os pedaços de algumas raízes antigas, semelhantes a uma fileira de estacas. A boa natureza escondeu sob um gracioso invólucro verde as fissuras da madeira: sobre esses velhos detritos esponjosos, uma floresta de musgos prospera como um bosque de palmeiras em uma ilha no oceano. Cada fragmento de toco se reveste, no lugar de sua casca, de todo um mundo de plantas alegres e verdejantes.

Antes que o machado ávido do lenhador tenha transformado a árvore derrubada em vigas, estacas e lascas, ainda temos muitos dias felizes durante os quais podemos nos aventurar na graciosa passarela, toda enfeitada com guirlandas de hera mergulhadas na correnteza. A travessia não oferece nenhum

perigo, pois o tronco é largo e, se necessário, poderíamos rastejar com a ajuda das mãos; mas preferimos passar de uma margem à outra em pé, usando os braços como balanço. É uma alegria poder mudar assim de margem à vontade, sentar-se ora à sombra das árvores, ora ao pé dos salgueiros, ir da pradaria já ceifada e cheia do perfume do feno para o gramado ainda todo colorido com suas flores. E então nos revemos pela imaginação nos primeiros séculos da humanidade nascente, quando o selvagem, incapaz de construir pontes sobre os riachos, usava como nós as que a boa natureza lhe fornecia.

A viagem aérea sobre a água que vemos fugir rapidamente sob nossos pés não é menos agradável quando a árvore tombada se junta a uma das margens de uma ilhota do riacho. As convenções da vida conseguiram tornar a maioria de nós seres afetados e bizarros, humilhados por nos sentirmos felizes com qualquer coisa; por isso, precisamos voltar aos dias ingênuos da nossa infância para compreender a alegria que nos dava essa excursão de alguns passos sobre um pequeno monte de terra cercado por água. Lá, assumíamos ares de Robinson: os salgueiros que brotavam na lama ao redor do banco de areia eram nossa floresta; os tufo de grama eram para nós das pradarias; também tínhamos montanhas, pequenas dunas acumuladas pelo vento no centro da ilhota, e era lá que construíamos nossos palácios com galhos caídos e cavávamos túneis na areia. Os dois braços do riacho pareciam-nos largos estreitos. Para ter mais certeza de nosso isolamento na imensidão das águas, nós até lhes demos o nome de oceanos: um era para nós o Pacífico e o outro o Atlântico. Uma pedra isolada que era batida pela corrente se chamava a branca Albion, e mais adiante, uma cabeleira de lodo parada pela areia era a verde Érin. É verdade que, além das ilhas e dos mares, através da folhagem das árvores, avistávamos na colina o telhado vermelho da casa paterna; mas, encantados por saber que ela estava tão perto, fingíamos não suspeitar disso: a tínhamos deixado do outro lado do globo.

Frequentemente, o tronco da árvore arrancado da margem permanece inclinado sobre a corrente e seus galhos curvados ainda não tocam a vegetação alta da margem oposta. Essa árvore meio caída é também uma espécie de ilha onde se pode aventurar sem medo. Devido ao afundamento do solo, a base do tronco fica submersa na água e cercada por juncos flutuantes. Com um salto, é fácil chegar a essa ilha trêmula e, estendendo os braços para manter o equilíbrio, sobe-se com cuidado e pequenos passos na árvore, que se inclina e se levanta como um ser vivo. Precisamente acima do local onde o riacho é mais

profundo e onde a água corre mais rapidamente sob o olhar, os grandes galhos se separam do tronco e se subdividem em ramos curvados pelo peso de suas folhas. Quantas vezes, já jovem e em busca de solidão, sentei-me no assento que me oferecia o afastamento dos galhos e me inclinei sobre a corrente, deixando minhas pernas balançarem no vazio! Lá, eu podia encontrar à vontade a alegria de viver ou abandonar-me em paz à tristeza. Do alto do mirante instável, eu seguia com os olhos o curso da água, os pequenos redemoinhos da corrente, as ilhas e ilhotas de espuma, ora isoladas, ora agrupadas em arquipélagos, as folhas giratórias, os longos rastros de grama, os pobres insetos submersos e lutando em vão contra a corrente inexorável. De vez em quando, meu olhar, levado à deriva como todos esses objetos flutuantes, voltava-se para mais alto, para se deixar levar novamente por uma nova procissão de juncos e flocos de espuma. Alegre ou melancólico, deixava-me fascinar pela corrente, símbolo dessas ondas que nos levam a todos para a morte, e então, libertando-me com dificuldade da atração da água, erguia os olhos para as árvores frondosas, vibrantes de vida, para os pastos ricos e para as montanhas serenas que brilhavam ao sol.

CAPÍTULO XII - O PASSEIO

Já tão encantador e variado para o Robinson deitado em sua ilhota ou empoleirado em um tronco de árvore, o aspecto do riacho é ainda mais gracioso para o caminhante que segue a margem de meandro em meandro, caminhando ora sobre as rochas enredadas em espinhos, ora na grama espessa dos prados, ou ainda sob a sombra móvel dos galhos agitados. No entanto, nem todos sabem apreciar a beleza das águas correntes. O infeliz que passeia por preguiça e para “matar” as horas que não tem forças para empregar vê em toda parte objetos de tédio, mesmo na cachoeira e nos redemoinhos, nos turbilhões de espuma e nas ervas serpentinadas do fundo. Para saborear tudo o que uma caminhada ao longo do riacho tem de delicioso a oferecer, é preciso que o direito ao lazer tenha sido conquistado pelo trabalho, é preciso que o espírito cansado precise recuperar suas forças à vista da natureza. O trabalho é indispensável para quem quer desfrutar do descanso, assim como o lazer diário é necessário para cada trabalhador renovar suas forças. A sociedade não deixará de sofrer, estará sempre em um estado de equilíbrio instável, enquanto os homens, em tão grande número condenados à miséria, não tiverem todos, após a tarefa diária, um período de descanso para regenerar suas forças e manter assim sua dignidade de seres livres e pensantes.

Ah! Passear à beira da água, que descanso agradável e que meio poderoso para não cair no nível dos brutos! Desde que li, não sei onde, que Cipião, o Jovem, e seu amigo Laelius gostavam de meditar à beira da água, sinto simpatia por eles. É verdade que Cipião era um homem de guerra, ele mandou matar e matou ele mesmo muitas pessoas honestas que defendiam sua pátria contra a invasora Roma, ele incendiou e saqueou muitas cidades; mas, apesar de seus crimes, que são os de todos os caçadores de homens, ele não era um conquistador vulgar: em vez de colocar todo o seu orgulho em passar com uma atitude majestosa diante de seus concidadãos, ele não tinha medo de se divertir como uma criança dos subúrbios, jogava gravetos na correnteza e, com um movimento do braço, fazia pedras planas deslizarem em longos ricochetes no rio. Os historiadores sérios não costumam lembrar esse título de glória do grande guerreiro, mas é certamente isso que o recomenda melhor à

benevolência da posteridade.

No entanto, não é necessário buscar exemplos na antiguidade romana para que possamos saborear ingenuamente os prazeres da natureza. Não é preciso folhear livros empoeirados para nos convenceremos de que é bom e agradável seguir a margem dos riachos e contemplar sua aparência mutável. Todas essas imagens graciosas que nos oferecem as quedas, as rugas entrecruzadas, os bordados de espuma nos descansam rapidamente dos aborrecimentos da profissão ou dos cansaços do trabalho; elas nos revigoram o espírito, mesmo quando o olhar cansado vagueia aleatoriamente sobre as águas sem se deter em nenhum objeto específico. Além disso, a vista do riacho nos restaura e renova tanto mais quanto o espetáculo em si se modifica de estação em estação, de mês em mês, de dia em dia. Graças à paisagem que muda ao nosso redor, nossas ideias também se rejuvenescem; a vida ambiente que nos penetra nos impede de nos mumificar antes do tempo.

Mesmo na estação em que a natureza é mais avara com suas riquezas, o riacho nos encanta com uma nova aparência. Durante os grandes frios, aqueles de nós que não são friorentos podem assistir à encantadora luta entre o gelo invasor e a água que permanece móvel. De cada pedrinha, de cada raiz saliente, uma agulha de cristal, depois uma segunda, uma terceira e outras ainda se alongam na superfície da água, e de todas essas lâminas irradiam para a direita e para a esquerda mil flechas transparentes: uma rede de gelo, formada por inúmeras lamelas, tece-se sobre a camada vibrante. Logo, uma espécie de colarinho graciosamente recortado oscila em torno de todas as pontas da margem, de todos os ramos de juncos, de todas as curvas dos tocos que banham o fluxo, e cada uma dessas franjas de gelo assume, por sua vez, o tom opaco do vidro fosco e o brilho do diamante, seguindo o movimento das ondas que a agitam e a fazem repousar ora sobre uma almofada de ar, ora sobre a própria massa de água. Avançando pouco a pouco em direção ao mar, a simples gola de cristal se amplia e cobre, a uma grande distância da margem, a parte tranquila do riacho. Apenas um caminho estreito, por onde passa a corrente mais rápida, permanece aberto entre as finas lâminas que terminam as películas geladas. Nas paredes das rochas que margeiam as cascatas, as gotículas quebradas se espalham em camadas de gelo, e a água que escorre lentamente das fendas da rocha endurece em longas pingentes transparentes, mais bonitas do que as estalactites das cavernas. Finalmente, se a temperatura continuar a baixar, o riacho pára de um lado ao outro; às vezes, ele congela até o fundo: ele se

transformou em uma calçada de mármore esverdeado, salpicado de branco pelas bolhas de ar presas. As cachoeiras imobilizadas são substituídas por uma massa sólida, parecida de longe com uma cortina de seda cujas pregas deixaram de flutuar.

Mas em nossos climas temperados, é raro que os invernos sejam frios o suficiente para congelar assim os riachos e transformá-los em pedra; há até anos em que só se veem na superfície da água simples agulhas de gelo. Em invernos normais, as camadas sólidas não se unem de uma margem à outra e, ao menor aumento da temperatura, elas se quebram sob o esforço da corrente, se fragmentam ao colidir e se fundem na correnteza que as leva. O gelo desempenha, portanto, um papel secundário na história invernal do riacho de nossas regiões; a verdadeira fisionomia do curso d'água vem da neve que cobre as campinas da planície.

O efeito da neve é notável, especialmente durante os dias sem sol, quando o azul do céu é totalmente velado pela neblina e se torna quase escuro devido ao contraste com a superfície brilhante da terra. O riacho tem a cor de um cinza de ferro; as ervas do fundo ondulam tristemente; a água, tão alegre, tão suavemente murmurante durante a estação das flores e dos frutos, tem algo de doloroso em seu curso. Alguns velhos tocos situados perto da margem usam todos seus turbantes de neve. Nas margens, os tufo de grama brotam de uma capa de flocos brancos, exceto imediatamente à beira da água, onde a umidade que escorre de baixo fez com que pequenas avalanches desabassem aqui e ali. Os arbustos, alguns já secos desde o outono, outros ainda verdes, balançam fracamente acima do edredom macio que os envolve e traçam curvas concêntricas com as pontas de seus galhos. Um pinheiro solitário retém a neve em seus galhos espalhados, grandes leques horizontais, brancos na superfície, verdes por baixo. Os outros árvores de casca áspera que erguem seus troncos na margem estão brancos de neve apenas no lado voltado para o vento; o resto de seus troncos ainda mantém a cor amarela ou marrom, e seus galhos estão salpicados com alguns flocos de neve. Talvez mais bonitos do que na primavera, porque seus finos galhos não são ocultados pela multidão de folhas, esses árvores inteiras se destacam no céu com seus galhos e ramos tingidos de um delicado tom violeta, e essas inúmeras ramificações parecem ainda mais elegantes, pois o resto da natureza está enterrado sob a camada monótona de neve. Na planície, os campos estão cobertos por um tapete uniforme: só se vê vegetação nas raras pradarias ainda molhadas pela água da irrigação. Ao longe,

nas colinas altas, as árvores apertadas da floresta deixam entrever, através da confusão de seus galhos, já vermelhos de botões e seiva, algo suave aos olhos, como o penugem de um pássaro: é a neve peneirada que salpica os arbustos e as samambaias do sub-bosque.

Mais cedo ou mais tarde, no final do inverno, pequenas flores brotam da neve e se mostram a nós, modestas e tímidas, como a doce promessa de uma renovação iminente. E ele está mesmo chegando; a neve derrete sob o ar ameno e se infiltra no solo ou, misturada à lama, escorre para o riacho por todas as valas e canais; a vegetação, parada durante o frio, retoma seu ímpeto. Tudo parece renascer. Um sopro vindo do sul renovou a vida da árvore, do riacho e a nossa própria vida. O inverno pálido fugiu para o norte, perseguido no espaço pelos raios alegres, e do homem ao inseto, do fio de grama à gota de água, todos nos alegramos com esse calor e essa luz que o sol da primavera nos derrama. Os botões, tão bem protegidos durante o inverno, tão suavemente envoltos em lã, tão solidamente envoltos em escamas gomadas, abrem alegremente sua prisão e lançam ao ar livre suas folhas verdes; os pássaros voam cantando do ninho que as folhas já começam a cobrir; mosquitos e libélulas, saídos de suas larvas, rodopiam alegremente ao sol, e ao longo da água, que ri e cintila, desabrocham as flores amarelas das renúncias e das jacintos; até mesmo as ruínas em ruínas, todas cobertas de girofleiras floridas, parecem rejuvenescidas, como se a primavera, não menos que o inverno, não trabalhasse para demolir. É com deleite que contemplamos a beleza do céu, da vegetação e da água corrente. Nesta renovação do ano, sentimo-nos transportados para a juventude do mundo, para o nascimento da humanidade. Apesar do peso dos séculos passados, sentimo-nos tão jovens quanto os primeiros mortais que despertam para a existência no seio da mãe benevolente; somos ainda mais jovens do que eles, pois temos plena consciência de nossa vida. A terra é tão bela quanto no dia em que alimentava os centauros, e nós, mais do que esses monstros, temos um coração humano no peito.

O que mais nos encanta é o jogo da luz que penetra nas profundezas da água e nos mostra espetáculos tão encantadores, incessantemente modificados pelas ondulações e ondulações da superfície. Ao nos inclinarmos sobre a corrente, onde a sombra das árvores se torce em espirais e se duplica em curvas sinuosas, avistamos o fundo com suas pedras que parecem tremer, sua areia que se agita e suas ervas ondulantes. Galhos e folhas se sucedem na superfície radiante da água, e suas sombras, deformadas pela refração, deslizam sobre a

areia e as plantas caídas, cujas raízes e caules brilham como fios de prata. Quaisquer que sejam os contornos do objeto flutuante, eles sempre aparecem fortemente modificados pela luz: a folha, desdobrada em forma de coração ou prolongada em forma de lança, assume no fundo a aparência de um disco ou de uma oval; a palha ou o junco se transformam em uma fileira de pequenos círculos semelhantes a um colar desamarrado; a aranha-d'água, patinadora insubmersível que sobe a corrente com impulsos repentinos, é representada no leito de areia ou lama por cinco rodela, das quais uma, a menor, representa as duas patas dianteiras, enquanto as outras quatro, agrupadas duas a duas, se aproximam ou se afastam seguindo os movimentos do animal. Em torno de cada disco preto ou acinzentado, um círculo de luz se arredonda como um círculo de ouro puro: sombras e raios, assim transformados pelo meio que atravessam, se sucedem no fundo e variam incessantemente sua aparência.

O escoamento da luz, já tão encantador nas pedras nuas que pavimentam o leito do riacho, é ainda mais encantador onde o fundo é escondido pela e a de plantas aquáticas. As rochas, cobertas pela água, são revestidas por musgos de um verde escuro com reflexos prateados; as delicadas algas que formam o lodo são levantadas em pirâmides pelas bolhas de ar que se libertam da areia e que, semelhantes a balões envoltos em cordas imensas, brilham como pérolas sob a rede cintilante de fibras sedosas. Feixes de ervas, espalhados em longas madeixas, ondulam em curvas sinuosas sob o esforço da corrente: com a corrente rápida, elas se contorcem de impaciência; com as camadas de água quase imóveis, elas se desenrolam majestosamente; mas, lentas ou apressadas em suas ondulações, elas fogem do olhar por causa de suas nuances variadas, mudando incessantemente do branco opaco para o verde escuro. Em outros lugares, folhas ovais, lanceoladas, triangulares, elevam-se em multidões acima de uma confusão de plantas tão entrelaçadas que parecem brotar da mesma raiz, e que uma única ondulação do riacho agita todas ao mesmo tempo. Em uma enseada, no fundo da qual as correntes depositaram uma camada de lama, os nenúfares exibem seus largos discos, onde a água brilha como pérolas, e suas belas flores brancas que, para nossos ancestrais egípcios e hindus, eram o próprio símbolo da vida. Mais adiante, juncos crescem em fileiras apertadas no meio do riacho, sobre um banco que mais cedo ou mais tarde se transformará em ilha: os caules inclinados vibram sob a pressão da correnteza como por movimentos convulsivos, e cada um deles se envolve em ondulações onde a luz e a sombra se entrecruzam em uma rede incessantemente agitada. Até mesmo

algumas árvores da margem contribuem para a riqueza da vegetação aquática com inúmeras raízes flutuantes que se espalham sobre as raízes em longas tranças rosadas.

No meio desse mundo de plantas, vibra o mundo infinito dos animais. Peixes cinzentos, azulados, vermelhos ou brancos deslizam como relâmpagos na água pura ou passam sob as guirlandas das florestas aquáticas como sob arcadas triunfais. A vida está em toda parte, no fundo, onde formas bizarras e indistintas se agitam na areia e na lama, no meio do matagal de plantas que tremem constantemente com os movimentos que lhes são impostos por uma população escondida, na superfície onde giram os girinos, onde se lançam os patinadores, entre os juncos onde brilha a asa colorida das libélulas, sob os arbustos da margem onde resplandece como uma safira a plumagem do martim-pescador. A quem pertence esse riacho que dizemos ser nossos, como se fôssemos os únicos a desfrutá-lo? Não pertence também, e ainda mais, a todos os seres que o habitam e dele tiram seu sustento e sua vida? Pertence aos peixes e aos nenúfares, aos mosquitos que voam em redemoinhos acima dos remoinhos, às grandes árvores que a água e os sedimentos do riacho enchem de seiva. Entre todos esses seres, que procuram obter a maior parte, trava-se uma guerra implacável; cada um, em sua luta pela existência, vive às custas de seus vizinhos. Quanto a mim, gostaria muito de conviver bem com o, tento respeitar as flores e os insetos, e, no entanto, quantas mortes causei sem perceber! Destruo mundos infinitamente pequenos quando ouço meu pesado martelo na grama; devasto florestas, provo cataclismos na história de um povo imperceptível quando subo em uma árvore para balançar as pernas sobre o riacho. Bárbaro, quantas atrocidades cometi, sem querer, quando, na minha juventude, matava aula e me instalava no tronco cavernoso dos salgueiros para ler à vontade algum romance ou declamar versos com voz retumbante!

CAPÍTULO XIII - O BANHO

Quando se gosta do riacho, não se contenta em observá-lo, estudá-lo, caminhar às suas margens, mas também se familiariza mais intimamente com ele mergulhando em suas águas. Volta-se a ser um tritão, como eram nossos ancestrais.

Mas isso nem sempre é fácil e, durante o inverno, quando o frio assobia nos galhos, quando a neve cobre o solo ou quando se formam cristais na superfície da água, poucas são as pessoas corajosas que se aventuram a brincar na água gelada. O contato com a água corrente dá, é verdade, força àqueles que não temem mergulhar nela; no entanto, antes de ser realizada, a cerimônia do banho pode nos parecer singularmente assustadora. É preciso nos despir rapidamente atrás de um tronco para nos proteger do vento que assobia; temos que tentar esquecer o frio, entorpecendo-nos com a rapidez dos gestos; mas, em vão, o ar nos agarra e nos traz de volta à dura realidade. A nossos pés, a água corre escura, rápida; antecipamos que ela está gelada; o sopro que a agita também nos faz tremer. Para sofrer menos com as violentas carícias da correnteza, precisamos agir com determinação e nos lançar abruptamente no riacho; no entanto, hesitamos e, duas ou três vezes, tomamos impulso antes de dar o último salto.

Finalmente, vencemos nossos medos infantis, descrevemos nossa curva acima da corrente e sentimos o ar assobiando em nossos ouvidos; a água, que se abre sob nossas cabeças, ruga ao nosso redor: estamos como perdidos em um abismo estrondoso que se fecha. No entanto, em um piscar de olhos, cada um de nós empurra o fundo do leito com os pés e volta à superfície; mas, por minha parte, não paro de lutar contra o abraço gelado da água em que estou mergulhado: nado desesperadamente como para escapar da corrente que me persegue; mais uma vez, para acalmar minha consciência, mergulho completamente; então, satisfeito por ter cumprido meu dever, corro para a margem, que escalo apressadamente, seco meu corpo avermelhado pelo frio e rapidamente visto minhas roupas ainda quentes. Minha agitação inquieta dá lugar à tranquilidade da alma: ao preço de alguns momentos de sofrimento, tornei-me mais forte, mais disposto, mais feliz, e lanço um olhar orgulhoso

sobre essa corrente rápida e escura, que um minuto antes eu via com uma espécie de terror.

Muito mais agradável, confesso, é o banho frio quando se toma no meio do verão, numa bacia profunda do torrente onde correm as primeiras águas do riacho, na garganta das montanhas. A corrente, que parece gelada, mesmo à simples vista, é neve mal derretida que ainda não se suavizou ao absorver ar em abundância; ela mantém toda a sua crueza inicial, e sua cor azul forte tem algo de hostil. Antecipadamente, trememos; no entanto, não é apenas de medo, é também de desejo, e, animados pela caminhada e pelo cansaço da subida, nos lançamos com volúpia na água gelada. As rochas e o areia do fundo brilham em amarelo pálido através da espessa camada líquida; mas em poucas braçadas, já se está acima do abismo; a água transparente parece ar condensado e, no entanto, não se vê mais o fundo; parece que estamos suspensos no vazio e nadamos com cuidado, como se de repente fôssemos afundar. Então o frio toma conta de você, o envolve cada vez mais e, com um impulso, você vai até a margem para relembrar o calor da vida e desfrutar de sua vigor renovado. Ó lagos amados dos Pirenéus e dos Alpes, Séculéjo, Doredom, Lauzannier, eu ainda os vejo, na memória, como os vi quando, com amigos, deslizava rapidamente pela sua superfície. Vejo os blocos de granito empilhados na margem, a floresta de abetos refletida na água ondulada, os desfiladeiros, os altos terraços de pastagens e, mais longe, os glaciares severos de onde se lança a curva ondulante da cascata! Também vejo vocês, belas nascentes dos grandes rios, que se perdem no mar a centenas de léguas de sua origem. Basta fechar os olhos e meus pensamentos se voltam imediatamente para um alegre torrente, o Vésubie, o Gordolasque, o barulhento Embalire ou para qualquer outro rio das montanhas livres!

Na primavera, o riacho da planície já não provoca aquela forte vontade de reagir contra o frio glacial da água, e os mergulhos já não têm nada que possa assustar. O calor nascente do ar comunicou-se à massa líquida e penetra-a. Todos, até as crianças, podem então ficar a brincar na água fresca. Os garotos sentados em seus bancos de escola frequentemente levantam os olhos de seus livros e olham com avidez para o caminho que desce até o riacho. Então, quando finalmente estão livres, como eles correm com alegria para o lugar profundo onde vão se divertir! Em poucos segundos, eles se livram dos cintos e das blusas; cada um deles se torna um Netuno, “agitador das ondas”; e com todas as suas forças, eles se esforçam para levantar ondas, transformá-las em

espuma, produzir tempestades e maremotos em miniatura no pequeno rio, que por uma hora se tornou seu domínio.

É no verão, durante os dias amenos em que o ar está parado, que é agradável brincar de tritão. Além disso, não é indispensável ter doze ou quinze anos para brincar alegremente na água como se estivesse no seu elemento; cada um de nós, se as convenções e as falsidades da vida não o corromperam inteiramente, pode reencontrar as alegrias da sua juventude deixando as suas roupas na margem. Quanto a mim, confesso que ainda sou criança quando mergulho n, o meu amado riacho. Depois de satisfazer o meu entusiasmo inicial atravessando várias vezes as piscinas profundas onde as águas rodopiam, depois tentando subir as corredeiras e levantando à minha volta todo um caos de ondas que se chocam, descanso e deixo-me levar tranquilamente pela felicidade de viver nesta água doce e carinhosa. Que alegria me sentar numa pedra abaixo do lençol da cascata, sentir as ondas escorrerem sobre mim como sobre uma rocha e ver-me desaparecer sob um manto de espuma! Que prazer também deixar-me levar pelas águas da corredeira até um recife onde me agarro com uma mão, enquanto o resto do meu corpo, levantado pelas ondas, flutua aqui e ali sob o impulso da corrente! Em seguida, deixo-me levar novamente e vou parar como um naufrágio em um banco de areia onde os cristais de mica brilham como flocos de ouro e prata. Sob a pressão do meu corpo, o banco se aprofunda, os grãos de sílica e as pequenas pedras se movem; correntes parciais, fracos redemoinhos rodopiam ao meu redor como em torno de uma ilhota; despreocupadamente apoiado, assisto ao gracioso espetáculo que me é oferecido, sob a fina camada líquida, pelas transformações do banco de areia, corroído de um lado pela corrente e crescendo do outro por um aporte incessante de sedimentos.

Às vezes, o fundo sobre o qual a corrente me leva é coberto por uma floresta de ervas verdes, oscilando em suaves sinuosidades; elas me acariciam, me envolvem e me fazem uma cama encantadora. É a água, é a cabeleira ondulante das plantas que me levanta assim e me faz flutuar na superfície do riacho? Não sei, aliás, meus pensamentos se perdem em uma espécie de sonho; parece-me até que me tornei parte do meio que me rodeia; sinto-me em harmonia com as ervas flutuantes, com a areia que se move no fundo, com a corrente que balança meu corpo; observo com uma espécie de espanto as árvores que se inclinam sobre o riacho, as aberturas do céu azul que se mostram através dos galhos e o perfil claramente delineado das montanhas que vejo no

horizonte distante. Todo esse mundo exterior é realmente real? Eu também, como o pescador da lenda, vejo a maravilhosa sereia acenando para mim, sinto-me atraído pelo seu olhar fascinante e ouço o eco do seu canto doce e traiçoeiro. “Ah! Venha, venha comigo e seremos felizes. Às vezes, sinto-me tentado a invejar o jovem que cede ao chamado da sinuosa ondina, cujos cabelos esvoaçantes se misturam com os limos verdes. Mas sei que, ao livrar-se das amargas preocupações da vida, sua própria existência se extinguirá sob as carícias da água pura e as ondulações da grama trêmula. A natureza tem para seus amantes sedução das quais devemos desconfiar, como da voz das sereias ou da beleza da fada Melusina. Ao nos fazer amar demais a solidão, ela nos afasta do campo de batalha, onde todo homem de coração tem o dever de lutar pela justiça e pela liberdade! Sim, a natureza é bela, devemos compreender todo o seu encanto, mas é saber apreciá-la com uma alegria discreta, nunca nos abandonando aos seus encantos fatais.

Um dos grandes prazeres do banho, prazer do qual nem sempre nos damos conta, mas que não é menos real, é que voltamos temporariamente à vida dos nossos antepassados. Sem sermos escravizados pela ignorância como os selvagens, tornamo-nos fisicamente livres como eles, mergulhando na água; nossos membros não precisam mais sofrer o contato com as odiosas roupas e, junto com as roupas, deixamos também na margem pelo menos parte dos nossos preconceitos profissionais ou de ofício; não somos mais operários, comerciantes, professores ou médicos; esquecemos por uma hora as ferramentas, os livros e os instrumentos e, voltando ao estado natural, podemos ser tentados a acreditar que ainda estamos na Idade da Pedra ou do Bronze, durante as quais os povos bárbaros erguiam suas cabanas sobre palafitas no meio das águas. Tal como os homens dos tempos antigos, estamos livres de todas as convenções, a nossa gravidade pode desaparecer e dar lugar à alegria ruidosa; nós, civilizados, envelhecidos pelo estudo e pela experiência, voltamos a ser crianças, como nos primeiros tempos da juventude do mundo.

Sempre me lembrarei com que espanto vi pela primeira vez um grupo de soldados se divertindo no rio. Ainda criança, não conseguia imaginar os militares de outra forma que não fosse com suas roupas multicoloridas, com suas dragonas vermelhas ou amarelas, seus botões de metal, seus diversos adornos de couro, lã e lona encerada. eu só os compreendia marchando em passo uniforme, em colunas retangulares, com tambores à frente e oficiais ao lado, como se formassem um animal imenso e estranho, impulsionado por uma

vontade cega que eu não conseguia compreender. Mas, fenômeno bizarro, o ser monstruoso, ao chegar à beira da água, fragmentou-se em grupos dispersos, em indivíduos distintos; roupas vermelhas e azuis foram jogadas em pilhas como trapos vulgares, e de todos esses uniformes de sargentos, cabos e soldados rasos, eu via sair homens que se precipitavam na água com gritos de alegria. Não havia mais obediência passiva, nem renúncia à própria pessoa; os nadadores, que voltaram a ser eles mesmos por alguns instantes, dispersavam-se livremente na correnteza: nada mais os distinguia dos “plebeus” que brincavam ao lado deles. Infelizmente, um apito soou e a separação ocorreu de repente: enquanto ficávamos brincando na água, nossos companheiros de um momento fugiam para pegar suas roupas vermelhas e seus botões numerados, e logo os vimos se afastando, marchando em fila e em passo uniforme pela estrada empoeirada.

Desde então, vi, em outros climas que não o da França, como a hostilidade diminui de repente entre inimigos que acabaram de se despir das roupas sob as quais se acostumaram a se ver e se odiar. Foi e, perto de uma cidade na costa da Colômbia, na foz de um riacho profundo, que uma estreita faixa de areia, onde as ondas quebram incessantemente, separa do oceano. Todas as manhãs, centenas de indivíduos pertencentes a duas raças quase sempre em guerra se encontravam nessa foz do riacho. De um lado, estavam os descendentes mais ou menos misturados dos espanhóis, que vinham fazer suas abluções diárias; do outro, estavam os índios, que aproveitavam uma trégua para ir ao mercado da praia. De uma margem à outra, lançavam-se olhares de ódio e palavras de insulto, pois lembravam-se das lutas e dos massacres, das vítimas estranguladas, afogadas, enterradas vivas; mas quando os guerreiros vermelhos, tirando suas túnicas, semelhantes às dos helenos de outrora, apareciam na beleza resplandecente de suas formas e se lançavam no rio para atravessá-lo em poucos saltos, esqueciam-se do antigo ódio e até se apaixonavam por eles. Apesar de tudo, não éramos irmãos? Eles também, ao que me parece, nos olhavam sem raiva, mas ao chegar à margem, sacudiam seus longos cabelos negros, afastavam-se orgulhosamente sem olhar para trás e logo desapareciam em uma curva da praia.

CAPÍTULO XIV - A PESCA

O riacho não é apenas para nós o ornamento mais gracioso da paisagem e o local encantador de nossos prazeres, é também para a vida material do homem um reservatório de alimento, e sua água fértil nutre plantas e peixes que servem para nossa subsistência. A incessante batalha da vida, que nos tornou inimigos dos animais das pradarias e dos pássaros do céu, também desperta nossos instintos contra as populações do riacho. Ao ver a truta deslizar na corrente rápida como um raio de luz, a maioria de nós não se contenta em admirar a forma esguia de seu corpo e a maravilhosa agilidade de seus movimentos, mas também lamenta não ter capturado o animal em seu impulso e não ter a chance de grelhá-lo para a refeição. Essa boca terrível, armada com dentes, que se abre no meio do nosso rosto nos torna semelhantes ao tigre, ao tubarão, ao crocodilo. Como eles, somos animais ferozes.

Nos séculos passados, quando nossos ancestrais ainda ignoravam a arte de cultivar o solo e semear grãos para que brotassem em espigas, o homem que não recorria à antropofagia não tinha, para se alimentar, outros recursos além das raízes desenterradas do solo, dos brotos de ervas saborosas, dos cadáveres de animais mortos na floresta e dos peixes capturados no mar ou nas águas correntes. Além disso, pressionado pela necessidade, ele adquiriu, como pescador, uma habilidade que nos pareceria maravilhosa. Não menos habilidoso que o lúcio ou a lontra, raramente perdia a presa que visava. Imóvel na margem, semelhante a um tronco de árvore, esperava pacientemente que o peixe passasse ao alcance de sua mão e, de repente, o agarrava e esmagava sua cabeça contra uma pedra. Da mesma forma, os índios ainda selvagens da América perfuram com precisão os peixes com o dardo que lançam da margem ou com o dardo que sai de sua zarabatana.

Além disso, os riachos e rios eram antigamente muito mais ricos em peixes do que são hoje em dia. Depois de capturar na água corrente todas as presas necessárias para a refeição da família, o selvagem satisfeito deixava os milhares ou milhões de ovos depositados na areia ou nos juncos se desenvolverem em paz. Graças à imensa fertilidade das espécies animais, as águas estavam sempre povoadas, sempre exuberantes de vida. Mas o homem,

que os progressos da civilização tornaram mais engenhoso, encontrou meios de destruir essas raças prolíficas, cujas fêmeas poderiam, em poucas gerações, encher todas as águas com uma massa de carne sólida. Em sua ganância imprudente, ele exterminou completamente várias espécies que antes viviam nos riachos. Não só utilizou redes que bloqueiam a massa de água e prendem toda a população, como também recorreu ao veneno para destruir multidões de uma só vez e fazer uma última captura mais abundante do que as outras.

No entanto, os verdadeiros pescadores, aqueles que se orgulham de ser chamados assim, reprovam esses meios vergonhosos de destruição em massa, que não exigem sagacidade nem conhecimento dos hábitos da caça. Além disso, num contraste que parece estranho à primeira vista, o pescador ama todos esses pobres animais que persegue, estuda os seus hábitos e modo de vida com uma espécie de entusiasmo, procura descobrir as suas virtudes e inteligência; tal como o caçador que fala das proezas da raposa ou do javali, ele se entusiasma ao contar as sutilezas da carpa e as artimanhas da truta; ele as respeita quase como adversárias, só quer combatê-las de forma justa e se irrita com os caçadores ilegais indignos que trabalham para destruir a espécie.

Muitas vezes, ao passear ao longo do riacho, pude estudar à vontade o pescador ideal, o tranquilo pescador com linha, atrás do qual a aranha tece pacificamente suas teias entre os galhos. Ele teria preferido que eu não estivesse presente, pois minha presença perturbava seus rituais religiosos; ele não virou a cabeça para mim e nem mesmo fez um gesto de impaciência, mas eu sentia que ele era hostil a mim e, com medo de despertar sua ira, eu caminhava sobre a grama com passos abafados, prendendo a respiração. Aos poucos, ele passou a ver em mim apenas um traço da paisagem, como uma rocha ou um tronco de árvore, e eu, por minha vez, pude admirá-lo com consciência tranquila. Certamente, não há fraude nele. É com fé sincera que ele coloca sua isca, lança sua linha e, durante minutos ou horas, espera que um peixe imprudente morda seu anzol. Nada pode desviá-lo de sua obra; com um olhar aguçado, ele perscruta as águas profundas; ele vê o reflexo imperceptível brilhar vagamente em uma barbatana mal enterrada na areia, ele distingue o movimento do verme sob a lama, ele pressente, por certos tremores na água, o peixe escondido sob a grama e que ele ainda não vê; interroga ao mesmo tempo as ondulações e os redemoinhos, as estrias da corrente e os sopros do ar; atento a todos os ruídos, a todos os movimentos, ele passa sua linha pelo fundo ou a faz flutuar na superfície, seguindo os conselhos que lhe dão os gênios da natureza reunidos ao

seu redor. Em tão boa companhia, o que lhe importam os profanos! Ele nem se digna a lançar-lhes um olhar, muito mais ocupado em adivinhar o peixe em seu esconderijo. Um dia, um aeronauta, emaranhado nas cordas da gôndola, meio asfixiado pelo gás que escapava de seu balão esvaziado, caiu bem no meio do Sena, entre as duas fileiras de pescadores, imóveis como estátuas ao longo das margens. Nenhum deles se moveu. Enquanto os barqueiros soltavam apressadamente seus barcos para resgatar o náufrago, os pescadores perseverantes permaneciam com os braços estendidos acima das ondas, sempre esperando o abençoado puxão que o e os avisaria da captura desejada.

Aliás, nenhum homem tem mais fortaleza contra o mau destino do que o pescador. Por mais que os peixes se recusem maliciosamente a serem capturados, por mais que rasem o anzol sem mordê-lo, o homem com a linha, silencioso e prudente como uma garça em pé, mantém o braço estendido e o olhar fixo; ele não se cansa; sentando-se à beira da água, ele deixou para trás as paixões humanas da impaciência e da raiva. Dedicado ao seu trabalho, ele espera, mesmo sem esperança. Conheci um pescador que a má sorte sempre perseguiu. Ele não pescava trutas, tencas nem peixes-gato. Forte de suas dolorosas experiências negativas, ele afirmava até mesmo que era impossível capturar um peixe e que todas as histórias de pesca, milagrosas ou não, eram invenções de mistagogos e romancistas. No entanto, assim que tinha uma hora de folga, esse cético, esse homem dedicado à infelicidade, pegava sua linha e, sem desilusão, sem um renascimento ingênuo de esperança, lançava seu anzol no meio dos peixes zombeteiros que brincavam rondando o inofensivo chamariz.

Por outro lado, há pescadores que parecem fascinar os peixes, atraindo-os irresistivelmente. O público curioso que os observa acredita que eles exercem uma espécie de magnetismo sobre suas presas, como a cobra sobre o sapo; conta-se que trutas e carpas, atraídas apesar de si mesmas, mordem o anzol fatal. Não é assim, pois é pela força da ciência que esses pescadores se tornaram para nós uma espécie de magos que ordenam às vítimas que caminhem em procissão até a ponta de suas linhas. Se eles atraem com tanto sucesso o pobre peixe para fora de seu ninho de ervas, é porque conhecem todas as necessidades, todos os apetites, todas as artimanhas dos animais e até mesmo seus tiques particulares; à primeira vista, eles sabem qual é o caráter do animal. Além disso, aprenderam, através de uma longa experiência, a combinar todos os seus movimentos; o olhar, o braço, a mão, a linha, também inteligente, agem

em conjunto.

No entanto, esses pescadores geniais são muito raros, e os adeptos os reconhecem por um certo brilho que emana de seu ser. Em 1815, quando, pela segunda vez, Paris, exausta por quinze anos de servidão militar, ouvia os canhões prussianos rolares por suas ruas, dois homens, indiferentes à causa pública, estavam tranquilamente sentados à beira do Sena, com a linha na mão. Eles nunca se tinham visto antes, mas cada um deles tinha ouvido celebrar a glória do rival. Reconheceram-se, sem sequer se olharem, apenas percebendo pelo canto do olho com que segurança o instrumento era manobrado, com que inteligência o isco ia buscar o peixe.

— “Você é o famoso X..., sem dúvida?

— Ao seu dispor, e é ao famoso Y..., não é verdade, que tenho a honra de responder?”

Grandville, caricaturista muitas vezes demasiado engenhoso, imaginou representar os pensamentos íntimos de um pescador com cana, mostrando o pobre homem com a caixa óssea aberta e dividida em compartimentos, seguindo o sistema de Gall. Em cada um dos compartimentos cerebrais tramava-se um crime hediondo. O inofensivo pescador, com o rosto tão puro e cheio de candura, não pensava em menos do que perpetrar todas as atrocidades possíveis. Sob a protuberância da “aquisitividade”, ele arrombava uma fechadura e roubava pilhas de moedas; sob a protuberância da “secretividade”, ele falsificava documentos; no compartimento da “combatividade”, ele assassinava um idoso; em outro recanto do crânio, ele raptava a mulher do seu amigo; e quem sabe o que mais? Todas as monstruosidades imagináveis eram sonhadas nesse cérebro. Certamente, o artista caluniava o pescador com anzol, atribuindo-lhe essas alucinações criminosas; enquanto mantém o olhar fixo e o braço rígido acima da água, o homem honesto não tem consciência das imagens fugazes, boas ou más, que flutuam em seu cérebro; ele está fascinado pelas ondulações brilhantes, pelas covinhas que se formam, pela água que lhe sorri e pelo peixe que ele espera.

Talvez seja por causa dessa estranha fascinação exercida sobre o pescador pelas águas livres do riacho que a arte da piscicultura tenha feito tão poucos progressos desde os tempos antigos. Milhões de homens procuram surpreender os peixes selvagens que brincam na correnteza; relativamente poucos são aqueles que procuram criar suas presas em cativeiro, para capturá-las e devorá-

las no momento que lhes convier. Em todos os países ditos civilizados, a caça é pouco mais do que um passatempo, e a perseguição de animais selvagens foi substituída pela criação de animais para abate. Somente os homens ociosos ou vaidosos que procuram manter as tradições de seus ancestrais ou preencher a ociosidade de suas horas fazem da caça a principal ocupação de suas vidas; mas, há milhares de anos, os povos arianos, de evolução em evolução, deixaram de ser caçadores e passaram a cultivar a terra, tomando como companheiro e vítima o boi descendente do urus selvagem que perseguiram nas florestas. Hoje em dia, também, o índio pele-vermelha, que o americano empurra à sua frente e que vê os rebanhos de bisões se dispersarem ao som das locomotivas assobiando nas pradarias, aprende a colocar o boi sob o jugo e passa sem transição do estado de caçador para o de cultivador da terra e criador de gado. Mas, para a exploração da fauna aquática, os homens ainda estão quase em toda parte, exceto na China, nesse país de pessoas sensatas, nas práticas rudimentares da barbárie primitiva. Eles substituíram a simples vara por uma linha mais flexível e graciosa, aprenderam a torcer fios mais finos e mais fortes, aperfeiçoaram os anzóis, imaginaram iscas que substituem os insetos e os vermes, e até modificaram o regime dos cursos de água, adaptando às cascatas espécies de escadas em degraus, através das quais os peixes vindos do mar podem subir até às nascentes dos riachos; mas é de uma forma ainda mais excepcional que eles se ocupam de confinar os peixes, fertilizá-los artificialmente, alimentá-los à mão e assim produzir, por centenas e toneladas, carne de carpa, tancha ou truta, como se faz com a carne bovina e ovina.

Aqui e ali, porém, pescadores e industriais tentaram substituir a pesca pela criação de peixes; homens de lazer em sua maioria, obtiveram resultados curiosos, muito úteis para aumentar nosso conhecimento sobre os animais e seus hábitos, mas praticamente insignificantes do ponto de vista econômico. Em uma pequena fábrica de piscicultura, escondida pelas muralhas de um parque proibido aos caminantes, pude perceber a profunda ciência e habilidade que um bom criador de peixes deve ter para ter sucesso em seu trabalho sem o auxílio de qualquer orçamento ou renda opulenta. O piscicultor deve saber e prever tudo. Ele precisa conhecer a natureza do fundo e das águas adequadas para cada espécie de peixe; ele observa os fenômenos do ar e as variações de temperatura para captar o momento favorável para a extração artificial dos ovos da fêmea e da espermatozóide do macho; ele procura regular o impulso da corrente e dar-lhe exatamente o grau de força calculado com antecedência; estuda os ovos

ao microscópio para extrair todos aqueles que não lhe parecem ter a cor ou a transparência necessárias; examina o leite e o rejeita se não for suficientemente branco e fluido. O que mais sei? Ele aprende a usar uma série de instrumentos delicados, limpa os ovos com um pincel, remove os fungos nocivos com pinças, usa pipetas para transferir as sementes de uma caixa para outra, constrói desovais artificiais para os ovos que se prendem às ervas ou aos ramos. Durante todo o período de incubação, ele precisa cuidar com cuidado para impedir que inimigos de todos os tipos, como peixes, insetos ou fungos, ataquem a população nascente; ele mede a cada hora a corrente e a temperatura adequadas. Após a eclosão, ele precisa saber alimentar os animais na hora certa, dando-lhes exatamente a ração que eles mesmos procurariam. E então, depois de fazer tudo isso, ele ainda precisa prevenir as terríveis epidemias que podem surgir repentinamente em sua ninhada e exterminá-la em poucos dias.

Entre os piscicultores, há aqueles que conseguem salvar assim de todo o mal a desova que desejam transformar em peixes grandes. Ao ver o sucesso deles, que triste reflexão não temos que fazer sobre as coisas humanas, pensando que tantos milhares e milhões de crianças, bem constituídas para se tornarem homens, ainda perecem no berço, mortas pela ignorância e pela miséria? Certamente, os recém-nascidos deveriam ser mais importantes para nós do que os salmões, as carpas e todos os peixes possíveis, e, no entanto, as epidemias os levam em massa. Nossos hospícios infantis, muito mais preciosos do que todos os estabelecimentos de piscicultura, são, na maioria das vezes, apenas vestibulos do cemitério. Os ovos das trutas e das tencas teriam mais valor aos nossos olhos do que as crianças infelizes confiadas à sociedade por seus pais sem recursos, e devemos defendê-los com mais cuidado contra as chances de morte?

Se algum dia conseguirmos domesticar completamente os peixes de água doce e, assim, produzir carne à vontade para a alimentação pública, certamente teremos que nos alegrar, já que todas as vidas inferiores ainda são empregadas para sustentar a vida do homem; mas não poderemos deixar de lamentar o tempo em que todos esses animais nadavam em liberdade. Ao ver os cursos de água regularizados e equipados com caixas quadrangulares onde os peixes jovens engordam e se habituem à escravidão, os nossos descendentes pensarão com uma certa tristeza nos nossos riachos ainda indomados. Da mesma forma que a narrativa da vida selvagem nas florestas virgens nos encanta, da mesma forma eles ficarão encantados quando lhes falarmos do rio livre, onde bandos

errantes remavam entre a corrente, agitando barbatanas e caudas, onde o peixe solitário se lançava de uma margem à outra como um raio mal vislumbrado, onde florestas de ervas flutuantes tremulavam incessantemente com a multidão escondida que as povoava. Comparado ao guardião do estábulo de peixes, o pescador protegido pela sombra discreta lhes parecerá uma espécie de Nemrod, como um herói dos tempos antigos.

CAPÍTULO XV - A IRRIGAÇÃO

Consolemo-nos, porém: no futuro que nos reserva a exploração científica da terra e de suas riquezas, a principal utilidade do riacho não será ser uma fábrica de carne viva, uma espécie de despensa econômica. A água, que compõe grande parte de todos os organismos, plantas e animais, continuará a ser usada principalmente, como é atualmente, para alimentar o mundo vegetal de suas margens. Bebida por todas as raízes que mergulham no riacho, a água sobe de poro em poro nos interstícios capilares do solo, enche de seiva uma infinidade de árvores e gramíneas e, assim, serve indiretamente para a alimentação do homem através dos tubérculos, caules, folhas, frutos e sementes que desenvolve. É principalmente no trabalho agrícola que o riacho se torna auxiliar da humanidade.

Depois do sol, que renova todas as coisas com seus raios, e do ar, que com seus ventos e a mistura incessante de gases é como o sopro do planeta, a água do riacho é o principal agente de renovação. No amor infinito pela mudança que nos possui, é com deleite que ouvimos a história das metamorfoses, especialmente aqueles de nós que ainda são crianças e cuja credulidade ingênua não é perturbada pelo conhecimento das leis inflexíveis. Ao ler *As Mil e Uma Noites*, nossa mente se deleita em ver os gênios se transformarem em vapores ou os monstros nascerem de um rastro de sangue; gostamos de acompanhar os objetos da natureza em todas as formas que assumem sucessivamente, assim como no ar aquecido do deserto discernimos ora palácios com colunatas, ora exércitos em marcha. Nas fábulas da Grécia antiga, nos mitos persas, nos antigos cantos hindus, o que também nos seduz são as transformações da pedra e da erva, do animal, do homem e do deus, símbolos primitivos da cadeia infinita da vida no imenso universo. Da mesma forma, qualquer tapeçaria antiga ganha vida aos olhos da criança e se enche de seres vivos. Com que fé simples ele não olha para alguma tela desgastada com a imagem de Syrinx estendendo os braços e já transformada pela metade em um tufo de juncos, Procris criando raízes para se tornar um álamo, ou a ninfa Byblis derretendo em lágrimas para fluir doravante na forma de uma fonte. E bem! Mudanças semelhantes às que inventaram a imaginação infantil dos povos e as

ficções dos poetas não cessam de se realizar no grande laboratório da natureza; só que é por um lento trabalho interior, por transições graduais e não por milagres repentinos, que se operam essas inúmeras transmissões de vida entre tudo o que morre e tudo o que renasce. A gotícula de água transforma-se em célula vegetal, transforma-se em semente, depois em pão e, no corpo do homem, em parcela de vida.

À primeira vista, parece que o riacho não pode se transformar assim para outras plantas além das que crescem em suas margens. Sem dúvida, a vegetação das margens, que aspira a umidade por suas raízes e bebe por suas folhas um vapor abundante, é de longe a mais viva e alegre; os salgueiros, os álamos e as álamos crescem altos e retos, sua madeira cheia de seiva estica a casca lisa e a faz estalar sob o esforço; ervas em tufo espessos e arbustos preenchem todos os interstícios entre os troncos, o menor espaço vazio é cercado por plantas desejosas de se aproximar do riacho benéfico. Mas a água também realiza sua obra longe das margens. Mesmo durante as secas, ela escorre por longas distâncias através das margens pedregosas e arenosas e penetra no subsolo, onde alimenta as raízes das plantas; após as chuvas, quando o nível do riacho sobe, a percolação subterrânea ganha força e se espalha por longe sob as camadas superficiais do solo do campo; finalmente, durante as cheias, as águas transbordadas renovam a terra, saturam-na de umidade e fornecem assim os elementos de vida à multidão de vegetais.

É claro que o espetáculo dos campos invadidos pela inundação é triste. As vinhas, banhadas até a metade, ainda indicam os limites bem conhecidos que separam a propriedade da do vizinho; as árvores frutíferas, inclinadas para a frente pela correnteza, mergulham na água lamacenta as pontas de seus galhos sujos; correntes e redemoinhos erodem o solo onde cresciam as mais belas colheitas. Mesmo na margem do lago temporário, todas as depressões abertas pelo arado entre os sulcos são como valas, e os adolescentes aparecem sozinhos acima da água em longas fileiras paralelas.

A inundação, que assim arruína a esperança do camponês, é uma grande desgraça, mas, em suas águas temidas, o riacho traz um tesouro para os anos vindouros: ao destruir a colheita do ano presente, ele deposita lama fertilizante que alimentará as colheitas futuras. O solo da planície, constantemente solicitado pelo trabalho do lavrador, logo se esgotaria se as rochas da montanha, trituradas e peneiradas pela correnteza, não se espalhassem em camadas pelo

campo para renovar sua fertilidade. Como mostram as sondagens geológicas, a camada vegetal e todo o subsolo são sedimentos trazidos sucessivamente ao longo dos séculos e depositados sobre as bases rochosas: nenhuma planta poderia germinar no vale se a montanha não se desintegrasse constantemente e se o riacho não utilizasse todos os anos esses detritos para fornecer novos nutrientes à vegetação das suas duas margens. Mas como impedir que as águas transbordadas devastassem as culturas e, ao mesmo tempo, recolher todos os sedimentos aluviais fertilizantes? Como regular as oscilações de nível, de modo a aproveitá-las sem ter que sofrer com elas? Ainda são muito poucos os agricultores que souberam resolver esse problema, que encontraram o meio de domar o riacho e dirigir as águas e a lama a seu bel-prazer. No verão, a corrente é apenas um pequeno fio de água, e o lavrador reclama; em outras estações, na primavera e no outono, dependendo do clima, o riacho transborda e o lavrador continua reclamando.

Além disso, ele sempre se queixará, e com razão, enquanto não souber se associar com seu vizinho para utilizar em conjunto os recursos que a água corrente lhe oferece. Atualmente, a exploração dessas riquezas é feita da maneira mais desordenada e quase aleatória, seguindo os caprichos dos proprietários ribeirinhos, e o resultado dessas disparidades é, muitas vezes, um desastre para todos. Um deles drena o solo de sua propriedade por meio de canais subterrâneos, aumentando assim o volume do riacho; outro, ao contrário, empobrece-o fazendo cortes à direita e à esquerda para regar seus campos; outro ainda abaixa o nível médio das águas limpando o fundo e destruindo as margens das corredeiras e cachoeiras, enquanto os industriais elevam a superfície da corrente construindo barragens. São fantasias contraditórias, ambições conflitantes, que pretendem regular o curso do riacho. O que seria de uma pobre árvore, a que doenças monstruosas ela não estaria condenada se, ainda viva, fosse dividida entre vários proprietários, se numerosos senhores pudessem exercer o direito de uso e abuso, uns sobre as raízes, outros sobre o tronco, os galhos, as folhas ou as flores? O riacho como um todo pode ser comparado a um organismo vivo como o da árvore. Ele também, desde suas numerosas nascentes até sua foz, forma um todo harmonioso com suas fontes, seus meandros, as oscilações regulares de suas águas, e é uma desgraça pública quando a série natural de seus fenômenos é perturbada pela exploração caprichosa de moradores ignorantes. É graças à ciência e à união dos esforços hoje divididos que o riacho poderá prestar às populações os serviços que elas

esperam dele. Riqueza comum a todos, é o trabalho conjunto de todos que o transformará, para o campo, em uma verdadeira artéria de vida.

Já vários trabalhos de drenagem, colmatação e irrigação, realizados aqui e ali nas margens dos cursos de água, permitem-nos discernir, num futuro mais ou menos distante, qual será o regime do nosso riacho: antecipadamente, acompanhamos o seu curso com o olhar, com a previsão que a ciência nos dá. Como nos tempos antigos, antes da exploração brutal da floresta, abetos e faias entrelaçados crescerão nas encostas da montanha onde as primeiras águas se derramam; as raízes salientes, os musgos que as cobrem, as ervas que as rodeiam e que os dentes das cabras já não arrancarão, deterão na sua descida as gotas de chuva e os fios de neve derretida; em vez de escorrer em torrentes de um, a água irá infiltrar-se no interior do solo durante as chuvas e, descendo lentamente de poro em poro, reaparecerá no leito inferior do riacho na época das secas. O caudal médio da corrente será mais uniforme e não passará mais repentinamente da escassez à superabundância. As ravinas não se cavarão mais nas encostas íngremes, e as pradarias dos vales não desaparecerão mais sob montes de pedras. Sulcos, colocados em linhas paralelas nas curvas alternadamente salientes e recuadas dos promontórios e curvas, levarão vida e farão brotar flores nas encostas áridas.

Pode ser que a ação reguladora das florestas e o uso das águas do torrente para irrigar os prados altos não sejam suficientes para prevenir as cheias repentinas durante as tempestades. Mas saberemos como lidar com esse perigo. O vale não tem a mesma largura em todos os lugares. Em alguns pontos, seu fundo nivelado se estende em forma de círculo ou oval, no lugar de um antigo lago gradualmente preenchido por aluviões; em outros, as alturas rochosas, que se elevam à direita e à esquerda do riacho, aproximam-se umas das outras como se fossem se unir por uma crista transversal, e permanecem separadas apenas por uma estreita fenda, no fundo da qual escorre a água rugindo. Era ali que ficava antigamente a barragem onde batiam as ondas do lago. Durante as grandes chuvas, essa barreira detinha as águas crescentes, forçando-as a se espalhar rio acima, na base das colinas, e só as despejava gradualmente nas planícies inferiores, pelo jogo natural de suas cachoeiras. A natureza, com seu trabalho incessante, acabou por demolir essa barragem; os troncos das árvores, empurrados como aríetes pela correnteza, abalaram a rocha, a água se insinuou nas fendas e, mais cedo ou mais tarde, o lago pôde se derramar entre as duas paredes da montanha aberta. Bem, o homem pode recriar esse lago, ajustando a

seu bel-prazer a altura, a superfície e a capacidade; ele pode erguer novamente a barragem, calculando com precisão qual deve ser a sua resistência para suportar a pressão das águas da enchente. Dono desse lago artificial e dessa barreira com comportas móveis, o agricultor torna-se assim o senhor das chuvas e das secas; impede que as águas repentinas das trombas se transformem em torrentes devastadoras sobre o campo, impede que o nível do riacho baixe demais durante o calor e continua a alimentar os canais de irrigação que levam frescor e vida aos campos. Os sedimentos que se acumulam no fundo da bacia servirão, além disso, para renovar o vigor de suas culturas e, se ele quiser, ele mesmo encarregará o riacho de transportar todos esses detritos para o solo que deve ser fertilizado. Esperemos também, já que pensamos no futuro e seguimos nossos sonhos, que os engenheiros encarregados da regularização do riacho saibam transformar a bacia hidrográfica, não em um reservatório vulgar com praias insalubres e fétidas, mas em um lago encantador e puro, sombreado por grandes árvores e cercado por plantas aquáticas. Que o artista, assim como o lavrador, tenha prazer em contemplar essas águas que descem das montanhas!

O verdadeiro perigo no futuro é que a água, considerada com razão pelo agricultor como o mais precioso dos seus tesouros, seja utilizada até à última gota. Em vez de ameaçar os campos com sua devastação, o riacho, sangrado por inúmeros canais de irrigação, pode secar completamente e deixar em situação de escassez os moradores de suas margens inferiores. Essa é a desgraça que já está acontecendo em várias regiões do sul: na Provença, na Espanha, na Itália, no Hindustão. Ao sair das montanhas, o barulhento riacho parece querer correr sem parar até o oceano; ele espuma, se enfurece contra as pedras, salta de corredeira em corredeira, enche bacias profundas de um azul formidável. Como um jovem que entra na vida e não duvida de nada, ele tem diante de si um espaço imenso e quer aproveitá-lo; mas à direita, à esquerda, barragens traiçoeiras, pequenas eclusas retiram de sua corrente finos filetes de água, que se ramificam ao longe em jardins e prados. Empobrecido de eclusa em eclusa por todos esses empréstimos, o riacho se transforma em um pequeno córrego, sua água retardada se arrasta serpenteando sobre os seixos, depois desaparece sob as areias, que o lavrador cava com sua enxada para recolher ainda as últimas gotas do precioso líquido. Mal chega às planícies, o alegre filho das montanhas desaparece.

No entanto, ao escapar de seu leito, a água que escorre, dividida em inúmeras artérias e arteríolas, funciona ainda melhor. Reduzida a filamentos

finos o suficiente para serem absorvidos pelas raízes das plantas, ela entra com mais facilidade na corrente circulatória vegetal para se transformar em seiva, depois em madeira, folhas, flores e se espalhar novamente na atmosfera, misturando-se aos aromas das corolas. Na planície, transformada em um imenso jardim, não se vê água em lugar algum, e, no entanto, é ela que dá ao gramado o vigor do crescimento e o frescor; é ela que reveste os canteiros de flores e os arbustos de folhagem; ela multiplica os galhos e confere assim às avenidas sombreadas aquela profundidade de mistério que nos encanta. Sob outra forma, é ela que nos rodeia e nos encanta. Aqui e ali, ouvimos aos nossos pés um murmúrio argênteo, como o som de pérolas rolando sobre o pavimento: é o chilrear da água que corre num canal subterrâneo, e cujos reflexos fugazes nos aparecem vagamente através dos interstícios das lajes. Perto de uma casinha enterrada sob a vegetação, um pequeno jato de água se eleva em uma pluma balançada pelo vento, e as gotículas da névoa iridescente caem ao longe sobre as flores em forma de orvalho de diamantes.

CAPÍTULO XVI - O MOINHO E A FÁBRICA

O valente riacho não se limita a fertilizar nossas terras, ele também sabe trabalhar de outra maneira quando não é usado inteiramente para irrigar os campos. Ele nos ajuda em nosso trabalho industrial. Enquanto seus sedimentos e suas águas se transformam todos os anos em trigo pela maravilhosa química do solo, sua corrente serve para reduzir o grão em farinha, assim como poderia também amassar essa farinha em pão, se nos apetecesse confiar-lhe esse trabalho. Desde que sua massa líquida seja suficiente, o riacho substitui sua força pela dos braços humanos para realizar tudo o que antes faziam os escravos de guerra ou as mulheres escravizadas por seus maridos brutais: ele mói o trigo, quebra o minério, tritura a cal e o argamassa, prepara o cânhamo, tece os tecidos. Assim, o humilde moinho, mesmo que corroído por líquenes e algas, inspira-me uma espécie de veneração: graças a ele, milhões de seres humanos deixaram de ser tratados como animais de carga; puderam erguer a cabeça e ganhar dignidade e felicidade.

Que lembrança encantadora nos deixou esse moinho da nossa pequena vila! Ele estava meio escondido — talvez ainda esteja — em um ninho de grandes árvores, salgueiros, álamos, choupos; ouvia-se de longe seu tique-taque contínuo, mas sem ver a casa através da confusão de vegetação. Somente no inverno as paredes rachadas apareciam entre os galhos sem folhas; mas em todas as outras estações, antes de avistar o moinho, era preciso entrar no pátio, perturbar o bando de gansos que assobiavam e acordar em sua casinha o grande cão de guarda que sempre rosnava. No entanto, protegidos pelo filho da casa, nosso colega de escola e de brincadeiras, ousávamos nos aproximar do cão, ousávamos até mesmo aproximar a mão bem perto da terrível boca e acariciar suavemente a enorme cabeça. O monstro finalmente se dignava a se acalmar e abanava o rabo com benevolência em sinal de hospitalidade.

Nosso local preferido era uma pequena ilha na qual podíamos entrar, seja passando pelo moinho construído transversalmente sobre um braço do riacho, seja deslizando ao longo de uma estreita saliência em forma de calçada do lado de fora da casa: era ali que as pás eram ajustadas e que o moinho ia todas as manhãs regular o fluxo da água. Nem é preciso dizer que esse era o nosso

caminho preferido. Em poucos saltos, estávamos em nossa ilha, à sombra de um grande carvalho com a casca desgastada por nossas frequentes escaladas. De lá, o moinho, as árvores, o riacho, as cachoeiras e as paredes antigas mostravam-se em seu aspecto mais encantador. Perto de nós, no grande braço do riacho, uma barragem, formada por vigas grossas, bloqueava a corrente; uma cascata desaguava por cima do obstáculo, e as corredeiras espumosas colidiam contra os pilares de uma ponte com rachaduras floridas. Do outro lado, a velha cabana do moinho ocupava todo o espaço, das árvores da margem às da ilhota. Do fundo de uma arcada escura na base das paredes, a água batida escapava como de uma enorme boca, e na profundidade negra da abertura escancarada distinguíamos vagamente estacas cobertas de musgo, rodas meio deslocadas, agitando-se desajeitadamente como a asa quebrada de um pássaro, pás mergulhantes derramando cada uma sua cascatinha. Ao redor da arcada, um espesso trepadeira cobria as paredes e, subindo até o telhado, entrelaçava as vigas com seus cordões nodosos e tremia em tufo alegres acima das telhas.

E no interior da casa, tudo nos parecia estranho, desde o burro filósofo, curvado sob o peso dos sacos que eram descarregados perto do moinho, até o próprio moleiro com sua longa blusa enfarinhada! À nossa volta, não havia um único objeto que não se agitava convulsivamente ou vibrasse sob a pressão da cachoeira invisível que rugia aos nossos pés e cuja espuma fugaz discerníamos aqui e ali pelas frestas. As paredes, o chão, o teto tremiam incessantemente com os poderosos solavancos da força oculta: para que nosso olhar escapasse por um único instante da visão desse tremor universal, precisávamos fixar os olhos com esforço no azul e nas nuvens esbranquiçadas do espaço que se mostravam através de uma claraboia. Num canto escuro do moinho, a árvore motriz girava, girava sem parar como o gênio do lugar; rodas dentadas e correias esticadas de um lado ao outro da sala transmitiam o movimento às mós rangentes, às tremonhas que oscilavam com um ruído seco, a todos aqueles engenhos de madeira ou metal que cantavam, gemiam ou uivavam num concerto bizarro. A farinha, que brotava como fumaça dos grãos moídos, flutuava no ar da sala e espalhava seu pó fino sobre todos os objetos; as teias de aranha suspensas nas vigas do teto se romperam parcialmente sob o peso que as carregava e balançavam como cordas brancas; as marcas dos nossos passos desenhavam-se em preto no chão.

No imenso burburinho das vozes que escapavam das engrenagens, das rodas, das madeiras e das próprias paredes, mal conseguia ouvir a minha

própria voz e, além disso, não me atrevia a falar, perguntando-me se o habitante daquele lugar estranho não seria um feiticeiro. Seu filho, meu colega de escola, me parecia menos temível, e às vezes eu nem tinha medo de brigar com ele; no entanto, não conseguia deixar de ver também naquela pequena pessoa um ser misterioso, que comandava as forças da natureza. Ele conhecia todos os segredos do fundo da água; podia nos dizer o nome das ervas e dos peixes, discernir na areia ou na lama o movimento imperceptível aos nossos olhos, revelar os dramas íntimos visíveis apenas para ele. Em nossa opinião, ele era um verdadeiro anfíbio, um, e ele mal se defendia disso: ele havia caminhado no leito do riacho nos locais mais profundos e media de memória, com precisão de um centímetro, os abismos que nossas varas não eram longas o suficiente para sondar. Ele também conhecia em todos os detalhes a força da corrente contra a qual lutara nadando ou remando: mais de uma vez ele quase foi levado pelas rodas e esmagado pelas engrenagens; familiarizado com o perigo, ele o desafiava ainda mais, contando sempre com o esforço de seus braços ou com uma corda lançada no último momento. Um de seus irmãos, menos afortunado, encontrou a morte em um abismo para onde foi arrastado pela correnteza. Assustados, olhávamos para o buraco sinistro. O pai, cheio de um horror sagrado, mandou tapar o fundo.

O mistério que para nós envolvia o velho moinho não pairava sobre a grande fábrica, situada muito mais adiante na planície, num local onde o riacho já recebia todos os seus afluentes. Em primeiro lugar, a fábrica é uma construção enorme que, longe de se esconder sob as sombras, ergue-se no meio de um espaço vazio e cuja massa poderosa poderia ser quase comparada, em altura, às colinas circundantes. Ao lado do edifício, uma chaminé, semelhante a um obelisco, eleva-se dez metros acima na atmosfera e parece prolongar-se ainda mais para o céu pelas volutas negras de fumo que dela escapam. Durante o dia, suas paredes caiadas destacam a fábrica sobre o verde dos prados; à noite, quando o sol se põe, centenas de janelas se acendem na fachada como tantos olhares flamejantes; à noite, as luzes do interior irradiam para fora em feixes divergentes e, como o brilho de um farol, brilham a dez léguas de distância.

Tanto por dentro quanto por fora, a fábrica apresenta apenas ângulos retos e linhas geométricas. As grandes salas, cheias da luz que entra em abundância pelas amplas janelas, têm, no entanto, algo de terrível em sua aparência. Pilares de ferro, erguidos a distâncias iguais, sustentam o teto; máquinas de ferro agitam com movimento regular suas rodas, bielas e braços articulados; dentes

de ferro e aço agarram a matéria que lhes é dada para dividir, roer, triturar ou amassar novamente, transformando-a em pasta, fios, flocos ou nuvens quase invisíveis, conforme a vontade do mestre. De todas essas máquinas de metal que se agitam e rugem como monstros ferozes, o homem fez seus escravos: é ele quem os desencadeia depois de lhes dar o alimento; mas, por mais mestre que seja, não deve deixar de tremer diante dessa força bruta que domou. Basta que ele se esqueça por um instante de harmonizar perfeitamente seu próprio trabalho com o da formidável máquina para que, sob a impressão de um sentimento ou pensamento, ele para em seus movimentos rítmicos, e talvez o poderoso mecanismo, que não tem arrependimentos nem esperanças para desacelerá-lo ou acelerá-lo, o agarre e o lance esmagado contra a parede; talvez o arraste por uma parte de sua roupa, o atraia para suas engrenagens e o reduza a uma papa sangrenta. As rodas giram com um movimento sempre igual, seja para esmagar um homem ou torcer um fio quase invisível. De longe, quando se caminha pelas colinas, ouve-se o silvo terrível da máquina que faz vibrar o solo e a atmosfera ao seu redor.

Essa força disciplinada, mas formidável, das rodas e dos braços de ferro, nada mais é do que o poder transformado do riacho, outrora indomável. Essa água, que antes não fazia outra coisa senão derrubar margens e criar novas, aprofundar certas partes de seu leito e elevar outras, tornou-se agora auxiliar direta do homem para tecer tecidos ou moer grãos. Guiado pelo engenheiro, o movimento brutal da água tomou a direção que lhe foi traçada: distribuiu-se pelas pinças mais finas, pelos pincéis mais delicados, bem como pelas engrenagens mais potentes da enorme máquina; quebra e tritura tudo o que é colocado sob o martelo-pilão, estica as barras de metal que se engatam sob o laminador; mas também sabe escolher e misturar os fios quase imperceptíveis, combinar as cores, tornar os tecidos aveludados como uma leve penugem, realizar ao mesmo tempo os trabalhos mais diversos, aqueles que nem mesmo um Hércules poderia sonhar e aqueles que desafiam os dedos hábeis de uma Aracne. Ao dar sua força à máquina, o riacho tornou-se um escravo gigantesco, substituindo sozinho os milhares de prisioneiros de guerra e mulheres escravizadas que povoavam os palácios dos reis; ele sabe fazer todo o trabalho desses tristes animais acorrentados melhor do que nunca foi feito, e quantas outras coisas ele pode realizar! Bem utilizada, uma catarata animaria um número bastante grande de máquinas para assumir o trabalho de uma nação.

Quase incalculáveis são as riquezas com que a fábrica agraciou a

humanidade; e a cada ano essas riquezas aumentam ainda mais, graças à força que sabemos extrair dos combustíveis, graças também ao uso mais inteligente e mais generalizado da água corrente que desliza sobre o leito inclinado dos riachos. E, no entanto, esses produtos tão numerosos que saem das fábricas para enriquecer toda a humanidade e para, de troca em troca, iniciar os povos mais distantes a uma civilização superior, ainda deixam na mais sórdida miséria aqueles que os utilizam. Não muito longe da poderosa fábrica cujos monstros de ferro custaram tanto, não muito longe da magnífica mansão senhorial cercada por belas árvores exóticas importadas a grande custo do Himalaia, do Japão, da Califórnia, casinhas de tijolos, enegrecidas pelo carvão, alinham-se no meio de um espaço repleto de detritos sem nome e salpicado de poças de água fétida. Nessas humildes moradias, menos hediondas, é verdade, do que as tocas dos servos dominados pelo castelo do barão feudal, as famílias raramente se reúnem à mesma mesa; ora o marido, ora a mulher ou os filhos em idade de trabalhar, chamados pelo implacável sino da fábrica, devem afastar-se do lar e suceder-se ao serviço das máquinas, trabalhando elas próprias sem trégua nem descanso, como a corrente do riacho que as põe em movimento. Às vezes, a casa fica completamente vazia, a menos que em algum canto permaneça um bebê reclamando em vão por sua mãe com choros lamentáveis. A pobre criança, envolta em fraldas úmidas, ainda é muito frágil, devido à falta de ar e de cuidados; mais cedo ou mais tarde, será consumida pela escrófula, a menos que alguma doença, tísica, varíola ou cólera, a leve antes do tempo.

onde a vida poderia ser tão doce, onde parece natural que todos se amem e desfrutem da existência. Também ali a guerra social é permanente; também ali os homens estão envolvidos na terrível batalha da “concorrência vital”. Assim como as mônadas ou os vibriões da gota d'água procuram arrancar a presa uns dos outros, da mesma forma, na margem, cada planta procura tirar da sua vizinha a sua parte de luz e umidade; no riacho, o lúcio lança-se sobre o espinho, e este agarra o peixe-gato; todo animal é, para algum outro animal à espreita, um prato já servido. Entre os homens, a luta já não tem esse caráter de feroz tranquilidade; graças ao cultivo da terra e à utilização dos seus produtos, já não nos comemos uns aos outros; mas ainda nos olhamos uns aos outros de soslaio, e cada um de nós segue com inveja o pedaço de pão que o seu irmão leva à boca. Os espectros da miséria e da fome se erguem atrás de nós e, para evitar que nós e nossas famílias sejamos tomados por seu abraço terrível, todos corremos atrás da fortuna, mesmo que ela seja adquirida, direta ou

indiretamente, em detrimento do próximo. Sem dúvida, isso nos entristece; mas, presos em uma engrenagem como o martelo que se levanta e esmaga, nós também esmagamos sem querer.

Essa luta feroz pela existência entre homens que deveriam amar-se não terá fim? Seremos sempre inimigos, mesmo trabalhando lado a lado na fábrica comum? Entre aqueles que, com as mãos ou com a cabeça, estão de fato associados à mesma obra, alguns, cada vez mais enriquecidos, arrogar-se-ão para sempre o direito de desprezar os outros, e estes, por sua vez, condenados à miséria, não deixarão de retribuir o desprezo com ódio e a opressão com fúria? Não, não será sempre assim. Em seu amor pela justiça, a humanidade, que muda incessantemente, já começou sua evolução para uma nova ordem das coisas. Ao estudar com calma o curso da história, vemos o ideal de cada século tornar-se pouco a pouco a realidade do século seguinte, vemos o sonho do utopista tomar forma precisa para se tornar a necessidade social e a vontade de todos.

Já em pensamento, podemos contemplar a fábrica e o campo circundante tal como o futuro os terá transformado. O parque ampliou-se; agora compreende toda a planície, colunatas erguem-se no meio da vegetação, jatos de água saltam por cima dos canteiros de flores, crianças alegres correm pelos caminhos. A fábrica ainda está lá; mais do que nunca, ela se tornou um grande laboratório de riquezas; mas esses tesouros não se dividem mais em duas partes, uma atribuída a um único indivíduo e a outra, a dos operários, reduzida a uma mísera esmola; agora eles pertencem a todos os trabalhadores associados. Graças à ciência, que lhes permitiu utilizar melhor a energia da corrente e outras forças da natureza, os operários não são mais escravos ofegantes da máquina de ferro; após o trabalho do dia, eles também têm descanso e festas, as alegrias da família, as aulas do anfiteatro, as emoções do palco. Eles são iguais e livres, são seus próprios senhores, olham uns para os outros de frente, nenhum deles tem na testa a marca da escravidão. Esse é o quadro que podemos contemplar antecipadamente ao passear à noite perto do querido riacho, quando o sol poente contorna com um círculo dourado as volutas de vapor que escapam da fábrica. Isso ainda é apenas uma miragem, mas se justiça não é uma palavra vazia, essa miragem já nos mostra a cidade distante, meio escondida atrás do horizonte.

CAPÍTULO XVII -

A BARCA E O COMBOIO DE MADEIRA

Ao longo dos séculos, o progresso material da humanidade pode ser medido pelos serviços que se exigiu ao riacho. Atualmente, o impulso de sua corrente se transforma em força viva em nossas fábricas para moer, amassar ou tecer; suas águas e sedimentos se transformam em seiva e tecido vegetal em nossas pradarias e pomares; ele se tornou nosso grande auxiliar na agricultura e na indústria. Antigamente, não era assim. A floresta sem limites cobria as planícies e as montanhas. Os caminhos que serpenteavam entre as árvores, de clareira em clareira, eram raros, mal traçados, obstruídos por ervas e arbustos; por isso, os selvagens usavam a superfície do riacho para descer ou subir o curso navegável em troncos de árvores ocos que lhes serviam de embarcação.

Hoje em dia, graças às estradas, caminhos e trilhas que atravessam o campo em todas as direções, a navegação séria quase cessou completamente no riacho; agora só se navega por prazer, para remar e sentir-se balançar suavemente pelas ondas ondulantes. Para o homem, é uma das mais doces recreações físicas que se pode ter: é quase impossível sonhar com a felicidade sem imaginar imediatamente que se está flutuando com os entes queridos em um barco cujos remos mergulham ritmicamente na correnteza. Mesmo quando se está sozinho, é um verdadeiro prazer poder animar com o braço um desses barcos afilados que cortam as ondas como peixes. Movesse-se à vontade: ora se está perto da cascata, ora no lago tranquilo; aqui roça-se a relva das margens, mais adiante raspa-se os troncos de um salgueiro; passamos da avenida toda escura de sombra para o tapete cintilante da luz que cai como chuva através da folhagem. E então, não nos tornamos um só com o barco, de modo a formar com ele uma espécie de animal estranho, ao mesmo tempo homem e golfinho? Com seus longos remos, semelhantes a poderosas barbatanas, criamos redemoinhos de cada lado da barcaça, fazemos gotas escorrerem como pérolas na superfície da água; à vontade, abrimos o fluxo em sulcos espumosos e deixamos atrás de nós um longo rastro onde a luz vibra em linhas sinuosas.

Infelizmente, no riacho as embarcações são raras. Apenas alguns barcos com um ou dois remos se refletem nas bacias onde as águas se acumulam antes de mergulhar sob as rodas das fábricas e colocar em movimento moinhos e

engrenagens. Em outro lugar, um velho barco, preso por uma corrente a um poste na margem, está quase sempre enterrado sob as lâminas curvadas dos gladiolos e íris; sem dúvida, ele servia antigamente a algum pescador; mas hoje suas tábuas estão desarticuladas, a água penetra por todos os lados e os únicos navegadores que se aventuram a usá-la são os meninos que matam aula: colocando cada um dos pés em uma das bordas, eles avançam com cuidado para manter o equilíbrio; depois, inclinando todo o seu peso sobre o gancho, empurram a embarcação em ruínas para o meio da corrente e, com um salto vigoroso, saltam para a margem oposta; às vezes caem na lama, mas a travessia foi realizada de qualquer maneira, e eles vão alegremente colher morangos ou cerejas na floresta. É a isso que se limita, para as crianças, a grande navegação no riacho. No entanto, na primavera, elas também fabricam pequenos navios cavando uma tábua de sabugueiro; elas plantam um mastro com uma orgulhosa bandeira vermelha ou azul em sua extremidade e, com gritos de alegria, lançam-no à corrente, equipando-o com joaninhos.

Agora inútil para o transporte de viajantes, o riacho também se tornou inútil para a flutuação. As florestas da planície desapareceram, substituídas por prados, campos, aldeias e, para as árvores cortadas nas colinas, os caminhos forneceram meios de transporte menos caprichosos do que a corrente dos riachos. Para imaginarmos a aparência do nosso pequeno curso de água e os serviços que nossos ancestrais lhe exigiam nos bons velhos tempos da barbárie primitiva, precisamos atravessar o oceano e penetrar, perto das margens do mar das Antilhas, em uma dessas florestas de Honduras, da Mosquitia, do Yucatán, onde os caribenhos e os sambos cortam o mogno, pau-rosa, cedro e campeche. O riacho é apenas uma larga rua aberta na espessura da floresta; a superfície líquida, escurecida pelo reflexo das copas das árvores, é lisa como um espelho; apenas os raios oblíquos de luz, que aqui e ali perfuram a densa copa, fazem brilhar como flocos de ouro os menores insetos e até mesmo o pólen; as lianas, que mergulham na correnteza, riscam-na com finos sulcos escuros onde a imagem dos galhos vacila por um instante. De repente, em uma curva, aparecem alguns homens sentados em uma árvore oca, seguidos por uma jangada de troncos submersos na correnteza: é o trem de mogno que desliza silenciosamente pela superfície do riacho. A tripulação não precisa fazer nada além de se deixar levar pela correnteza, acompanhando com sua cantilena o ritmo dos remos. Além disso, se algum obstáculo se apresenta, se os troncos de árvores param em um banco de areia ou em uma rocha escondida, os atletas

caribenhos, com músculos poderosos e peitos largos e bronzeados, logo colocam todo o comboio de volta à água e, quando chegam à praia onde os grandes navios os esperam, basta uma remada para atracar. Como são belos esses homens da natureza, quando nas fozes dos rios e, ainda mais heroicamente, em alto mar, se aventuram em seus pitpans sobre as ondas dançantes, ora parecendo afundar, ora reaparecendo em meio à espuma! Quão dedicados e sinceros são esses honestos bárbaros, e que é a lembrança que deixam no viajante cansado que recebeu a hospitalidade de suas cabanas! A história de sua raça é marcada por longos massacres; talvez não haja um único de seus ancestrais que, durante três séculos após a conquista das Antilhas, não tenha sido brutalmente massacrado por um “civilizador”; mas eles não guardaram rancor e, com sua comovente bondade, harmonizam-se com seu céu tão puro, sua terra tão fértil e seus riachos de margens tão encantadoras.

A tarefa dos nossos lenhadores europeus é bem mais árdua. A destruição gradual das florestas da planície os forçou a continuar sua indústria nas gargantas escarpadas das montanhas. Em vez de se deixarem embalar suavemente pelo curso tranquilo de um rio sinuoso, eles precisam disciplinar o torrente selvagem, amordaçar esse monstro furioso e, ora, detê-lo, ora, empurrá-lo para frente. O perigo os ameaça a cada hora e, se evitam a morte, é apenas pela força, pela flexibilidade, pela alegria e por um heroísmo contínuo. O próprio local onde trabalham tem algo de terrível, não durante o verão, sob os raios do sol que douram as folhas das árvores e fazem sorrir até mesmo o horror dos precipícios; mas no frio outono, quando as nuvens passam correndo sobre os ravinos sombrios e deixam nos cumes das montanhas seus farrapos rasgados, quando o vento já gelado se precipita com estrondo nos vales estreitos e, como um longo trovão, vai rugindo ao longe de eco em eco. Lá em cima, nos cumes, estende-se a neve recém-caída, e muitas vezes as névoas que rastejam pela encosta das montanhas deixam para trás um rastro triplo, aqui de flocos brancos, mais abaixo de uma mistura acinzentada de neve e água, ainda mais abaixo de chuva. No entanto, nessa atmosfera gelada, os lenhadores suam em grandes gotas, pois manuseiam o machado e, a cada golpe que dão no tronco de uma árvore, lançam todo o esforço de seus músculos. Na luta contra o enorme pinheiro que, durante séculos, viveu livremente na rocha da montanha, eles são gradualmente tomados por essa raiva que sempre se apodera do homem empenhado em destruir outra existência. Como o caçador perseguindo uma presa, como o soldado procurando matar seu semelhante, o lenhador se

exaspera em sua obra de destruição porque sente que tem diante de si um ser vivo. O tronco geme sob a mordida do ferro, e sua queixa é repetida por todas as árvores da floresta, como se elas compartilhassem sua dor e compreendessem que o machado se voltará contra elas.

Finalmente, o pinheiro cai pesadamente no chão, quebrando os galhos das árvores vizinhas em sua queda. Os lenhadores cercam o colosso derrubado; cortam seus galhos e a parte flexível do tronco e, quando o transformam em um tronco nu, o arrastam até a beira de um dos corredores que sulcam a encosta da montanha e por onde caem a neve do inverno e as pedras desagregadas. Centenas, às vezes milhares de troncos são levados sucessivamente e perto do precipício para que um simples empurrão seja suficiente para lançá-los pela encosta.

Assim que os preparativos estão concluídos, a descida começa: os troncos começam a se mover na inclinação; primeiro lentamente, depois com uma velocidade cada vez maior, eles completam a última parte de sua corrida com uma rapidez vertiginosa e, sujos de lama, despojados de sua casca, arrastando consigo redemoinhos de pedras, mergulham no profundo reservatório de água que foi formado por barragens abaixo do corredor. Normalmente, as árvores descem em um jato; mas às vezes a ponta de uma rocha, um pedaço de árvore quebrada, as impede de deslizar; elas afundam no solo ou ficam atravessadas no canal de queda; é então necessário que um lenhador desça, muitas vezes arriscando a vida, para retirar o tronco e fazê-lo recomeçar a sua corrida em direção ao vale.

Todos os troncos, mais ou menos danificados, são finalmente reunidos no lago artificial que lhes foi reservado; empilhados uns sobre os outros, sem ordem, eles se movem fracamente sob a pressão da água, cujo cristal azulado e enrugado pode ser visto aqui e ali. Como animais cansados que o pastor acaba de encerrar num parque, descansam enquanto esperam o momento de fugir. Nada mais estranho à noite do que ver todos esses grandes monstros estendidos e escorrendo luz sob os raios da lua.

Em uma bela manhã, todos os lenhadores, descidos da montanha, estão agrupados nas rochas do desfiladeiro, ao lado da barricada que retém as águas do lago e sobre a qual o excesso de água se derrama em uma fina cascata. Os troncos de pinheiros, as estacas e os contrafortes que consolidavam a barragem são cuidadosamente removidos e, a um sinal, a travessa que servia de fechadura

para essa enorme porta é lançada na garganta, a comporta se levanta e a massa impetuosa das águas, ganhando impulso repentino, corre furiosamente em direção à saída que acaba de ser aberta. Inflada no centro para escapar pela abertura em uma coluna mais poderosa, ela se dobra em uma catarata para se juntar, engrossar e transformar em um rio estrondoso o tranquilo fio de água que corria silenciosamente nas profundezas do desfiladeiro; mas o novo rio não mergulha sozinho, ele desaba com os troncos de árvores amontoados no reservatório lacustre. Estes lançam-se em direção à queda como enormes flechas; colidem, rolam e ricocheteiam, depois, inclinando-se sobre a cascata, colidem novamente, giram subindo através da espuma, as feridas vermelhas deixadas pelo machado, desaparecem por um instante no abismo para surgir mais adiante em um borbulhar de ondas e fugir oscilando sobre a água rápida. Assim se sucedem, em uma série de mergulhos, as centenas e milhares de árvores mutiladas que antes balançavam na floresta sussurrante na encosta da montanha. Todos os ruídos isolados se perdem no imenso estrondo desse lago e dessa floresta que se abatem juntos no desfile sonoro.

Impulsionados pela força da imensa correnteza, os troncos de árvores descem rio abaixo uns atrás dos outros, e atrás deles, pelas trilhas pedregosas que descem em ziguezague pelos promontórios, correm os lenhadores. Como marinheiros à sua maneira, eles têm que dirigir a navegação das frotas de madeira. Primeiro, basta-lhes saltar ao longo do torrente; mas, logo, eles precisam intervir diretamente, e é então que os destemidos companheiros precisam de toda a força de suas pernas, de toda a agilidade de seus braços, de toda a nitidez de seu olhar, de toda a energia de sua vontade. Um tronco de árvore fica preso em um redemoinho e gira desesperadamente acima de um abismo: cabe ao lenhador libertá-lo do abraço do redemoinho; armado com sua vara com ponta de ferro, ele desce pela encosta da rocha, saliência após saliência, correndo o risco de cair ele mesmo na correnteza, agarra-se com uma mão a uma raiz forte e, com sua vara, empurra o tronco para fora do círculo fatal, na direção da correnteza. Mais adiante, outra árvore bateu contra um promontório e, com a copa presa em uma fenda da rocha, vibra sob a pressão da água, incapaz de retomar seu curso. O salvador é obrigado a entrar na corrente até a metade do corpo e agarrar o tronco para retirá-lo das garras da rocha e lançá-lo de volta para o meio do riacho. Em outro lugar, em um desfiladeiro, um tronco ficou atravessado na corrente e, preso por dois pontos opostos, serve de barragem para deter as vigas que o seguiam. Uma barragem se forma

novamente, uma barragem singular, um emaranhado bizarro de troncos desiguais, alguns ainda flutuando, outros endireitados, que cresce incessantemente com todos os detritos e galhos que a corrente traz. É aí que os condutores do comboio têm que encarar a morte de frente. As águas, retidas pela barreira de troncos amontoados, elevaram seu nível como um canal a montante de uma eclusa fechada e se derramam em corredeiras e cachoeiras sobre o obstáculo; o torrente, expulso de seu curso normal, lança-se em borbulhamentos repentinos; os monstros deitados agitam-se convulsivamente e endireitam-se, fazendo ranger e gemer a sua madeira ferida. É a este caos em movimento que é preciso enfrentar para lançar novamente o comboio. Os valentes homens arriscam-se nesta estrutura enganadora que treme sob os seus pés; eles soltam um a um todos os troncos superiores e os fazem rolar por cima da barragem para a parte livre da corrente, mas se uma árvore meio solta se endireitar de repente, se seus pés escorregarem na madeira lisa e molhada, se um jato de água os atingir inesperadamente, se uma vara caída na corrente ricochetear em direção a eles, pontiaguda como uma lança, eles sempre correm o risco de serem derrubados, lívidos e ensanguentados, ao lado dos pinheiros mortos e flutuar em sua companhia na água do riacho. Aqueles que, com coragem, habilidade e boa sorte, escapam a todos esses perigos, aqueles que, da eclusa mais alta até a serraria, sabem conduzir sua frota de abetos sem que lhes aconteça nenhum infortúnio, certamente têm motivos para se congratular; mas que esperem semanas e meses de antes de ficarem totalmente tranquilos, pois o cortejo das doenças os segue com seu passo manco.

Além disso, às vezes seus esforços para levar os pinheiros até a serra que os cortará em vigas e tábuas são em vão; falta água no riacho e, apesar de toda a engenhosidade e força dos trabalhadores, eles não conseguem fazer flutuar as pesadas massas, que param aqui e ali nos bancos de seixos e nas pontas das rochas. Eles são obrigados a esperar pelas enchentes, que colocam todos os troncos encalhados de volta na água; mas então estes, às vezes levados muito cedo e muito rápido, ultrapassam as margens onde são esperados e vão para longe, apesar dos trabalhadores que os aguardavam na passagem. Na foz dos rios que descem dos Apeninos para o Mediterrâneo, multidões de abetos, repentinamente surpreendidos pelas inundações, perdem-se assim no mar e formam ondas móveis, que os marinheiros estrangeiros confundem à distância com recifes. Os barqueiros, que se lançam em perseguição aos troncos escapados, vão pescá-los como cachalotes e os trazem amarrados à popa de suas

barcas.

Mais cedo ou mais tarde, essa indústria de flutuação, atualmente relegada às gargantas das montanhas mais altas e de difícil acesso, deixará de existir. As estradas e os caminhos transitáveis sobem pouco a pouco do fundo dos vales para escalar os promontórios e penetrar nos circos mais elevados das montanhas; os caminhos de ferro, os planos inclinados e todos os poderosos engenhos inventados pelo homem vêm ao serviço do lenhador para facilitar a sua tarefa; as florestas, sitiadas pelos agricultores, recuam para os cumes e, onde se mantêm, mesmo onde ganham extensão, assumem um aspecto totalmente novo, pois as árvores, em vez de crescerem livremente, são plantadas em quincôncio a distâncias regulares e crescem sob a supervisão de guardas florestais que as cortam antes da idade. Nossos descendentes só conhecerão por tradição o transporte de madeira flutuante, essa forma rudimentar de navegação que, sem dúvida, inspirou os ancestrais selvagens de Cook e Bougainville a se aventurarem nas ondas do oceano. Agora disciplinadas, as águas dos riachos não nos prestarão mais o serviço burguês de transportar para nossas cidades jangadas de lenha, sarmentos, troncos e feixes de lenha.

CAPÍTULO XVIII - A ÁGUA NA CIDADE

Em nossos países da Europa civilizada, onde o homem intervém em todos os lugares para modificar a natureza a seu bel-prazer, o pequeno curso de água deixa de ser livre e passa a pertencer aos seus ribeirinhos. Eles o utilizam como bem entendem, seja para regar suas terras, seja para moer seu trigo; mas, muitas vezes, também não sabem como empregá-lo de forma útil; eles o aprisionam entre muros mal construídos que a correnteza destrói; eles desviam as águas para baixios onde elas ficam em poças pestilentas; eles o encham de lixo que deveria servir de fertilizante para seus campos; transformam o alegre riacho em um esgoto imundo.

Ao se aproximar da grande cidade industrial, o riacho fica cada vez mais sujo. As águas domésticas das casas que o margeiam se misturam à sua corrente; viscosidades de todas as cores alteram sua transparência, detritos impuros cobrem suas margens lamacentas e, quando o sol as seca, um odor fétido se espalha pela atmosfera. Finalmente, o riacho, transformado em esgoto, entra na cidade, onde seu primeiro afluente é um esgoto repugnante, com uma enorme boca oval, fechada por grades. Quase sem corrente, devido à falta de inclinação, a massa lamacenta rola lentamente entre duas fileiras de casas com paredes cobertas de algas esverdeadas, com madeiras meio corroídas pela umidade e rebocos descascando. Para essas casas, fábricas insalubres onde trabalham os curtidores, os tintureiros e outros industriais, a corrente lamacenta ainda é uma riqueza, e os operários vão incessantemente buscar a água fétida. As margens perderam toda a sua forma natural; agora são paredes perpendiculares onde são dispostos aqui e ali alguns degraus de escadas; as margens são pavimentadas com lajes escorregadias; os meandros são substituídos por curvas bruscas; em vez de galhos e folhagens, roupas sujas penduradas em varas balançam acima do fosso, e barreiras de tábuas, lançadas de um cais a outro, marcam os limites das propriedades acima da corrente escura. Finalmente, a massa lamacenta penetra sob uma arcada sinistra. O riacho que vi jorrar à luz, tão límpido e alegre, fora da fonte natal, não é mais do que um esgoto no qual toda uma cidade despeja seu lixo.

A poucos quilômetros de distância, o contraste é absoluto. Lá em cima, no

campo aberto, a água brilha ao sol e, transparente, apesar de sua profundidade, deixa ver as pedras brancas, a areia e as ervas tremulantes de seu leito; ela murmura suavemente entre os juncos; os peixes lançam-se através da corrente como flechas de prata e os pássaros rasam-na com suas asas. Flores nascem em touceiras em suas margens, árvores cheias de seiva exibem ao longe seus galhos e, e o caminhante que segue a margem pode descansar à vontade à sua sombra, contemplando o gracioso quadro que se estende entre dois meandros. Quão diferente é o riacho sob o pavimento retumbante das cidades! A água é bem a mesma em substância, mas apenas para o químico; ela está misturada com tantos detritos que se tornou viscosa. Não há mais luz na avenida escura, a não ser, de vez em quando, um raio que passa entre duas barras de ferro e se reflete na parede pegajosa. A vida parece ausente dessa escuridão; no entanto, ela existe: cogumelos, alimentados pela podridão, se aconchegam nos cantos; ratos se escondem nos buracos, entre as pedras soltas. Os únicos transeuntes que se aventuram nesse triste lugar são os esgoteiros encarregados de restabelecer o escoamento removendo os montes de lama, e os “devastadores”, industriais famintos, que, empoleirados no pântano fétido, remexem com as mãos para encontrar alguma moeda ou outros objetos caídos da rua pelos ralos.

Finalmente, a massa infecta, ajudada pelo ancinho dos trabalhadores ou por tempestades repentinas, chega ao rio e despeja-se pesadamente nele. Negra ou violácea, ela rasteja ao longo dos cais e permanece distinta da água relativamente pura da corrente por uma linha sinuosa claramente traçada. Por muito tempo, acompanhamos com o olhar, escorrendo ao lado do rio e recusando-se a se misturar com ele; mas os redemoinhos, as correntes e os refluxos de todos os tipos causados pelas irregularidades do fundo e pelas sinuosidades das margens resultam na mistura das águas; a linha de separação desaparece pouco a pouco, grandes bolhas transparentes surgem do fundo através da massa lamacenta; os sedimentos impuros, mais pesados que a água que os transporta, depositam-se nas praias e nas depressões do leito. O riacho se purifica cada vez mais; mas, ao mesmo tempo, deixa de ser ele mesmo e se perde na poderosa massa líquida do rio que o leva para o oceano. Sua corrente se divide em filetes, que por sua vez se dividem em gotas e gotículas, todas as moléculas se confundem. A história do riacho acaba de terminar, pelo menos em aparência.

No entanto, a boca do grande esgoto não vomitou no rio toda a massa de água que corria entre as margens sombreadas a montante da cidade e das suas

fábricas. Enquanto uma parte da corrente continua a seguir o leito natural, transformado em vala e depois em canal subterrâneo pela mão do homem, e se arrasta pesadamente ao longo dos cais, outra parte do riacho, desviada de seu curso normal, entrou em um grande aqueduto e se dirigiu para a cidade, seguindo a encosta das colinas e passando por enormes sifões abaixo das ravinas. A água, protegida contra a evaporação pelas paredes de pedra ou metal que a rodeiam, enche, ao entrar na cidade, um vasto reservatório de alvenaria, uma espécie de lago artificial onde o líquido repousa e se purifica. É lá que ela escorre para se e distribuir, de bairro em bairro, de rua em rua, de casa em casa, de andar em andar, por tubulações ramificadas infinitamente, sobre a imensa superfície habitada. A água é indispensável em todos os lugares; é necessária para limpar os pavimentos e as residências; é necessária para abeberar todos os seres vivos, desde os homens e os animais que os servem até à modesta flor que desabrocha na janela dos sótãos e ao relvado que é regado pela névoa iridescente das fontes. Com seus milhões e bilhões de bocas e poros absorvendo incessantemente veias, gotículas ou simplesmente a umidade derivada do riacho, a cidade se torna como um imenso organismo, um monstro prodigioso que engolfa torrentes de uma só vez. Há cidades que não se contentam com um único riacho e bebem de vários ao mesmo tempo, que correm de todos os lados por aquedutos convergentes. Uma capital — é verdade que essa capital é Londres, a cidade mais populosa do mundo inteiro — bebe nada menos que meio milhão de metros cúbicos por dia, o suficiente para encher um lago onde flutuariam confortavelmente cem navios de alto bordo.

Depois de se ramificar infinitamente pelas ruas e casas, a água dos aquedutos, agora suja pelo uso e misturada com impurezas de todos os tipos, deve retomar seu caminho para fugir da cidade, onde causaria a peste. Cada laje, como uma boca imunda, vomita águas domésticas; cada sarjeta escorre seu pequeno torrente fétido; em cada esquina, uma cascata vermelha ou enegrecida se precipita em um poço. Esse fluxo impuro, único riacho que a criação de nossas cidades pode estudar, contribui, mais do que se imagina, para fazê-la amar a natureza. Ainda me lembro: quando chuvas abundantes removiam o lodo da vala e enchiam o leito até as margens, construíamos nossas barragens, confinávamos a corrente em um desfiladeiro, fazíamos com que ela se precipitasse em corredeiras, formávamos ilhas ou penínsulas à vontade. Tornados homens, os pequenos engenheiros que chapinhavam com tanta alegria na vala não conseguem se lembrar sem prazer de suas brincadeiras de infância;

apesar de si mesmos, olham com certa emoção para o fio de água barrenta que se arrasta ao longo da calçada. Desde a sua juventude, no espaço de uma geração, quantos detritos arrastados por essa corrente viscosa encontraram o seu caminho para o mar! Até o sangue dos cidadãos se misturou com essa lama!

De todos os canais laterais, as impurezas vão para o grande esgoto, que muitas vezes é o leito do antigo riacho, de modo que a cidade se assemelha a esses pólipos cujo único orifício se abre tanto para a alimentação quanto para os dejetos. No entanto, na maioria das avenidas subterrâneas de nossas cidades, teve-se o cuidado de estabelecer uma certa separação entre as duas correntes. Tubos de ferro justapostos servem de leito para dois riachos que correm em sentidos opostos: um é o fluxo de água pura que se ramifica nas casas, o outro é a massa de água suja que sai delas. Como no corpo do animal, as artérias e veias se acompanham; forma-se um círculo ininterrupto entre o fluxo que traz a vida e aquele que traria a morte.

Infelizmente, o organismo artificial das cidades ainda está muito longe de se assemelhar perfeitamente aos órgãos naturais dos corpos vivos. O sangue venoso, expulso do coração para o pulmão, renova-se ali em contato com o ar: ele se livra de todos os produtos impuros da combustão interna e, recebendo do exterior o alimento de sua própria chama, pode recomeçar sua viagem do coração às extremidades e transportar o calor e a vida da artéria para a arteríola. Em nossas cidades, ao contrário, corpos informes onde se esboça a organização, a água suja continua a fluir nos esgotos e vai poluir os rios, onde se purifica lentamente, sem ser recuperada pela indústria humana para alimentar a cidade, entrando na circulação subterrânea. Mas essa purificação, que a ciência do homem tem o erro de não realizar, as forças da natureza trabalham em conjunto com os habitantes das águas. Em todas as bocas de esgoto onde o anzol ávido do pescador com linha não mergulha incessantemente, multidões de peixes, às vezes amontoados em verdadeiros cardumes como os arenques do mar, se alimentam com volúpia dos restos de festas trazidos pela torrente lamacenta; o lodo das paredes e margens, as ervas trêmulas do fundo também retêm e incorporam à sua subsistência as moléculas de lama que as banham; os detritos mais pesados descem e se misturam ao cascalho, os destroços são rejeitados na margem ou param nos bancos de areia; pouco a pouco, a água se clarifica; graças à sua fauna e flora, ela se livra até mesmo das substâncias dissolvidas que a desnaturaram e, se em seu curso não fosse novamente contaminada por outras impurezas provenientes das cidades ribeirinhas, acabaria por recuperar

sua pureza original antes de chegar ao oceano.

Na cidade do futuro, o que a ciência recomendar será também o que os homens farão. Já várias cidades, especialmente na inteligente Inglaterra, tentam criar um sistema arterial e venoso que funcione com perfeita regularidade e se conecte entre si, de modo a completar um pequeno circuito de águas, análogo ao que ocorre na grande natureza entre as montanhas e o mar, através das fontes e das nuvens. À saída da cidade, as águas de esgoto, aspiradas por máquinas, como o sangue é aspirado pelo movimento dos músculos, serão direcionadas para um grande reservatório abobadado, onde os detritos arrastados se misturarão em um líquido lamacento. Lá, outras máquinas capturarão a massa fétida e a lançarão em jatos nos canais que se ramificam em várias direções sob o solo do campo. Aberturas feitas a cada certa distância nos aquedutos permitirão despejar o excesso em quantidades medidas em todos os campos empobrecidos que precisam ser regenerados com fertilizantes. Essa lama escorregadia, que seria a morte das populações se permanecesse nas cidades ou se arrastasse pelos rios ao longo das margens, torna-se, ao contrário, a própria vida das nações, pois se transforma em alimento para o homem. O solo mais infértil e até mesmo a areia pura dão origem a uma vegetação exuberante quando são regados com esses líquidos; por sua vez, a água, que servia de veículo para todas as impurezas do esgoto, agora é limpa pelas operações químicas das raízes e radículas; recolhida subterraneamente em condutos paralelos aos aquedutos de água suja, ela pode retornar à cidade para limpá-la e abastecê-la, ou fluir para o rio sem turvar sua corrente límpida. Enquanto antigamente, abaixo da primeira cidade cujos cais banhava, o rio não passava de um imenso canal de esgoto até o oceano, hoje ele recupera sua beleza dos tempos antigos; os edifícios das cidades e os arcos das pontes, que durante séculos se refletiram apenas em águas turvas, voltam a espelhar-se em águas transparentes.

CAPÍTULO XIX - O RIO

A massa inteira do rio nada mais é do que o conjunto de todos os riachos, visíveis ou invisíveis, sucessivamente engolidos: é um riacho ampliado dezenas, centenas ou milhares de vezes, e, no entanto, difere singularmente em sua aparência do pequeno curso de água que serpenteia pelos vales laterais. Como o pequeno afluente que mistura uma corrente humilde à sua poderosa massa, ele pode ter suas quedas e corredeiras, seus desfiladeiros e funis, seus bancos de pedras, seus recifes e ilhotas, suas margens e falésias; mas é muito menos variado que o riacho e os contrastes que oferece em seu regime são muito menos impressionantes. Maior, ele nos surpreende pelo volume de suas águas, pela força de sua corrente; mas permanece uniforme e quase sempre semelhante a si mesmo em seu aspecto majestoso. Mais pitoresco, o riacho desaparece e reaparece alternadamente: vemos-o fugir sob as sombras, espalhar-se numa bacia, depois mergulhar novamente numa cascata como um jato de raios para se enfiar novamente num buraco negro. Mas o riacho não é superior ao rio apenas pelo imprevisível de seu curso e pela beleza de suas margens, mas também pela relativa fúria de suas águas: proporcionalmente ao seu pequeno tamanho, ele é muito mais forte do que o grande rio Amazonas para escavar suas margens, modificar seus meandros, depositar bancos de areia ou construir ilhotas. É através de seus agentes mais fracos que a natureza revela melhor sua força. Vista ao microscópio, a gotícula que se formou sob a rocha realiza uma obra geológica proporcionalmente muito maior do que a do oceano sem limites.

Por sua vez, o homem soube até agora utilizar muito melhor as águas do riacho do que as do grande rio. Apenas uma milésima parte de sua força é empregada na indústria; suas águas, longe de se derramarem sobre o campo em canais fertilizantes, são, ao contrário, contidas por diques laterais e retidas inutilmente em seu leito. Enquanto o riacho já pertence à história da humanidade no período industrial, que é o mais avançado de todos, o rio representa apenas uma época já muito antiga das sociedades, aquela em que os cursos de água serviam apenas para fazer flutuar embarcações. Além disso, essa utilidade diminui constantemente em importância relativa nos dias de hoje,

devido às estradas transitáveis e às ferrovias que facilitam o transporte nas zonas ribeirinhas. Antes que o agricultor e o industrial possam confiar no rio para seu benefício, eles precisam deixar de temer suas variações e ser capazes de controlar seu caudal de acordo com suas necessidades. E mesmo quando a ciência lhes fornecer os meios para domar o rio e controlá-lo, eles serão impotentes enquanto permanecerem isolados em seus trabalhos e não se associarem para regularizar em conjunto a força ainda brutal da massa de água que corre quase inutilmente diante deles. Como nossos antepassados, ainda somos forçados a olhar para o rio com uma espécie de terror religioso, uma vez que não o domamos. Não é, como o riacho, uma graciosa náíade com cabelos coroados de juncos; é um filho de Netuno que empunha um tridente com sua mão formidável.

Para contemplar em toda a sua majestade um desses poderosos cursos de água e compreender que temos diante dos olhos uma das forças em movimento da terra, não é preciso fazer uma longa viagem, atravessar o velho mundo e visitar perto de sua foz o Brahmaputra e o Yangtze, ambos filhos de um deus; também não é preciso atravessar o Atlântico e viajar pelo Mississipi, pelo Orinoco ou pelo rio Amazonas, largo como um mar e repleto de arquipélagos. Basta, dentro dos limites do próprio país em que se vive, seguir as margens de um desses cursos de água que diminuem a velocidade e se alargam ao aproximarem-se do estuário, onde as suas águas tranquilas se misturam com as ondas do oceano. Visite a parte baixa do rio Somme ou o rio Sena perto de Tancarville, o rio Loire entre Paimbœuf e Saint-Nazaire, os rios Garonne e Dordogne no local onde se unem para formar o mar da Gironda! Visite especialmente a ponta norte da Camargue, onde o rio Ródano se divide em dois braços!

O rio é imenso e calmo. A enorme massa, com mais de um quilômetro de largura, divide-se sem esforço entre as duas correntes: apenas alguns redemoinhos de espuma giram ao abrigo de um molhe que prolonga a ponta da ilha em forma de esporão. À esquerda, o menor braço, chamado de pequeno Ródano, é, no entanto, um curso de água poderoso, mais forte que o Garonne, o Loire ou o Sena; à direita, o grande Ródano corre sob o olhar até uma margem indistinta, ladeada por salgueiros, que está parcialmente coberta pela névoa do espaço. No imenso círculo do horizonte, só se vê a água ou as terras trazidas pelo rio e depositadas camada por camada, molécula por molécula; apenas a leste, distinguem-se alguns dos picos rochosos dos Alpes, azuis como o céu, e a

norte aparecem vagamente os picos cónicos de Beaucaire, ao pé dos quais começa o antigo golfo marinho que os aluviões do rio foram gradualmente preenchendo. Ilhas, penínsulas, margens, tudo é composto por areia escura que o Ródano e seus afluentes misturaram, depois de receber dos torrentes superiores as rochas trituradas dos Alpes, do Jura e das Cévennes. A grande terra da Camargue, cujas margens se perfilam ao longe entre os dois Ródanos e que tem nada menos que oitocentos quilômetros de superfície, é ela própria um presente do rio, e fazia outrora parte das montanhas da Suíça e da Sabóia. Tal é a obra geológica da corrente, e essa obra colossal continua incessantemente. No entanto, o silêncio mais profundo paira sobre essas ondas poderosas. Sentado à sombra dos salgueiros, seria em vão tentar perceber o murmúrio da cidade de Arles, cujas arcadas romanas e torres sarracenas podem ser distinguidas na névoa, se nos levantarmos. O único ruído que se ouve é o das locomotivas e vagões que circulam do outro lado do rio, sacudindo o solo. Não se vêem, e o seu trovão distante, que se harmoniza tão bem com a imensidão do Ródano, parece ser a única voz do rio. Imagina-se que o filho do mar deve ter, como o oceano, seu ruído eterno e formidável.

Abaixo de sua bifurcação, os dois rios desenrolam, cada um de seu lado, os longos meandros de seu curso. As águas, rejeitadas de uma margem à outra, rasam o sopé da última colina e refletem as torres da última cidade. Já a fumaça que se eleva das casas se confunde com a névoa distante e, nas margens, ladeadas por árvores de casca prateada, só se veem cabanas e raras vilas meio perdidas no verde. Finalmente, a última casa também é ultrapassada; estaríamos em plena solidão, se algumas embarcações negras, semelhantes a grandes insetos, não navegassem pelo rio. As árvores da margem tornam-se cada vez mais raras e baixam de altura; logo, não passam de arbustos; depois, estes também desaparecem: não resta outra vegetação além dos juncos no solo ainda lamacento, mal emergindo acima da água turva.

Aqui, a natureza antiga se revê tal como existia há milhares de séculos, antes da presença do homem nas margens do rio e dos riachos que nele desaguam. Como na época do plesiossauro, a terra e a água se confundem em uma espécie de caos: bancos de lama, ilhotas emergem aqui e ali, mas mal se distinguem da água que as penetra, brilham como ela e refletem as nuvens do espaço; camadas líquidas se espalham entre essas ilhotas, mas se misturam com a lama do fundo: elas próprias são lodo, apenas mais fluidas do que o lodo das margens. Por todos os lados, estamos rodeados por terras em formação e, no

entanto, já nos encontramos como no meio do mar, tanto a superfície do solo é uniforme e o horizonte regular. É que, na verdade, todo o espaço abrangido pelo olhar era outrora o mar. O rio o preencheu pouco a pouco; mas o solo recentemente depositado ainda não está consolidado; sem imensos trabalhos de drenagem, ele não poderia ser adequado para a permanência do homem, pois miasmas mortais escapam de suas lamas e águas corrompidas.

Chegando a essa área que antes era do oceano, o rio, gradualmente desacelerado, se espalha cada vez mais e, ao mesmo tempo, se torna menos profundo. Finalmente, ele se aproxima do mar, e suas águas doces, deslizando em uma camada d e tranquilo, vão colidir com as ondas espumosas da água salgada, que se desenrolam com um ruído de trovão contínuo. No conflito das massas líquidas que se chocam, a água do rio logo se mistura com as ondas do imenso abismo, mas, ao se perder, ela ainda trabalha. Todas as nuvens de lama que ela havia recolhido nas margens e mantinha em suspensão são repelidas pelas ondas para o leito do rio; não podendo avançar mais, elas se depositam no fundo e formam assim uma espécie de barreira móvel que serve como limite temporário entre os dois elementos em conflito. Ao se depositar molécula por molécula, o banco que obstrui a foz do rio não para de se mover para se reformar mais adiante; empurradas pela correnteza do rio, incessantemente aumentadas por novos aportes, as lamas são levadas mais adiante no mar e, pouco a pouco, toda a massa acaba avançando. De século em século, de ano em ano, de dia em dia, esse rio, que parecia impotente contra o imenso mar, invade-o, e é possível até calcular quanto ele avançará em um determinado período, tamanha é a uniformidade de seu avanço. Bem, essa vitória do rio sobre o oceano é conquistada pelos milhares de pequenos riachos e córregos das colinas e montanhas. São eles que corroem as paredes dos desfiladeiros, que rolam os pedaços de rocha, que esmagam e trituram os seixos, que arrastam as areias e diluem as argilas. São eles que, pouco a pouco, rebaixam os continentes para os espalhar no mar em vastas planícies onde, mais cedo ou mais tarde, o homem escavará os seus portos e construirá as suas cidades.

CAPÍTULO XX - O CICLO DAS ÁGUAS

Assim como os grandes rios, o Ródano, o Danúbio ou o Amazonas, o mar é composto por milhares e milhões de riachos que desaguam em seus afluentes. Depois de se misturarem pela primeira vez no rio, essas águas, vindas de todos os pontos dos continentes, se misturam ainda mais completamente nas imensas profundezas do abismo marinho, grande o suficiente para conter a água que todas as fozes dos rios lhe trariam durante cinquenta milhões de anos. Por meio de seus movimentos de fluxo e refluxo, suas ondas, suas tempestades, suas correntes e contracorrentes, ele transporta a água de todos os rios de um extremo ao outro do globo. A gotícula, proveniente da rocha em uma caverna nas montanhas, dá a volta ao planeta; purificada dos sedimentos terrestres que carregava, dissolve moléculas salinas e, de onda em onda, dependendo das regiões por onde passa, muda de peso específico, salinidade, cor e transparência; a fauna infinitamente pequena que a habita também se modifica sob os diversos climas: ora são animálculos fosforescentes que a povoam e a fazem brilhar durante as noites como uma centelha, ora são outros infusórios que a fazem parecer uma mancha de leite. Sua temperatura também varia infinitamente. Nos mares polares, a gotícula se transforma em um pequeno cristal de gelo; nos mares equatoriais, ela esfria o suficiente para que os corais possam depositar suas moléculas de pedra. Comparado ao oceano sem limites, o riacho das montanhas não é nada, e, no entanto, suas águas, divididas infinitamente, se encontrariam em todos os mares e em todas as margens, se fosse possível acompanhá-las em seu imenso circuito.

Para cada gota marinha que outrora correu no riacho, a duração da viagem difere: uma, mal entrando no oceano, é capturada pelas frondes de uma alga e serve para inchar seus tecidos; outra é absorvida por um organismo animal; uma terceira, presa em um cristal de sal, se deposita em uma praia arenosa; outra ainda se transforma em vapor e sobe invisível no espaço. Esse é o caminho que, mais cedo ou mais tarde, cada molécula aquosa percorre; liberada por sua expansão repentina, ela escapa dos laços que a mantinham presa à superfície horizontal dos mares e sobe para a atmosfera, onde viaja como viajou no oceano, mas sob outra forma. O vapor de água penetra assim toda a massa

aérea, mesmo acima dos desertos escaldantes, onde em centenas de quilômetros não corre um único fio de água; ele sobe até os limites extremos do oceano atmosférico, a sessenta quilômetros de altura perpendicularmente acima da superfície marinha, e sem dúvida que uma parte desse vapor também encontra e o caminho para outros sistemas de planetas ou sóis, pois os bólidos, que atravessam os céus estrelados como flechas luminosas e lançam suas faíscas sobre o solo, devem em troca levar consigo um pouco de ar úmido que oxida sua superfície.

No entanto, o vapor de água que escapa da esfera de atração terrestre para se juntar aos meteoros e alcançar os astros distantes é relativamente insignificante; o grande mar de umidade, mantido em suspensão na atmosfera, está destinado quase inteiramente a cair de volta sobre o globo terrestre. As inúmeras moléculas de vapor permanecem invisíveis enquanto o ar não estiver saturado; mas quando o aumento da umidade ou a diminuição da temperatura determinam o ponto de saturação, as partículas de vapor se condensam, transformando-se em gotículas de neblina ou nuvem e aglomerando-se com milhões de outras moléculas em imensos aglomerados suspensos nas alturas do ar. Muito pesadas, essas nuvens se transformam em chuvas e aguaceiros no oceano de onde saíram ou, empurradas pelos ventos, são levadas para cima dos continentes, onde colidem com as encostas das colinas, nas rampas dos planaltos, nas cristas e nos picos das montanhas. Elas caem na forma de chuva ou neve; então, gotas e flocos, divididos infinitamente, penetram na terra por cavernas, fendas nas rochas e interstícios do solo fértil. Por muito tempo, a água permanece escondida, depois reaparece à luz em fontes alegres e recomeça sua viagem em direção ao oceano pelos leitos inclinados dos riachos, rios e rios.

Este grande circuito das águas não é a imagem de toda a vida? Não é o símbolo da verdadeira imortalidade? O corpo vivo, animal ou vegetal, é um composto de moléculas em constante mudança, que os órgãos respiratórios ou nutricionais captam do exterior e introduzem no turbilhão da vida; arrastadas pela corrente circulatória da seiva, do sangue ou de outros líquidos, elas ocupam um lugar num tecido, depois noutro, e noutro ainda; viajam assim por todo o organismo até que finalmente são expelidas e retornam ao grande mundo exterior, onde seres vivos, aos milhões e bilhões, se aglomeram e lutam para se apoderar delas como se fossem presas e usá-las por sua vez. Aos olhos do anatomista e do micrográfico, cada um de nós, apesar de seu esqueleto rígido e das formas definidas de seu corpo, nada mais é do que uma massa líquida, um

rio onde fluem com maior ou menor velocidade, como em um leito preparado de antemão, moléculas incontáveis, provenientes de todas as regiões da Terra e do espaço, e recomeçando sua viagem infinita, após uma breve passagem por nosso organismo. Semelhantes ao riacho que escorre, mudamos a cada instante; nossa vida se renova a cada minuto, e se acreditamos permanecer os mesmos, isso não passa de pura ilusão e de nossa mente.

Assim como o homem considerado isoladamente, a sociedade como um todo pode ser comparada à água que escorre. A cada hora, a cada instante, um corpo humano, simples milionésimo da humanidade, sucumbe e se dissolve, enquanto em outro ponto do globo uma criança surge da imensidão das coisas, abre os olhos para a luz e se torna um ser pensante. Assim como em uma planície, todos os grãos de areia e todas as partículas de argila foram rolados pelo rio e depositados em suas margens, da mesma forma toda a poeira que cobre o globo correu com o sangue do coração nas artérias de nossos ancestrais. De idade em idade, as gerações se sucedem, modificando-se pouco a pouco: os bárbaros de aparência bestial, lutando pela supremacia com os animais ferozes, são substituídos por seres mais inteligentes, aos quais a experiência e o estudo da natureza ensinaram a arte de criar animais e cultivar a terra; então, de progresso em progresso, os homens conseguem fundar cidades, transformar matérias-primas, trocar seus produtos, estabelecer relações entre uma parte do mundo e outra; eles se civilizam, ou seja, seu tipo se enobrece, seu crânio se torna mais vasto, seu pensamento mais amplo, e, em um círculo cada vez mais largo, os fatos se agrupam em suas mentes. Cada geração que perece é seguida por uma geração diferente, que, por sua vez, dá impulso a outras multidões. Os povos se misturam aos povos como os riachos aos riachos, os rios aos rios; mais cedo ou mais tarde, eles formarão uma única nação, assim como todas as águas de uma mesma bacia acabam se confundindo em um único rio. A época em que todas essas correntes humanas se unirão ainda não chegou: raças e povos diversos, sempre apegados à terra natal, ainda não se reconheceram como irmãos; mas estão se aproximando cada vez mais; a cada dia se amam mais e, em conjunto, começam a olhar para um ideal comum de justiça e liberdade. Os povos, tornados inteligentes, certamente aprenderão a se associar em uma federação livre: a humanidade, até agora dividida em correntes distintas, será apenas um único rio e, reunidos nessa única corrente, desceremos juntos em direção ao grande mar, onde todas as vidas se perderão e se renovarão.

FIM